



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
ESTUDOS DA LINGUAGEM

Carla Gomes Barbosa

**UM ESTUDO PROSÓDICO DO MARCADOR DISCURSIVO *UAI* NO
FALAR MINEIRO**

Mariana

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
ESTUDOS DA LINGUAGEM

Carla Gomes Barbosa

UM ESTUDO PROSÓDICO DO MARCADOR DISCURSIVO *UAI* NO
FALAR MINEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof. Dr^a. Leandra Batista Antunes

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B238e Barbosa, Carla Gomes.

Um estudo prosódico do marcador discursivo uai no falar mineiro.
[manuscrito] / Carla Gomes Barbosa. - 2023.
95 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Leandra Batista Antunes.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Versificação. 2. Língua portuguesa - Regionalismos. 3. Prosódia. 4. Marcador discursivo. I. Antunes, Leandra Batista. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 801(815.1)(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Carla Gomes Barbosa

“Um estudo prosódico do marcador discursivo uai no falar mineiro”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 24 de agosto de 2023

Membros da banca

Profa. Dra. Leandra Batista Antunes - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Adriana Nascimento Bodolay - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
- UFVJM

Profa. Dra. Leandra Batista Antunes, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 24/08/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Leandra Batista Antunes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/10/2023, às 20:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0578044** e o código CRC **1A5438D0**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, pois sem Ele nada na minha vida seria possível. Nos momentos de ansiedade e aflição, encontrei refúgio na oração, fortalecendo-me e dando-me confiança.

Gostaria de agradecer especialmente à minha orientadora, Leandra, por sempre acreditar em mim, mesmo quando eu duvidava das minhas próprias capacidades. Ela me incentivou e mostrou que eu seria capaz, mesmo quando minha confiança estava abalada. Além disso, sou grata por ela ter me apresentado e ensinado a amar esse campo sensacional da Linguística que é a Prosódia.

Também gostaria de expressar minha gratidão à professora Soélis, que ministrou com excelência a disciplina de Aquisição e Aprendizagem de Língua Materna. Ela não apenas contribuiu para o meu aprendizado, mas também me auxiliou com meu pré-projeto para ingressar no Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, um sonho que sempre acalentei.

Minha gratidão se estende a toda a minha família e aos meus amigos, com destaque para meus pais, Helena e Carlos, e meu marido, Vinícius, que estiveram sempre presentes e me apoiaram incondicionalmente ao longo dessa jornada.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a todos os meus amigos e colegas do curso de Letras, que me ajudaram direta ou indiretamente na conclusão desta pesquisa. Em particular, gostaria de agradecer imensamente às minhas amigas Michelle e Hêmille, que me ofereceram uma ajuda inestimável, assim como a Leidi e Vitor, por sempre me ouvirem mesmo quando eu precisava desabafar e reclamar.

Essas pessoas foram fundamentais para o meu sucesso, e sou grata por todo o apoio e incentivo que recebi ao longo dessa jornada acadêmica.

Muito obrigada!

*“Ser mineiro é não dizer o que faz,
nem o que vai fazer.
É fingir que não sabe aquilo que sabe,
é falar pouco e escutar muito,
é passar por bobo e ser inteligente,
é vender queijos e possuir bancos.
Um bom mineiro não laça boi com embira,
não dá rasteira no vento,
não pisa no escuro,
não anda no molhado,
não estica conversa com estranhos,
só acredita na fumaça quando vê o fogo,
só arrisca quando tem certeza,
não troca um pássaro na mão por dois voando.
Ser mineiro é dizer 'uai',
é ser diferente,
é ter marca registrada,
é ter história.
Ser mineiro é ter simplicidade e pureza,
humildade e modéstia,
coragem e bravura,
fidalguia e elegância.
Ser mineiro é ver o nascer do sol e o brilhar da lua,
é ouvir o cantar dos pássaros e o mugir do gado,
é sentir o despertar do tempo e o amanhecer da vida.
Ser mineiro é ser religioso conservador,
cultivar as letras e as artes,
é ser poeta e literato,
é gostar de política e amar a liberdade,
é viver nas montanhas, é ter vida interior.”*

Batista Queiroz

RESUMO

O marcador discursivo – MD – *uai* e suas variantes *uê* e *ué* são comumente relacionados ao falar mineiro e muito se tem questionado sobre seu significado em uma frase. Argumentamos que esse MD pode significar diversos estados afetivos do falante, como dúvida, espanto, afirmação, entre outros, e que cabe à Prosódia, junto ao contexto, contribuir para a construção do sentido do *uai* na interação verbal. Tendo em vista o importante papel que a Prosódia desempenha na construção dos significados na enunciação, incluindo os sentidos dos MDs, o presente trabalho tem por objetivo analisar a construção de sentido do *uai* e suas variantes na enunciação de modo a investigar suas características prosódicas e determinar como a prosódia participa na construção dos significados deste marcador discursivo. Para tal, foram feitas análises acústicas e enunciativas de trechos de falas masculinas nas Reuniões Ordinárias da Câmara Municipal de Ouro Preto em que ocorram um dos MDs em estudo. A análise enunciativa buscou descrever, perceptivamente, os possíveis sentidos do *uai* e suas variantes, no falar mineiro dentro de um recorte da comunidade de fala ouropretana, a partir dos trechos selecionados. Para tal, analisamos cada ocorrência em seus respectivos contextos para compreender e descrever seus significados, considerando o contexto no qual os discursos ocorriam. De forma geral encontramos 4 sentidos para os MDs, a saber: afirmação, dúvida, contestação e desagrado. Os aspectos prosódicos analisados foram a configuração geral da frequência fundamental (F0), a duração dos enunciados e dos MDs, a ocorrência e duração das pausas antes e depois de cada marcador e a intensidade média da realização de cada marcador. O estudo sobre F0 constatou que a maioria dos MDs apresenta curva melódica descendente, com algumas variações. Os MDs apresentaram, também, duração curta e frequentemente foram seguidos por pausas. Para os valores de intensidade, observamos maiores médias nos usos de *uai* com sentido de contestação. Sobre a prosódia enquanto fator que contribui para a construção de sentidos do MD *uai* e suas variantes, alguns parâmetros prosódicos se mostraram relevantes para distinguir os sentidos atribuídos ao termo. Sobre os dados de afirmação encontramos que a maioria apresentou curva melódica descendente, correlação entre os enunciados e seus respectivos MDs e pausa prosódica após o MD. Para os dados de contestação, a maioria apresentou curva descendente, correlação entre os enunciados e seus respectivos MDs, intensidade maior e pausa antes da realização dos MDs. Para os dados de desagrado, encontramos a maioria com curva descendente, uma menor variabilidade, intensidade menor e pausa após o MD. Por fim, para os dados de dúvida, a maioria com curva descendente, maior variabilidade dos dados, assimetria negativa, correlação entre os enunciados e seus respectivos MDs, maior duração, pausa antes do MD. Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para o avanço do conhecimento dos marcadores discursivos em contexto brasileiro, principalmente no que tange aos marcadores aqui estudados, *uai*, *uê* e *ué*, fornecendo uma compreensão mais aprofundada de suas funções e propriedades acústicas mostrando, também, sua relevância dentro dos estudos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: *Uai* na fala mineira; prosódia do marcador discursivo *uai* e suas variantes; função atitudinal da prosódia; *uai* de afirmação; *uai* de dúvida; *uai* de contestação; *uai* de desagrado.

ABSTRACT

The discourse marker - DM - "uai" and its variants "uê" and "ué" are commonly associated with the speech of the people from Minas Gerais, Brazil. There has been much debate about their meaning in a sentence. We argue that these discourse markers can represent various affective states of the speaker, such as doubt, surprise, affirmation, among others. It is the prosody, along with the context, that contributes to the construction of the meaning of "uai" in verbal interaction. Considering the important role that prosody plays in the construction of meanings in utterances, including the meanings of discourse markers, this study aims to analyze the meaning construction of "uai" and its variants in utterances in order to investigate their prosodic characteristics and determine how prosody participates in the construction of the meanings of these discourse markers. To achieve this goal, acoustic and enunciative analyses were conducted on excerpts of male speech during the Ordinary Meetings of the Municipal Council of Ouro Preto where one of the studied discourse markers occurred. The enunciative analysis sought to perceptively describe the possible meanings of "uai" and its variants in the Minas Gerais speech within a specific community of speakers in Ouro Preto, based on the selected excerpts. Each occurrence was analyzed within its respective context to understand and describe its meanings, considering the context in which the speeches took place. In general, we found four meanings for the discourse markers: affirmation, doubt, contestation, and displeasure. The prosodic aspects analyzed included the overall configuration of fundamental frequency (F0), the duration of utterances and discourse markers, the occurrence and duration of pauses before and after each marker, and the average intensity of each marker's realization. The study on F0 revealed that most discourse markers had a descending melodic contour, with some variations. The markers also had short duration and were often followed by pauses. Regarding intensity values, higher averages were observed in the use of "uai" with a sense of contestation. In terms of prosody as a factor contributing to the construction of meanings of the discourse marker "uai" and its variants, some prosodic parameters proved to be relevant in distinguishing the senses attributed to the term. For affirmation data, most showed a descending contour, correlation between utterances and their respective discourse markers, and prosodic pause after the marker. For contestation data, the majority had a descending contour, correlation between utterances and their respective discourse markers, higher intensity, and pause before the realization of the markers. For displeasure data, most had a descending contour, lower variability, lower intensity, and pause after the marker. Finally, for doubt data, most had a descending contour, greater data variability, negative asymmetry, correlation between utterances and their respective markers, longer duration, and pause before the marker. The results of this research could contribute to the advancement of knowledge about discourse markers in the Brazilian context, especially concerning the markers studied here, "uai," "uê," and "ué." This study provides a more in-depth understanding of their functions and acoustic properties, demonstrating their relevance within linguistic studies.

KEYWORDS: "uai" in Minas Gerais speech; prosody of the discourse marker "uai" and its variants; attitudinal function of prosody; affirmation "uai"; doubt "uai"; contestation "uai"; displeasure "uai."

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros:

Quadro 1: Referências básicas dos vídeos analisados.	40
Quadro 2: características gerais dos informantes e nº de realizações.	49

Figuras:

Figura 1: representação, conforme Praat, das curvas de intensidade e F0.	46
--	----

Gráficos:

Gráfico 1: Curva melódica com a média de todos os dados descendentes.	60
Gráfico 2: Curva melódica com a média de todos os dados circunflexos.	61
Gráfico 3: Curva melódica e média de todos os dados para cada significação.	62
Gráfico 4: Gráfico Box Plot para F0 inicial.	63
Gráfico 5: Gráfico Box Plot para F0 final.	64
Gráfico 6: Gráfico Box Plot para F0 médio.	65
Gráfico 7: Gráfico Box Plot para F0 máximo.	66
Gráfico 8: Gráfico Box Plot para F0 mínimo.	67
Gráfico 9: Gráfico de dispersão dos enunciados e respectivos MDs de afirmação.	68
Gráfico 10: Gráfico de dispersão dos enunciados e respectivos MDs de contestação.	68
Gráfico 11: Gráfico de dispersão dos enunciados e respectivos MDs de dúvida.	69
Gráfico 13: Valores de intensidade média.	70
Gráfico 14: Gráfico Box Plot para duração.	71
Gráfico 15: Valores médios de duração.	71
Gráfico 16: Gráfico Box Plot para duração das pausas antes ou após os MDs.	73
Gráfico 17: Gráfico Box Plot para duração silábica média dos enunciados.	74
Gráfico 18: Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de afirmação.	75
Gráfico 19: Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de contestação.	75
Gráfico 20: Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de dúvida.	76
Gráfico 21: Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de desagrado.	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Panorama geral com o número total de dados analisados, rótulos e falantes.....	43
Tabela 2: Valores em Hz referentes às médias de F0 máximo, médio e mínimo.....	64
Tabela 3: Posição e porcentagem aproximada das pausas em relação aos MDs uai, uê e ué.....	72

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Delimitação do tema	11
1.2. Justificativa	12
1.3. Objetivos (geral e específicos)	14
1.4. Hipóteses	14
1.5. Plano do texto	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1. Prosódia	17
2.1.1. Parâmetros Prosódicos	20
2.1.2. Funções da Prosódia	21
2.1.3. Prosódia e Discurso – Construção de sentidos	23
2.2. Marcadores Discursivos	26
2.2.1. O Marcador Discursivo <i>uai</i>	30
2.2.1.1. Estudos Sobre o Marcador Discursivo <i>uai</i>	31
2.2.1.2. Marcador Discursivo <i>uai</i> e prosódia	34
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1. Geração de dados	38
3.1.1. Descrição dos dados gerados	41
3.2. Análise dos dados	44
3.2.1. Análise enunciativa dos MDs	44
3.2.2. Análise acústica dos dados	45
3.2.3. Análise estatística dos dados	46
4. RESULTADOS	48
4.1. Análise enunciativa	48
4.2. Análise acústica	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE	88
ANEXO	91

1. INTRODUÇÃO

1.1. Delimitação do tema

Conforme é de notório conhecimento, o *uai* é uma palavra ou expressão comumente relacionada ao falar mineiro, embora não tenha uso exclusivo apenas no estado de Minas Gerais. Sabemos também que ele é muito comum na expressividade, podendo ser recorrente em discursos orais em contextos mais informais, mas não se restringe a esse uso. É possível também perceber que existe certa dúvida quanto ao significado desse termo, geralmente vinda de pessoas de outros estados, quando ele aparece em interações verbais, como em: “Eu vi que você colocou a vasilha ali, uai!”, “Uai, como assim você não me conhece?”, “Claro que fiz, uai”, entre outras. Sobre esses sentidos, como veremos mais adiante, o *uai* pode ser dito como uma afirmação, obviedade, conclusão, confirmação, dúvida, crítica, entre outros sentidos que pode assumir na enunciação.

Ao investigarmos qual a classificação gramatical do *uai*, percebemos que este termo pode ter várias classificações, dependendo da teoria de análise linguística que se toma. A classificação normalmente utilizada, proposta pela Gramática Tradicional (GT), entende a expressão como sendo uma interjeição. De acordo com Bechara (2009 [1928]), interjeição

É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo. (Bechara, 2009, p. 330-331).

Ainda conforme o autor, as interjeições podem ter diversas significações, como no caso do *uai*. Elas podem ocorrer de forma comum na língua, apresentando significações tais como exclamação, animação, dúvida, alívio etc.

De fato, o *uai* apresenta muitas dessas características. Levando em consideração que a classificação tradicional toma como principal critério a semântica do termo, preferimos, neste trabalho, utilizar uma classificação mais abrangente, que leve em consideração critérios como a funcionalidade do termo na interação verbal, por isso o classificamos como sendo um Marcador Discursivo (MD), categoria que, conforme Fraser (2009), exerce uma função significativa na formação do significado de uma mensagem, deixando em segundo plano aquela

definição negativa a qual diz que os MDs não contribuiriam para a construção de sentido de uma frase. Como os MDs são muitos, estão relacionados a muitas classes gramaticais e desempenham várias funções, é difícil chegar a um consenso sobre como definir essa classe. Traremos uma discussão mais aprofundada desse tema no capítulo 2 deste trabalho, com nosso referencial teórico, pois entendemos que é necessário expandir os estudos que vêm sendo realizados acerca do *uai*.

Como já exposto, o MD *uai* pode apresentar muitas significações dentro da enunciação; é uma única palavra que expressa diferentes significados e pode apresentar diferentes características prosódicas, que podem ser específicas para cada sentido. Ao falar em enunciação não podemos deixar de destacar o termo *Cena Enunciativa*, conforme Guimarães (2005):

A Cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer. Assim, estudá-la é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua. (Guimarães, 2005, p. 23.)

Assim, podemos entender que enunciar não é somente o ato de dizer palavras, mas validar o quadro da enunciação. O locutor, que assume a palavra, se coloca no lugar de quem enuncia. Então, é em um momento de interação entre locutor e ouvinte que a enunciação acontece. Em relação ao *uai*, como dissemos, ele pode apresentar vários sentidos dentro da enunciação; o que fará com que esses sentidos e as intenções do locutor sejam distintos são as diferentes características prosódicas utilizadas por cada locutor ao enunciar o *uai*, bem como a construção enunciativa que se realiza em dado momento. Sendo assim, em uma enunciação, o *uai* pode assumir o sentido de dúvida, espanto, obviedade, entre outros; e será a prosódia elemento primordial para construirmos esses sentidos na oralidade.

1.2. Justificativa

Comprendemos que a enunciação é a base para qualquer interação humana e que a construção de sentidos possibilita relações interpessoais, sociais, entre outras. À vista disso, é de suma importância o estudo destes dois campos levando em consideração a relevância que a prosódia veicula sobre tais interações. Apesar de ter sido relegada por muitos anos, a prosódia cumpre funções significativas no discurso como, por exemplo, sua função modal - que, de

acordo com Moraes (1993), é aquela que determina, dentre outros fatores, a modalidade de uma frase, ou seja, se ela é interrogativa ou declarativa, por exemplo. No caso do *uai*, ele pode aparecer em uma frase de maneira interrogativa (-*Uai?* Achei que sua camisa fosse vermelha!), ou com sentido afirmativo (- Eu gosto de você, *uai.*); ou, ainda, pode manifestar no discurso a função expressiva (atitudinal/afetiva) da prosódia, que seria a exteriorização de diferentes estados afetivos do falante. Essa função garante que “através dos traços prosódicos presentes na fala, seja possível perceber se o locutor está triste ou feliz, interessado ou desinteressado, se ele apoia ou critica seu interlocutor, etc.” (Antunes, 2007, p. 71). No entanto, ainda conforme Antunes, não se deve fazer dessas duas funções uma dicotomia, visto que elas não se excluem, mas se relacionam.

Existem alguns trabalhos que tratam do MD *uai*, tais como: Batista; Camargos (2013); Batista; Ramos (2015); Simião (2016); entre outros. Todavia, em pesquisa inicial, encontramos apenas dois estudos que abordam os marcadores discursivos de maneira geral, aí englobando o *uai*, a fatores prosódicos, quais sejam: Cabarrão e colegas (2016) e Gobbo (2019). Por esse motivo optamos por realizar um estudo específico dessas características prosódicas do *uai*, visando preencher uma lacuna quanto ao conhecimento do funcionamento, notadamente prosódico, desse termo na interação verbal.

Esta pesquisa justifica-se, também, por inserir-se na linha de pesquisa Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução e Patrimônio Cultural do programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, haja vista que o *uai*, além de ser um termo cujas características e cujo funcionamento enquadram-se dentro dos estudos linguísticos, pode ser compreendido como um patrimônio cultural do falar mineiro, devido à grande apropriação que nós mineiros fizemos desse termo, mostrado pela relação *uai*/mineiro que é quase instantânea, outros autores, tais como Bagno (2019), já versavam sobre a língua entendida como patrimônio, conforme afirmado pelo autor, é inviável dissociar a língua dos elementos que envolvam a natureza, a cultura e a sociedade. Ademais, uma das áreas afins da linha de pesquisa é Prosódia e Discurso, centro desta pesquisa, já que “investiga as dimensões formais, conceituais, sociais, funcionais, históricas, sociolinguísticas ou cognitivas da linguagem, nos níveis do enunciado e da enunciação.” (cf.: <<https://posletras.ufop.br/>>).

1.3. Objetivos (geral e específicos)

O objetivo geral deste trabalho é analisar a construção de sentido do *uai* (e suas variantes *ué* e *uê*) na enunciação por meio de suas características prosódicas e do contexto enunciativo e determinar como a prosódia participa na construção dos significados deste marcador discursivo.

Para atingir tal fim, serão objetivos específicos:

- Selecionar trechos de interação verbal nas quais ocorram o marcador discursivo *uai*;
- Caracterizar prosodicamente o *uai* nos discursos encontrados;
- Descrever possíveis sentidos do *uai* no falar mineiro;
- Relacionar prosódia e sentido do *uai* em suas diferentes polissemias.

1.4. Hipóteses

Trabalhos como os de Ferreira (2015), Moura (2016) e Lataliza (2018) apontam e reafirmam o importante papel que os elementos prosódicos assumem na construção de sentidos nas várias interações verbais e a intrínseca relação dos aspectos suprasegmentais da fala com a significação. Pela expressividade a prosódia pode carregar, no enunciado, sentidos que não estão expressos de forma lexical. Pode ainda alterar tais sentidos, subvertendo-os (como na ironia, por exemplo). Assim sendo, nossa primeira hipótese é de que a prosódia colabora para a construção de sentidos nos usos de *uai* e suas variantes. Pressupomos que, se o sujeito realizar o *uai* em um dado contexto, pela prosódia e pela construção da cena enunciativa, é provável que seremos capazes de reconhecer quais as significações esse MD terá na interação verbal da qual faz parte.

Conforme Cabarrão e colegas (2016), um MD tende a ocorrer em posição inicial de sentença e é seguido por uma pausa prosódica e, de acordo com os exemplos citados por Gobbo (2019), nos quais o *uai* aparece, geralmente ele apresenta uma duração curta e um perfil melódico descendente. Sendo assim, nossa outra hipótese é de que encontraremos esses mesmos padrões nas ocorrências por nós selecionadas e através dos nossos resultados poderemos testar esta hipótese, embora também acreditemos ser possível encontrar o *uai* em outras posições

sintáticas, por exemplo no final da sentença, e com outros contornos melódicos, que serão variáveis conforme os significados que se deseje produzir.

1.5. Plano do texto

No próximo capítulo, abordaremos o referencial teórico que embasará as discussões e análises desta pesquisa, dividido em duas partes, uma referente à prosódia e outra referente aos marcadores discursivos, entre os quais incluímos o *uai*. Na primeira parte, apresentaremos as definições do conceito de prosódia sob a perspectiva de autores tais como Couper-Kuhlen (1986), Cruttenden (1986), 't Hart, Collier e Cohen (1990), Aurélio (1995), Antunes (2000), Mira Mateus (2004), Bechara (2009), Barbosa (2019), entre outros. Ainda neste capítulo, faremos uma breve discussão sobre os parâmetros prosódicos à luz de Couper-Kuhlen (1986), Antunes (2007) e Barbosa (2019). Baseados principalmente em Couper-Kuhlen (1986), Tench (1990) e Fónagy (2003) discutiremos algumas funções específicas da prosódia, em especial a função expressiva que é fundamental para entender a importância da prosódia na construção de sentido. A respeito disso, relacionaremos prosódia e discurso na construção de sentidos, visto que através da fala podemos emitir nossos afetos, atitudes e emoções. Na segunda parte do capítulo e conforme Fraser (1996), Coutinho (2008), Urbano (2010), entre outros, abordaremos conceitos de marcadores discursivos, estes que podem apresentar diferentes nomenclaturas a depender de quem os estuda. Essa discussão será de extrema importância para entendermos como o *uai* poderá ser entendido como um MD; na sequência, exibiremos estudos feitos por Carvalho (2011), Batista (2013), Simião (2016), Gobbo (2019), entre outros, referentes ao *uai*, como esses autores entendem esse MD, como ele aparece em sua estrutura sintática, algumas de suas possíveis origens, como ele ocorre na cena enunciativa. Após essa discussão a respeito do *uai* de maneira a fazer com que os leitores entendam melhor esse MD, tentaremos relacioná-lo à prosódia nos respaldando, principalmente, em Fraser (2009) e Gobbo (2019).

Na sequência, o capítulo sobre os procedimentos metodológicos trará uma descrição dos procedimentos adotados para a geração e análise dos dados. Inicialmente, apresentamos uma discussão sobre o *corpus* e sobre as opções e tomadas de decisão para construí-lo. Discutimos como o *uai* pode apresentar sentido de espanto, surpresa, dúvida e outros, a fim de fazermos uma categorização dos dados, caracterizando os sentidos por meio da análise da cena enunciativa e de seu contexto de uso. Sobre a análise prosódica, com o auxílio do software

Praat mostraremos como foram realizadas as medidas dos parâmetros prosódicos que utilizamos, a saber: frequência fundamental, intensidade e duração.

No quarto capítulo apresentaremos os resultados desta pesquisa buscando evidenciar o importante papel desempenhado pela prosódia na construção de sentidos do *uai*. Na sequência, serão discutidos aspectos gerais desse marcador discursivo, de sua prosódia e de seu uso no *corpus* aqui estudado.

Para finalizar, as conclusões desse trabalho serão apresentadas, de modo a responder ao problema de pesquisa aqui colocado: quais sentidos pode ter o MD *uai* na enunciação e qual o papel da prosódia para determinar ou auxiliar na construção de sentidos deste termo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Prosódia

Os estudos prosódicos, que ficaram em segundo plano por muito tempo nos estudos linguísticos, têm ganhado expressividade e relevância atualmente. Ao tentar explicar o conceito de “prosódia”, Barbosa (2019) argumenta que, desde a origem desse termo, ele carrega o sentido de modo de falar, seja ele intencional ou não. Dando continuidade, o autor ainda expõe que

Com o passar dos séculos, no entanto, o termo agregará sentidos especializados associados a outros termos muito usados nas áreas de fonética, fonologia e ciências da fala como acento, entoação, ênfase e ritmo, bem como sentidos associados ao discurso, a atitudes e emoções, todos eles imbricados com fatores sociais e biológicos como gênero, identidade, classe social, entre outros. (Barbosa, 2019, p. 20).

Nas palavras de Bechara (2009), “Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas” e uma de suas preocupações é com as sílabas tônicas de cada palavra. Embora esse conceito de Bechara seja nomeado de prosódia, alguns autores o compreendem como sendo ortoépia. Essa visão tradicional é deveras reducionista e não reflete o que a investigação da prosódia tem contemplado dentro dos estudos da linguagem, por isso preferimos a definição de Barbosa à de Bechara. As pesquisas desenvolvidas em prosódia, no entanto, não têm contemplado todas as possibilidades de estudo dessa área que é tão importante na constituição do discurso. Conforme Barbosa (2019) expõe, a prosódia está relacionada a elementos da fala como acento, entonação, entre outros e nesta pesquisa buscaremos perceber alguns desses aspectos.

Apesar de não haver consenso entre os pesquisadores acerca do conceito prosódia e de sua distinção com o termo entonação, na definição do dicionário Aurélio (1995) e dialogando com a GT, prosódia pode ser entendida como a “1. Pronúncia regular das palavras, com a devida acentuação. 2. A parte da gramática que estuda as pronúncias das palavras.”. Vale ressaltar que essa definição é bastante restrita, já que a prosódia não se ocupa apenas do estudo da melodia das palavras ou frases. Interessa-nos aqui abordar conceitos inerentes a fenômenos para além da pronúncia das palavras, visto que a presente pesquisa se concentra no estudo prosódico do *uai*, este que, por causa das diferentes entonações, conscientemente intencionais ou não, pode vir a ter sentidos distintos em uma frase.

Nem sempre essa forma de entender a prosódia de uma maneira mais abrangente foi comum. Couper-Kuhlen (1986) e Mira Mateus (2004), em seus respectivos trabalhos, traçam uma “linha temporal”, desde as primeiras aparições do termo prosódia na antiguidade clássica, passando pelos primórdios da Linguística moderna, no século XX, até chegar aos conceitos de prosódia do século XXI.

Para entender o que seria a prosódia, Mira Mateus (2004), citando vários estudiosos como Coelho Carvalho, João de Barros, entre outros, lança olhar para a origem do termo, mas afirma que isso não elucidada de maneira significativa como a prosódia deve ser tratada. Percebida como sendo o ensino da boa pronúncia (Ortoépia), a parte musical dessa Ortoépia ficou conhecida como prosódia e as primeiras gramáticas (divididas em quatro seções tradicionais, a saber, ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe) traziam esse componente em sua divisão.

Assim, a prosódia passou a ser entendida como o acento do tom e modificação da voz, como a melodia que acompanha o discurso e, com o passar do tempo, os estudiosos foram resumindo à sílaba seu objeto de estudo dentro da prosódia e aproximando, cada vez mais, a prosódia das regras da correta pronúncia das vogais, consoantes e ditongos ou da sílaba tônica; vale ressaltar que essa forma de a entender é muito restrita, se comparada aos conceitos mais atuais do termo. Então, após advento de outras pesquisas que levam em consideração conceitos mais globais do termo prosódia, houve o surgimento da teoria autosegmental, esta que proporcionou, segundo Mira Mateus, uma multiplicação dos estudos prosódicos.

Estas insuficiências provocaram o surgimento da denominada **teoria autosegmental**, uma teoria multilinear cujos domínios de aplicação se encontram distribuídos em vários níveis autônomos (p. ex.: o acento, o tom, a sílaba, o segmento) e podem englobar mais do que um segmento. Assim, nos últimos anos o termo prosódia voltou a ser utilizado com frequência pelos linguistas, e os estudos sobre fatos prosódicos multiplicam-se, incidindo sobre aspectos que, como veremos, eram referidos pelos primeiros gramáticos. (Mateus, 2004, p. 5. Grifos no original.)

De maneira similar, Couper-Kuhlen (1986) cita que, desde o início do aparecimento do termo prosódia, ela era atribuída ao que não competia às regras da escrita, ou seja, aos elementos da fala, e por um longo período a prosódia ficou ligada apenas à distinção de acentos. Depois de muito tempo, o termo passou a associar-se à melodia da fala e foi atribuído à Linguística, passando a ser construída sua real importância nas análises da fala, no entendimento das diversas funções que a prosódia cumpre na enunciação, como por exemplo expressar atitudes e emoções dos falantes, como espanto, dúvida, ironia, afirmação, alegria, entre outros aspectos. Ainda conforme a autora, relacionar a prosódia apenas a elementos suprasegmentais é uma visão errônea, pois há fenômenos suprasegmentais que não são prosódicos (por exemplo, a

assimilação da nasalidade em português), por isso também devemos associar prosódia a elementos suprasegmentais específicos, compreendendo a melodia, a intensidade e a duração, concebendo, pois, a prosódia em seu sentido mais amplo.

No que tange à entoação, ela pode ser definida de diferentes formas, “como a organização na cadeia da fala de padrões de variação de graves e agudos ao longo dos enunciados.” (Barbosa, 2019, p. 67). Há muitos autores, como Cruttenden (1986), 't Hart, Collier e Cohen (1990), que consideram a entoação como um sinônimo da prosódia; outros, como Hirst & Di Cristo (1998), acreditam que existam ambiguidades no que se refere aos conceitos de prosódia e entoação e outros como Liberman (1975) que entendem a entoação como o “modo de dizer”: o sentido de uma frase ou palavra mudará a depender da maneira como ela for dita. De acordo com este último autor e com 't Hart, Collier e Cohen (1990), a entoação é uma unidade que atribui significado ao discurso. Em conformidade com Antunes (2000), um estudo da entoação que a considere apenas como variação melódica é insuficiente, uma vez que não informa, com clareza, todos os fenômenos que desempenham influência direta ou indireta sobre ela; por essa razão, a autora propõe, em conformidade com Crystal (1969) e Moraes (1984), que a melhor maneira para realizar estudos sobre a entoação/prosódia seja por uma perspectiva pluriparamétrica, já que os parâmetros frequência fundamental, duração e intensidade influenciam na constituição prosódica do enunciado, assim como visto em Antunes (2007) e Barbosa (2012), uma vez que, a partir desses critérios pluriparamétricos, ampliam-se os estudos de prosódia para observações quanto aos vários parâmetros que o termo pode abarcar.

O conceito amplo (...) já trabalharia com outros fenômenos suprasegmentais, tratando a Prosódia não como restrita à melodia das frases, mas também estendida quanto a sua organização temporal (ritmo, tempo de sílabas/segmentos e tempo/localização de pausas), à organização melódica (movimentos melódicos, tessitura, registro) e também quanto à intensidade. (Antunes, 2007, p. 34).

Assim, podemos considerar que a entoação ou prosódia se constitui de propriedades que vão além da descrição de segmentos individuais, isto é, a prosódia é um “estudo do sinal de fala usado para transmitir informações sobre a estrutura e significado de enunciados ou porções maiores que o enunciado” (Silva, 2017, p. 79), reunindo informações sobre melodia, ritmo, acento, volume, conferindo diferentes sentidos aos enunciados, por isso os estudos prosódicos também são chamados de suprasegmentais, já que se aliam a porções maiores que o segmento (fonema). Para 't Hart, Collier e Cohen (1990), a entoação e a prosódia são sinônimas e são responsáveis por expressar significados de uma frase, embora, para esses

autores, elas se restringem à melodia. Outros autores, como Crystal (1969) e Couper-Kuhlen (1986) afirmam, ainda, que a entonação faz parte da prosódia.

De acordo com Barbosa (2019), a prosódia não trata do “que” se diz (segmentos), mas do “como” se diz um enunciado (suprasegmentos). É através da prosódia da fala que podemos distinguir se uma determinada frase é uma interrogativa ou afirmativa; no caso do *uai*, será a prosódia utilizada que nos dará informações de que necessitamos para construirmos as possíveis intencionalidades deste termo dentro da frase.

2.1.1. Parâmetros Prosódicos

Classicamente é sabido que a prosódia apresenta três principais parâmetros se analisada acusticamente, do ponto de vista físico, a saber: a frequência fundamental (F0), a duração e a intensidade. Serão esses os principais parâmetros que utilizaremos em nossas análises do marcador discursivo *uai* e de suas variações *uê* e *ué*.

Sendo assim, conforme Barbosa (2019), e concordando com Antunes (2007) e Couper-Kuhlen (1986), podemos apontar a frequência fundamental como sendo a correspondente, no nível acústico, da frequência de vibração das pregas vocais, o número de vezes em que as pregas vocais vibram por segundo na articulação dos sons. Em um nível perceptivo ela é associada à melodia (*pitch*). Ela é mais comumente medida em Hertz (Hz), mas também pode ser medida em semitons, que constituem uma escala relativa (logarítmica) e que encontram uma correspondência mais direta com a percepção de melodia (grave/agudo) que a medida linear em Hertz (’t Hart; Collier; Cohen, 1990).

Ainda conforme os autores supracitados, o segundo parâmetro a ser investigado na análise prosódica é o da duração (nível perceptivo), que “se refere às unidades linguísticas que estruturam a informação prosódica dos enunciados.” (Barbosa, 2019, p. 24). Em um nível articulatório, ela se refere ao tempo dos movimentos articulatórios e em um nível acústico ela se refere ao tempo, em segundos, da realização da fala. Normalmente, as medidas de duração são dadas, em unidades segmentais ou silábicas, em milissegundos, e, em unidades superiores à sílaba, como o enunciado, em segundos.

Por último, mas não menos importante, temos, no nível acústico, a intensidade, referente à pressão sonora da articulação, que expressa quão forte é a articulação de um som. Em um nível perceptivo ela é referente ao volume e no nível articulatório ela é referente ao esforço

físico para produção sonora. Conforme Barbosa (2019), a intensidade pode ser absoluta, se calculada toda a faixa de frequência de um som, ou relativa, se calculada pela diferença de intensidade em faixas de baixa e alta frequência. Sua medida é feita em decibéis (dB). Quando essa medida é captada pelo microfone no decorrer da fala, há dependência da distância do microfone com relação à boca, por isso deve ser tomado um cuidado maior nas gravações que visam ao estudo da intensidade, sempre mantendo um controle desse fator na hora de gerar dados para análise, ou analisando os dados obtidos com parcimônia, já que variáveis intervenientes podem ter aparecido.

2.1.2. Funções da Prosódia

Assim como os demais itens constituidores da gramática, a prosódia também possui funções concernentes ao uso da língua e da linguagem, além de englobar, também, questões da expressividade. Nos âmbitos linguístico e paralinguístico, podemos evidenciar as seguintes funções prosódicas: funções demarcativas, funções de proeminência e as funções discursivas dialógicas e não dialógicas, como a modalidade de um enunciado, de um trecho lido ou de um trecho monológico (Barbosa, 2012).

A entonação, por sua vez, também suscita certas funções de uso com relação aos enunciados de forma que ela “desempenha papel fundamental no ato de comunicação linguística através da manifestação de atitudes de falantes” (Reis, 2001, p. 223).

Conforme Fónagy (2003), é comum que estudiosos das funções da entonação apresentem uma tríade de funções, então o autor retoma o que vários teóricos fizeram, realizando uma síntese de quinze funções relacionadas à entonação ou à prosódia, sendo elas: a função segmentadora e demarcadora, de ênfase, gramatical (colocada em dúvida pelo autor), sintática, modal, imitativa, de chamamento, lógica, preditiva, alusiva, identificadora, caracterologia vocal, estética, expressiva e exploratória e preparatória. Assim, cabe a nós tratarmos, ainda que brevemente, de algumas dessas funções trazidas pelo autor em seu trabalho e, quando possível, traçar paralelos com o que versam outros autores a respeito das funções da entonação ou da prosódia.

A primeira função apresentada pelo autor é a chamada função segmentadora e demarcadora: ela é entendida por ele como sendo a função primária da entonação, já que ela evidencia a estrutura informacional e marca os limites do enunciado, dando sentido de continuidade ou de terminalidade e constituindo, na fala, os blocos que compõem a enunciação. Também pode ser relacionada às pausas, estas que indicam uma fronteira prosódica. Em leituras

de textos orais é de fundamental importância fazer uso das pausas em certas posições, pois um texto lido sem o uso apropriado da prosódia pode causar estranhamento ao ouvinte. Essa função pode ser relacionada com aquela que Paul Tench (1990) chama de Organização da Informação e também com a que Couper-Kuhlen (1986) chama de Informacional.

Outra função citada por Fónagy (2003) é a de ênfase, também conhecida como culminativa ou enfática. Como o nome sugere, ela é usada para dar destaque em certas palavras do enunciado e pode ser usada como uma “não-ênfase”, quando o sujeito diz algo que está fora do domínio principal da sentença, como algo “entre parênteses”, por exemplo. Similarmente à essa função temos a que Barbosa (2012) denominou função de proeminência.

Fónagy nos apresenta, também, a função modal, determinante das modalidades de uma frase: é ela que identifica se uma frase é uma interrogativa ou uma declarativa. Podemos relacionar essa função com a que Tench (1990) chama de constatação das funções comunicativas, já que é muito ligada ao tom do enunciado, ascendente ou descendente. Tal relação também pode ser feita com a função gramatical proposta por Couper-Kuhlen (1986), quando é tratada a questão do contraste entre uma afirmação e interrogação. Barbosa (2012) também cita essa oposição entre enunciados assertivos e interrogativos, item que, para ele, faz parte da função discursiva.

Outra função de extrema relevância para os estudos prosódicos que Fónagy (2003) traz em seu texto é a função expressiva, esta que nunca é colocada em questão quanto a sua existência; o que gera nela alguns pontos de dúvida é saber distinguir quais são atitudes e quais são as emoções que a prosódia expressa, bem como quais os meios que a prosódia utiliza nessa expressividade. Essa função é caracterizada pela alteração da prosódia como forma de expressar atitude ou emoção desempenhada pelo falante em um enunciado, em que uma mesma frase pode ser dita, por exemplo, com expressão de raiva, com alegria ou até mesmo sem expressar nenhuma emoção, como alguns estudiosos defendem. Traçando um paralelo com a função expressiva de Fónagy, temos a função de expressão de atitude, proposta por Tench (1990) e a função atitudinal proposta por Couper-Kuhlen (1986). Já Barbosa (2012) traz essa distinção entre as atitudes e emoções, separando essa função prosódica em dois planos, já que ele trata dessa função pelo plano expressivo, ao englobar as atitudes, ou pelo plano afetivo, no qual se encontram as emoções.

Para Moraes (2011), as atitudes são controladas pelo sujeito e dependem do sistema linguístico; elas podem ser sociais, quando o falante exprime algo em relação ao ouvinte como gentileza, ofensividade, entre outros, ou podem ser proposicionais, quando o próprio falante julga aquilo que está falando, como certeza e incerteza. Ainda conforme o autor, as emoções,

diferentemente das atitudes, são incontroláveis pelo sujeito falante e não dependem do sistema linguístico, já que teriam expressão universal.

Scherer (2003) aborda alguns estados afetivos do falante, cada qual com diferentes características prosódicas. Dentre esses estados afetivos temos as atitudes e as emoções. De modo geral, as atitudes podem ser entendidas como funções cada vez mais linguísticas e intencionais, como a dúvida sobre o conteúdo proposicional de uma sentença, e as emoções como mais irracionais, reativas a alguma situação, por exemplo o medo ou a raiva, que têm uma expressividade mais direta e menos programada linguisticamente.

Apesar de tais autores fazerem essa separação/distinção entre atitudes e emoções, sabemos que ela nem sempre acontece realmente, pois, a depender do contexto, da interação verbal, uma pessoa pode fingir estar sentindo determinada emoção, o que a tornaria mais controlada e codificada no plano da expressividade.

2.1.3. Prosódia e Discurso – Construção de sentidos

A relação entre prosódia e discurso nos parece muito clara, conforme Orlandi (2007): “Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva.” (Orlandi, 2007, p. 60) e que “não é a extensão que delimita o que é um texto. Como dissemos, é o fato de, ao ser referido à discursividade, constituir uma unidade em relação à situação.” (Orlandi, 2007, p. 69). Ou seja, não julgamos um texto pela extensão da palavra, mas pelo sentido/significado que ele traz para o discurso. Faz-se necessário entender que “na análise do discurso subjacente a um texto, podemos observar as projeções da enunciação no enunciado; os recursos de persuasão utilizados para criar a ‘verdade’ do texto (relação enunciador/enunciatário) e os temas e figuras utilizados.” (Gregolin, 1995, p. 18). Assim, a prosódia é tida como um componente discursivo e, em conjunto com aspectos lexicais, semânticos etc., colabora de maneira bastante expressiva para a construção de sentido de um enunciado. Ao colocar certa entonação no que está dizendo, o locutor, através da prosódia, confere sentido ao discurso oralmente proferido, haja vista que não existe discurso sem prosódia e vice-versa.

Barbosa (2019) também apresenta ligações entre a prosódia e discurso fazendo referência ao papel da prosódia na construção de sentidos. De acordo com o autor, a prosódia permite organizar o discurso e, ainda, “organizar unidades temáticas, a partir de pausas longas

entre os temas e de um reinício bem marcado da curva de F0.”. (Barbosa, 2019, p. 89.) Ainda conforme o autor,

outros aspectos do discurso dizem respeito a como a prosódia veicula diferentes ilocuções, assinalando-as por diferentes **formas prosódicas**. O termo “forma” é entendido como um contorno melódico, um contorno duracional, um contorno de intensidade, habitualmente. (...) Mudanças ilocucionárias podem se dar ao longo de um trecho monológico ou dialógico, e seriam assim sinalizadas por mudanças prosódicas. (Barbosa, 2019, p. 88).

Assim, podemos perceber que estes fatores são primordiais na construção de sentido, no entendimento de um discurso oralmente proferido.

A respeito disso Gobbo (2019) expõe que

Além do comentário, necessariamente presente no enunciado, pode haver uma ou mais unidades prosódicas que, mesmo sendo opcionais, possuem valor informacional. De modo geral, cada unidade prosódica corresponde a uma unidade informacional, caracterizada pelo perfil melódico, pela sua distribuição no enunciado e pela função que executa dentro do enunciado. A sequência de unidades informacionais constitui o padrão informacional do enunciado, encerrado pela quebra terminal. (Gobbo, 2019, p. 22)

Pensando o *uai* enquanto uma expressão sem significado constituído, mas que irá constituir-se na interação verbal e dependendo da cena enunciativa construída, temos a questão da prosódia deste termo representando suas definições e sua construção de sentidos. Dentro da expressividade, em que podemos entender os diferentes estados afetivos do locutor e que apresentam as diferenças prosódicas como marca, pretendemos compreender o *uai* como um marcador discursivo com alguns afetos sociais presentes. Sendo assim, sobre as funções atitudinal (expressiva) e modal, Antunes (2007) faz uma relação entre elas, a saber:

(...) podemos dizer que a prosódia é responsável pela distinção de modalidades de frases (às vezes em conjunto com outros parâmetros, tal como contexto); portanto, parece-nos estranho negar tal função. Mais uma coisa que podemos afirmar é que ambas as funções (modal e atitudinal) podem ser expressas via prosódia e sobre um mesmo material segmental, em uma mesma sentença. Como visto acima, é perfeitamente possível fazer uma questão com dúvida, uma questão com surpresa ou ainda uma questão com queixa, assim como é possível encontrar uma asserção com dúvida, com surpresa ou queixa. Isso mostra que essas funções não se excluem, mas sim interagem, e a prosódia pode ser utilizada para expressá-las num nível mais ou menos codificado sem que uma função seja oposta à outra. (Antunes, 2007, p. 41).

Sobre a questão da expressividade, Ferreira (2015), Moura (2016) e Lataliza (2018) enfatizam o importante papel que os elementos prosódicos assumem na construção de sentidos e na veiculação de diferentes afetos sociais estudando a expressão e o papel da prosódia nas atitudes de ironia, incredulidade, indignação, raiva, revolta, crítica, entre outros.

Em seu trabalho, Ferreira (2015) se propôs a realizar um estudo da construção prosódica e discursiva da ironia, para isso ela caracterizou a ironia, de modo geral, como algo expresso em estado de significado figurativo e, afirmou que a ironia pode, também, ser considerada como uma estratégia do discurso. Assim, a autora objetivou verificar o papel da prosódia e das pistas de contextualização na construção da ironia utilizando um *corpus* de enunciados semiespontâneos irônicos e neutros; além de leitura e de atuação desses enunciados por atores (fala lida e fala atuada). Para isso, a autora embasou-se, teoricamente, na definição pluriparamétrica de prosódia. Para a análise discursiva, ela se orientou pelas pistas de contextualização e suas convenções sociais. Através de seus resultados Ferreira inferiu que a ironia não prevê um único padrão entonacional, sendo possível entender a construção do sentido irônico, já que cada locutor fez uso de uma estratégia diferente para expressá-la, somando às pistas prosódicas encontradas outros recursos linguísticos como os gestos e o contexto.

Moura (2016) se propôs a realizar um estudo sobre o papel da prosódia na expressão de atitudes de ataque ao *ethos* no discurso político. Para tal, o autor objetivou investigar qual o papel da prosódia, principalmente, nos momentos de ataque ao *ethos* e de desqualificação do outro em debates políticos televisionados. Para o *corpus* ele utilizou quatro debates político-eleitorais televisionados, realizados em 2014, entre os candidatos ao governo de Minas Gerais, selecionando enunciados críticos, irônicos e neutros, legitimados em um teste de percepção, que contou com a participação de alguns voluntários. Assim, as frases foram analisadas acusticamente no software *Praat* observando questões relacionadas à F0, duração e intensidade. Como resultados, ele encontrou que a crítica apresenta uma fala mais lenta, preenchida por pausas, tende a apresentar valores mais altos de F0 e um padrão predominantemente descendente para o movimento melódico final. Para a ironia não foi encontrado um único padrão prosódico a ser seguido; o autor acredita que, para a ironia, os locutores fazem uso de outros recursos, como o riso, para a construção do sentido irônico, tal como visto em Ferreira (2015). Ao finalizar, o autor evidenciou o importante papel que a prosódia desempenha na argumentação e sua atuação bastante expressiva nos momentos de desqualificação do outro.

Em seu trabalho, Lataliza (2018) realizou uma análise prosódica-discursiva das dimensões *ética* e *patêmica* na ancoragem de telejornais considerados pelo autor como sensacionalistas. Para isso, ele realizou análises prosódico-discursivas da ancoragem dos jornalistas Marcelo Rezende e José Luiz Datena, em seus respectivos programas. Para a análise prosódico-discursiva, ele ressaltou possíveis *ethos* comumente construídos na enunciação e buscou, pela percepção, afetos sociais que confirmassem essa construção, além de verificar possíveis projeções desses afetos pelo auditório (*pathos*). Ele, também, fez uso de momentos

neutros para fins de comparação entre os enunciados e percebeu quais os elementos prosódicos de que o locutor utiliza no momento de expressão dos estados afetivos. Sobre os parâmetros prosódicos, o autor analisou F0, duração e intensidade. Para a ancoragem de Datena, ele encontrou a imagem de porta-voz do povo, construída com o estado ao qual chamou de indignação. Para a ancoragem de Marcelo Rezende, encontrou muitos estados afetivos aos quais ele deu o nome de fala afetada. Apesar de não ter encontrado um padrão nas imagens construídas de si pelos apresentadores, alguns parâmetros prosódicos foram constantes na expressão atitudinal de ambos os apresentadores. Além disso, Lataliza percebeu que havia uma característica em comum nos dois jornalistas, ambos desencadeavam sensações de revolta, de alegria, de angústia, de medo, de antipatia, de repulsa, entre outros, nos telespectadores. Assim, ele afirmou a importância da dimensão prosódica na construção *ética e patêmica* do discurso.

Sob a perspectiva desses, e de outros trabalhos, é possível atestar a importância de se trabalhar com os estados afetivos do falante e de como a prosódia participa de sua construção discursiva. Acreditamos que isto recairá sobre o *uai* e suas variantes e dará o significado que ele apresenta nas interações interpessoais e na comunicação social, posto que é por meio da fala que conseguimos transmitir nossas atitudes, afetos, emoções etc. Isto mostra, mais uma vez, que os estudos prosódicos são necessários à enunciação e à construção de sentidos.

2.2. Marcadores Discursivos

Urbano (2010) define os MD como elementos de ligação do texto que são característicos da fala. Conforme o autor, os MD ajudam a dar coerência e coesão ao texto falado principalmente no âmbito conversacional.

[Os marcadores discursivos] funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só como estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal. (Urbano, 2010, p. 98).

Ainda segundo o autor, os marcadores podem ser linguísticos ou não linguísticos (paralinguísticos). No plano linguístico, eles podem ser verbais (lexicalizados – *sabe?*; não lexicalizados - *ahn.*) e prosódicos (pausas, alongamentos). Já no plano paralinguístico estão elementos como olhar, risos, entre outros. Para Urbano, os MD, embora promotores de coerência e coesão, não integram realmente o conteúdo do texto. Em nossa análise, acreditamos

que é preciso reconhecer que o *uai* é parte integrante e fundamental no texto, pois, ao retirá-lo da enunciação, o sentido não seria o mesmo.

Fraser (1996) argumenta que os denominados por ele marcadores pragmáticos, termo geral usado pelo autor, são uma classe funcional de expressões lexicais existentes em todas as línguas. Para o mesmo autor (Fraser, 1999), os MDs (que estão dentro dos marcadores pragmáticos) equivalem a uma classe pragmática porque colaboram na interpretação do enunciado (e não para o conteúdo proposicional), relativo a um sentido processual. Percebemos, então, que a denominação marcadores pragmáticos equivale àquela que usamos como MDs, visto que essa nomenclatura variará a depender de cada autor. Além dos muitos nomes que essa classe pode ter, ela ainda apresenta certa dificuldade em ser classificada e definida, como bem mostra Coutinho (2008), já que dentro desse grupo existem classes variadas de palavras como interjeições, advérbios, conjunções. Outros autores também já trataram dessa dificuldade.

Gobbo (2019) retoma os critérios sociolinguísticos estabelecidos por Brinton (1996)¹ para definir os MDs, a saber: MDs são estilisticamente estigmatizados e são mais frequentes na fala feminina, MDs são típicos da fala e, embora a escolha lexical seja dependente de fatores como gênero, idade, proveniência, dentre outros fatores, isso não caracteriza os MDs. De acordo com o Gobbo, um dos poucos consensos existentes na literatura acerca desses marcadores é uma definição negativa, visto que uma positiva é difícil de ser encontrada. Tal definição negativa é aquela que entende os MDs como elementos ou sequências lexicais que não colaboram e não modificam o valor de verdade de um enunciado. Embora o autor diga que tais marcadores não colaboram com o sentido, acreditamos que no caso do *uai* ele colabore sim. Essa atribuição desfavorável se deve ao fato de que os MDs são muitos e desempenham inúmeras funções, dentre elas estão as funções dedicadas à estrutura textual do discurso e às funções interacionais.

Em obra posterior, Fraser (2015) define marcadores discursivos como uma expressão lexical extraída de umas das três classes (contrastantes, elaborativas e implicativas), normalmente em posição inicial de sentença e que não fornece nenhum conteúdo de valor semântico. A seguir traremos exemplo de frases para as três classes propostas por Fraser (2015):

- Contrastantes: Saímos tarde, **mas** chegamos ao show na hora.

¹ BRINTON, L. *Pragmatic Markers in English: Grammaticalization and Discourse Functions*. Berlin-Nova York: Mouton de Gruyter, 1996.

- Elaborativas: O clima estava ruim e o tráfego estava terrível.
- Implicativas: A ponte caiu, **então** não conseguimos chegar à ilha. (tradução livre dos exemplos do autor.)²

Cabe ressaltar que, mesmo o autor defendendo que os MD não fornecem conteúdo de valor semântico, acreditamos que não seja o caso do *uai*, já que ele auxilia na construção de sentido nas frases ditas. Os MDs são muito complexos e quase não há consenso entre os estudiosos (como já exposto) a respeito de características comuns que envolvam essa classe.

Fraser (2009), concordando com a dificuldade de encontrar uma terminologia comum entre os estudiosos dos MDs, afirma que, ainda que alguns teóricos tenham feito uso de uma mesma nomenclatura para se referirem aos MDs, eles estariam interessados em objetos muito diferentes. Assim, ele apresenta alguns dos principais nomes que podem ser encontrados na literatura os quais fazem referência aos MDs, a saber: frases de indicação, conectivos de discurso, marcadores discursivos, operadores de discurso, partículas discursivas, dispositivos de sinalização discursiva, dispositivos indicadores, conectivos fáticos, conectivos pragmáticos e outros.

Dando continuidade ao apresentado, e ainda falando sobre algumas definições do que seria um MD, Fraser (2009) afirma que os marcadores realizam como parte de uma porção do discurso indicando aspectos da mensagem que o locutor pretende transmitir, mas não integram o conteúdo proposicional do enunciado e não colaboram para o sentido da proposição por si só. Segundo ele, os integrantes dessa classe são morfemas livres, proposições iniciais, marcam uma mensagem específica e são classificados como marcadores pragmáticos (MPs) devido às suas características. Ele expõe, ainda, a existência de quatro tipos de MPs, a saber: MPs básicos, MPs de comentários, marcadores discursivos e os marcadores de estrutura discursiva.

Fraser aponta que o terceiro tipo de MP, os chamados MDs, normalmente indicam uma relação entre o segmento discursivo que os recebe e o segmento discursivo anterior, possivelmente produzido por outro locutor. Então uma sequência aceitável para um MD seria S1-MD+S2, em que S1 e S2 são segmentos discursivos representando um ato ilocucionário, indicando uma relação semântica entre as duas frases. Um exemplo citado por Fraser (2009) pode ser visto a seguir:

² (a) Contrastive DM: We left late, but we arrived to the show on time.

(b) Elaborative DM: The Weather was bad and the traffic was terrible.

(c) Implicative DM: The bridge was down so we could not get on to the island. (Fraser, 2015, p.1.)

- Estávamos atrasados, *mas* ninguém parecia se importar. (tradução livre do exemplo do autor).³

Podemos, também, apresentar um exemplo com nosso marcador discursivo em estudo, o *uai*.

- S1: "Você acredita que o Brasil ganhou a Copa do Mundo novamente?"
- MD: "Uai,"
- S2: "parece que eles realmente surpreenderam todo mundo com sua performance este ano."

Assim, fica evidente que *uai* pode ser classificado como um marcador discursivo, devido à sua relação com a frase em que é utilizado. Percebemos que o *uai* contribui para o sentido da frase, o que o diferencia dos marcadores pragmáticos, como Fraser (2009) sugere. Estes últimos não possuem um papel no conteúdo proposicional da mensagem transmitida e não influenciam o significado da proposição independentemente de outras circunstâncias. Em contraste, o *uai* assemelha-se mais às definições propostas para os marcadores discursivos, pois desempenha um papel relevante na construção do sentido da mensagem levando em consideração a expressividade.

Levando em consideração as características de MD expostas, optamos por apresentar, ainda, a definição de MD proposta por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), que definem tais termos como expressões invariáveis que possuem independência sintática em relação ao seu ambiente, são tipicamente separados prosodicamente do restante do enunciado e cuja função é metatextual, ou seja, eles estabelecem uma relação entre uma unidade discursiva e a situação do discurso, abrangendo a organização dos textos, a interação entre o falante e o ouvinte e/ou as atitudes do falante⁴. Sendo assim, optamos por essa classificação de MD, ainda que outros estudiosos os compreendam de outra maneira, por se tratar de uma classificação mais abrangente, enfatizando a funcionalidade do termo na interação verbal, concordando, também, com Albuquerque (2013) e Batista (2013). Agora, já familiarizados com a classe, passemos ao MD centro deste estudo, o *uai*.

³ We were late, but no one seemed to mind. (Fraser, 2009, p. 298).

⁴ Discourse markers are (a) invariable expressions which are (b) syntactically independent from their environment, (c) typically set off prosodically from the rest of the utterance, and (d) their function is metatextual, relating a discourse unit to the situation of discourse, that is, to the organization of texts, speaker-hearer interaction, and/or the attitudes of the speaker. (Heine, Kaltenböck e Kuteva, 2019, p. 2).

2.2.1.O Marcador Discursivo *uai*

Conforme anteriormente mencionado, a expressão *uai* é categorizada pela Gramática Tradicional como uma interjeição. Além disso, ao apresentar uma definição adicional de interjeição, de acordo com Ferreira (1995, p. 366), essa classe pode ser definida como uma “palavra ou locução com que se exprime um sentimento de dor, de alegria, de admiração, de aplauso, de irritação”. Tratando-se especificamente do *uai*, assimilamos que ele pode ter várias ocorrências e significados. O dicionário Aurélio registra alguns sentidos como “surpresa, espanto ou terror” (Ferreira, 1995, p. 2021). Assim sendo, há um consenso entre os estudiosos em classificar o *uai* como uma interjeição. Entretanto, Batista (2013) compara as interjeições e os MDs, concluindo que os dois campos estão intrinsecamente ligados, e outros autores como Dostie; Pusch (2007), Albuquerque (2013), entre outros, também chegaram a essa mesma conclusão.

Batista (2013) afirma, ainda, que

“parece adequado concluir que não há razões suficientes para excluir as interjeições do rol dos marcadores discursivos. Isso significa reconhecer que interjeições desempenham funções que dizem respeito à sinalização do texto e à própria interação entre os interlocutores.” (Batista, 2013, p. 37).

Parece justo entender que o autor concorda que as interjeições, grupo no qual se encontra o *uai*, estão dentro do campo dos MDs.

Segundo Albuquerque (2013), apesar de a gramática caracterizar o *uai* como uma interjeição, muitas das vezes ele apresenta outras características/comportamentos linguísticos que fazem com que ele tenha outras classificações. Desta forma, a autora também acredita que o *uai* seja um MD. O que podemos concluir com essas informações é que o *uai* é uma forma que pode apresentar diferentes classificações e diferentes significações, como já foi apresentado. Por conseguinte, neste trabalho, como já exposto, classificaremos o *uai* como um marcador discursivo concordando com os autores anteriormente citados, no entanto esclarecemos que esse MD pode apresentar outras classificações a depender do modo como ele for estudado. Acreditamos ainda que certos usos do *uai* podem apresentar características distintas daquelas elencadas para outros marcadores discursivos, devido à especificidade e multiplicidade de usos que esse marcador pode ter.

Em relação à sintaxe, o *uai*, conforme Carvalho (2011), tende a aparecer em início ou final de enunciado, como nos exemplos dados pela autora (“Uai, muié, si é da vontade de Deus,

chuvia na mema hora...”; “Uai, mais que belo trabalho ocêis fizeram aqui, sô!”; e “vim aqui prá Goiás, que é lugar de corno, uai!”). (Carvalho, 2011).

Em seu trabalho, Simião (2016) chega a algumas conclusões referentes às formas como o *uai* e suas variantes – concordando com Amaral (1976, p.190) e Batista (2013, p. 33) - aparecem em um enunciado. Conforme a autora, quando essas formas aparecem classificadas como interjeição e em início de sentença, normalmente indicam introdução de turno. Quando aparecem em final de sentença apresentam significado de dúvida, indignação, surpresa ou espanto. E, por fim, aparecendo como advérbio asseverativo e em final de sentença, apresentam significado de reforço ou confirmação de algo dito anteriormente.

Batista (2013) aponta que o *uai*, geralmente, aparece na posição final de enunciados e em contextos de negação, já *ué/uê* aparecem, normalmente, em posição interna e final de enunciados e em contextos sem marcas de negação. Outro fator importante abordado pelo autor e que faz referência direta ao fato de se considerar o *uai* como um MD é sobre a questão da suposta origem do termo provinda do verbo *olhai* até chegarmos à forma em estudo – o *uai* – (exploraremos mais esta hipótese quando tratarmos das origens do *uai*). Conforme o autor este é

mais um caso do percurso imperativo >...< interjeição. Sendo o imperativo um modo verbal cuja função discursiva favorece o desbotamento semântico, seria plausível supor que a forma resultante tivesse também uma função discursiva. Desse modo, a sustentação dessa hipótese forneceria uma evidência de que o ‘uai’ é um marcador discursivo. (Batista, 2013, p. 81).

Após esse panorama geral sobre como o *uai* pode aparecer na cena enunciativa, passemos a alguns estudos que abordam especificamente o MD em questão, sendo esta a classificação utilizada para o termo ou não.

2.2.1.1. Estudos Sobre o Marcador Discursivo *uai*

Os estudos existentes referentes ao *uai*, em sua maioria, iniciam tratando sobre a suposta origem desse termo, pois esse é um questionamento muito recorrente e faz parte do senso comum assimilar esse MD aos mineiros, de modo que grande parte das pessoas acreditam que o *uai* é exclusivo de Minas Gerais, mas devido às pesquisas vigentes, tais como Batista (2013) e Amaral (1976), já é sabido que o MD está presente também em estados como São Paulo e Goiás, entre outros.

Batista (2013), em sua dissertação intitulada “Uai: Estudo De Uma Interjeição Do Português Brasileiro”, objetivou apresentar um estudo sobre o estatuto gramatical e discursivo do *uai* e discutir algumas hipóteses acerca de sua origem. Para tal, ele analisou dados extraídos do Projeto C-ORAL BRASIL e utilizou a abordagem variacionista laboviana em sua fundamentação teórico-metodológica. Aqui exporemos duas das principais e mais plausíveis hipóteses acerca do surgimento do *uai* trazidas pelo autor, a saber: i) Olhai e ii) Why.

A primeira hipótese, como bem mostram Batista (2013); Simião (2016); entre outros, expõe que o *uai*, que tanto conhecemos hoje, pode ser decorrente de um processo de mudança fonológica ocorrido através do verbo “olhai”, que foi se contraindo para “oiai”, “uiai”, até chegar no “uai” dos tempos atuais. Podemos atribuir tal semelhança com o que ocorreu ao longo do tempo com a palavra “você”, que já foi “vossa mercê”, “vosmecê”, “mercê”, e hoje se alterna em formas como “você”, “ôcê” e “cê”, conforme Nascentes (1956), Faraco (1996) e Gonçalves (2008) expõem em seus respectivos trabalhos. Importante mencionar que, assim como o “você”, que continuou mudando e alterna hoje com as formas “ocê” e “cê”, existem pesquisas que tentam provar que as formas “ué” e “uê” também decorram do *uai*. Isso foi feito no trabalho de Simião (2016), que define essas formas como variantes do *uai*. No presente trabalho, também consideraremos essas variantes como formas diferentes de uso do *uai* e elas serão objeto de nossa pesquisa tanto quanto o *uai*.

Conforme a segunda hipótese de origem do termo *uai*, os ingleses mantinham muito contato com os mineiros que trabalhavam em minas subterrâneas em Nova Lima - MG e, por esse contato tão direto, um sempre ouvia a conversação do outro e, mesmo sem a mútua inteligibilidade, o *uai* dos mineiros teria resultado da partícula interrogativa do inglês “why”, já que ambas as palavras são foneticamente semelhantes. Os autores só não deram como certa essa hipótese pelo fato de que, além dos ingleses, também existiam pessoas de diversas outras nacionalidades nas minas.

Sabemos que existem muitas hipóteses sobre o surgimento do *uai* e tal fato ainda exige muita pesquisa para ser validado com exatidão, porém, neste trabalho, optamos por apresentar somente as hipóteses mais correntes, e não teremos preocupação de explicar a origem do *uai*, mas sim seu comportamento prosódico-discursivo na interação verbal.

Como já exposto nesta pesquisa, outro estudo de fundamental relevância para o entendimento do *uai* é o de Simião (2016), intitulado “Estudo comparativo das formas uai, uê

e ué em Itaúna/MG e Piranga/MG”. Nesse trabalho, a autora objetivou realizar uma análise comparativa entre o *uai* e suas variantes nas cidades mineiras citadas, isso sob uma perspectiva da Sociolinguística Variacionista, proposta por William Labov. Para concluir seu objetivo, a autora analisou acusticamente dados coletados pelo grupo de pesquisa Varfon – Minas e, ainda, mediu o grau de significância das diferenças entre as variantes utilizando o teste estatístico qui-quadrado. Ao concluir, a autora admite haver um processo de lexicalização relacionado às variáveis estudadas. Sua pesquisa revelou, ainda, que existem diferenças de uso das formas se comparadas as duas cidades, sugerindo que o *uai* é uma forma “mais inovadora” e *uê* uma forma “mais conservadora” na cidade de Piranga. Sendo assim, baseada nos dados encontrados nas cidades e em suas pesquisas no *Corpus do Português* que revelaram um maior número de ocorrências do *uê*, no século XIX, e menos ocorrências do *uai* neste mesmo século, a autora acredita que o *uai* possa ter se desenvolvido do *uê* e não o contrário, como já havia sido mostrado. É válido ressaltar que, conforme Simião (2016), na cidade de Piranga há um possível indicativo de estigmatização das variantes inovadoras por se tratar de uma comunidade mais conservadora. Para a hipótese de surgimento do *uai*, a autora acredita mais na hipótese da partícula interrogativa do inglês “why”, mas deixa claro que as pesquisas sobre a possível origem do *uai* estão em aberto.

Em Albuquerque (2013), “Hipóteses sobre a origem de uma interjeição”, a autora faz um levantamento do que se tinha registrado sobre o *uai* na tentativa de suscitar discussões para pesquisas futuras, por acreditar que ainda não tinham sido desenvolvidas pesquisas relevantes para esse assunto. Seus dados foram retirados do acervo Nupevar – UFMG, dados de intuição da autora e diálogos presenciados por ela. A autora, então, conclui que o *uai* abarca mais significados do que apontam os dicionários e gramáticas; foram encontrados registros do uso do *uai* desde o início do século XX, indicando que seu uso já era recorrente antes desta data e que, até o momento, ainda não é possível afirmar com veemência a verdadeira origem do *uai*.

Batista e Camargos (2013), em “Origem do *uai*: uma hipótese caipira”, objetivaram testar a hipótese de surgimento do *uai* proposta por Amaral (1976), a qual dispõe que o *uai* teria sofrido um processo de mudança fônica iniciado pelo vocábulo *olhai*. A isto os autores atribuem o nome de *brasileirismo*. Para testar a hipótese, eles traçam um passo a passo do percurso sonoro *olhai* => *uêi*, em que cada alternância fônica fosse analisada individualmente. Concluíram, então, que a hipótese da origem o *uai* analisada é potencialmente prevista no dialeto caipira discutido e sugerem que estudos sobre a forma *olhai* como uma interjeição devam ser feitos.

Bergo (1993) faz um levantamento de uma possível origem do *uai* relacionada à etimologia da palavra e faz, também, um apanhado com algumas das possíveis significações que esse MD pode vir a ter em um enunciado, quais sejam: adoção, afirmação, apreensão, assentimento, censura, certificação, conclusão, confirmação, convicção, desagrado, espanto, incerteza, estranheza, pasmo, permissão, transigência, réplica, contestação, desculpa, reivindicação, anuência e restrição. Ao concluir, ele assume que, de acordo com a entonação usada, o *uai* pode assumir cada uma dessas significações a depender da intencionalidade de quem fala.

Após essa exposição de alguns trabalhos sobre o MD e que foram de fundamental importância para esta pesquisa, passemos a entender melhor como o *uai* se relaciona com a prosódia.

2.2.1.2. Marcador Discursivo *uai* e prosódia

Gobbo (2019) realizou um estudo prosódico dos marcadores discursivos tendo por princípio a Teoria da Língua em Ato. O autor objetivou analisar os MDs utilizando o *corpus* de fala espontânea C-ORAL-BRASIL (Mini BR Informal), realizando uma revisão desse *corpus* e buscando todas as unidades dialógicas (UD)⁵ que possuíssem a forma prosódica compatível com os três tipos de MDs já descritos na literatura, a saber: conativo, alocutivo e incipitário. As UD encontradas foram analisadas através do discriminante linear com objetivo de investigar os parâmetros prosódicos que mais diferenciam os tipos entre si e as demais unidades, que não pertencem aos tipos, foram expostas à análise de *clusters* para identificação dos padrões estabelecidos estatisticamente entre seus parâmetros prosódicos. Conforme o autor, a Teoria da Língua em Ato é uma proposta de fundamental importância para os estudos dos MDs, visto que ela utiliza dos estudos prosódicos em suas análises.

Uma proposta para estudo dos MDs é apresentada pela Teoria da Língua em Ato (L-AcT) (...), elaborada através da observação de corpora de fala espontânea. A L-AcT adota a visão de que a veiculação de funções comunicativas é feita através da prosódia, e não do item lexical, como é comumente defendido em outras propostas sobre os MDs. (Gobbo, 2019, p. 7)

⁵ Para maiores informações sobre as unidades dialógicas, conferir Gobbo (2019) e Raso; Vieira (2016).

Sendo assim, trazendo a prosódia para as principais discussões desta pesquisa, entendemos que através dela será possível perceber e caracterizar o *uai*, nosso MD em questão, e poderemos compreender o importante papel que a prosódia assume na retirada da ambiguidade das funções dos MDs por meio da duração e do contorno da entonação.

Fraser (2009) se propõe a fazer uma relação dos MDs com o objetivo de oferecer à comunidade acadêmica uma definição coerente dos MDs, já que esta classe apresenta inúmeros nomes distintos, além disso ele objetiva trazer uma apresentação das propriedades sintáticas e semânticas desta categoria. O autor admite que, a depender do MD e do contexto, os MDs podem apresentar um contorno de entonação que os separa prosodicamente do restante dos segmentos e sua posição no enunciado (início, meio ou final) depende do que ele sinaliza. Isto quer dizer que os traços prosódicos empregados na realização do *uai* podem ser relevantes para o entendimento de suas significações.

Batista (2013) realiza uma pesquisa que tem o *uai* como objeto de investigação, com objetivo de apresentar um estudo sobre o estatuto gramatical e discursivo do *uai* e discutir algumas hipóteses sobre a origem desse MD. O autor apresenta, também, uma discussão sobre interjeições e MDs, expõe uma análise sobre a variação do *uai* com as formas *ué/uê*, investiga a hipótese de o *uai* ter surgido a partir do vocábulo *olhai* dentre outras hipóteses. Tratando da relação entre Prosódia e Marcador Discursivo, o autor faz uma importante consideração, aproximando-se de autores como Caixeta e Risso et al.

Sobre o traço ‘preenchedora discursiva de afetividade’, Caixeta (2005: 91)⁶ salienta que a garantia da expressividade do fenômeno interjetivo está no simbolismo sonoro: entonação, elevação de voz, velocidade de fala e alongamento de vogal. Um pouco mais adiante (Caixeta, 2005: 97), o autor destaca que interjeições mais prototípicas apresentam marcas fônicas acentuadas. Na análise de Risso et al (2002: 21-48)⁷ (...) temos como uma das propriedades definidoras dos marcadores discursivos a demarcação prosódica, que os dissocia sintaticamente da estrutura oracional adjacente. Ou seja, o simbolismo sonoro é comum às duas categorias. (Batista, 2013, p. 36)

Como visto, a partir dos autores citados é quase impossível negar a importância que a prosódia carrega sobre o entendimento do discurso e sobre os estudos acerca dos marcadores discursivos, isto só reafirma a relevância de se realizar um estudo prosódico sobre o MD *uai*.

⁶ CAIXETA, G.F. **Macacos me mordam! Interjeição: uma classe no limbo do sistema linguístico do português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

⁷ RISSO, Mercedes Sanfelice et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. rev. v. VI - Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 21-48.

Em seu trabalho, Gobbo (2019) apresenta um capítulo dedicado às unidades dialógicas que são correspondentes aos MDs de acordo com teorias apresentadas pelo autor. Assim, ele faz uma descrição detalhada das seis unidades dialógicas conforme tipologia proposta por Cresti (2000) e Frosali (2006). Ele aborda as seguintes unidades: Alocutivo (ALL), Conativo (CNT), Incipitário (INP), Fático (PHA), Expressivo (EXP) e Conector Discursivo (DCT). Trataremos, aqui, somente das unidades em que aparece a ocorrência do *uai*, quais sejam conativo, fático e expressivo. Para as unidades dialógicas, Gobbo analisou 163 itens no total, incluindo *uai* e outros marcadores. Dentro desse total, o autor encontrou 1 *uai* nos conativos, 34 *uai* e 14 *ué* nas unidades de auxílio dialógico e 12 *uai* que não puderam ser classificados com certeza, sendo deixados de lado nas análises. Para as categorias fático e expressivo, Gobbo não especificou o número de ocorrências do *uai* encontradas.

Gobbo (2019), ao citar Cresti (2018), aponta que o MD *uai* aparece na categoria Conativo, essa unidade que tem a “função de encorajar o ouvinte a se engajar na interação dialógica, ou tenta interromper um comportamento não colaborativo”. (Cresti, 2018, *apud* Gobbo, 2019).⁸ Os MD conativos apresentam uma curva melódica descendente a partir da tônica. Sua duração é curta e a intensidade é um pouco mais alta. Esses MDs aparecem, preferencialmente, em início ou final de enunciados. Embora o *uai* apareça em alguns casos do conativo, o que predomina nessa categoria são os verbos, sendo o verbo *olha* o mais frequente. Levando em consideração a teoria de que o *uai* tenha surgido da forma *olhai*, isso mostra uma maior relação do *uai* com esse grupo.

O *uai* e *ué* aparecem, também, na categoria Fático, sendo caracterizado por sua funcionalidade de sinalizar para o falante que o canal de comunicação está aberto. Suas características prosódicas são uma curva melódica nivelada ou descendente com duração curta e intensidade baixa. Conforme Gobbo (2019), esta seria a unidade dialógica mais usada por brasileiros; apesar de o *uai* estar presente nessa unidade, o que mais aparece como fático é a contração *né*.

Acerca do termo “duração curta”, embora muito presente no texto de Gobbo (2019), não há nenhum valor de referência absoluto, em milissegundos, para definir o que seria uma duração

⁸ CRESTI, E. The illocution-prosody relation and the information pattern in the spontaneous speech according to the Language into Act Theory (L-Act). In: MORONIM; HEINZ, M (eds.), **Prosody: Grammar, information structure, interaction**. Special issue *Linguistik*, v 88, 2018. Apud GOBBO, O. R. **Marcadores discursivos em uma perspectiva informacional: análise prosódica e estatística**. 158 fls. (Dissertação de mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

curta. O texto compara a duração das unidades tonais levando em consideração o número de sílabas em cada unidade. Para fazer essa comparação justa, a duração de cada unidade foi dividida pelo número de sílabas, resultando na “duração silábica média da unidade”. Para evitar distorções devido a diferenças naturais na duração dos sons, todas as medidas foram normalizadas usando escores Z. Isso compara cada medida com a média esperada, indicando se uma unidade é mais longa ou mais curta do que o esperado, independentemente de seu comprimento intrínseco. Essa normalização permite a comparação justa da duração entre diferentes unidades linguísticas.

A última unidade em que o *uai* aparece, de acordo com Gobbo (2019), é no denominado Expressivo, que pode ser entendido como um “suporte emocional” à ilocução. Apesar de não manter sempre um padrão melódico constante, o que mais aparece é uma curva melódica ascendente e duração e intensidade médias. O item lexical predominante nesse grupo é a interjeição *ah*. Logo, tendo em vista os dados analisados pelo autor podemos perceber, com as unidades apresentadas, que, mesmo nas poucas vezes em que o *uai* aparece, ele não é predominante, sendo outros marcadores discursivos mais utilizados.

Levando em consideração os vários sentidos que o *uai* e suas variantes podem assumir em um discurso, é possível estabelecer uma relação entre os possíveis significados do *uai* e as três unidades dialógicas apresentadas por Gobbo, nas quais ele aparece. No conativo, poderíamos pensar no *uai*, *ué* e *uê* quando assumem sentidos como os de reivindicação, censura, entre outros. No fático, entrariam sentidos como confirmação, afirmação e no expressivo entrariam várias atitudes que o *uai* pode convencionar, como dúvida, por exemplo.

Para além dessas pesquisas apresentadas neste trabalho, existem outras que abordam, ainda que minimamente, a relação entre os marcadores discursivos e prosódia. Percebemos, então, que os estudos voltados a essas duas áreas interligadas devam ser expandidos, objetivando um melhor entendimento de questões relacionadas a elas. Pretendemos, com esta pesquisa, subsidiar pesquisas futuras que abarquem esta temática, além de apresentar nossa contribuição a essa discussão.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Geração de dados

Como dito anteriormente, nosso objetivo consistiu em investigar as características prosódicas do *uai* e determinar seu(s) sentido(s) na construção discursiva. Para isso, foi feita, inicialmente, uma exploração de dois domínios discursivos em que poderia haver presença do marcador discursivo *uai*: i) *corpus* do C-ORAL Brasil (cf.: <<https://www.c-oral-brasil.org/>>); ii) vídeos disponíveis na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.

Acerca do primeiro domínio, trata-se de *corpus* composto por gravações de boa qualidade sonora de interações verbais em português brasileiro, principalmente da(s) variante(s) falada(s) na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Nesse *corpus* as interações são divididas entre aquelas de domínio familiar ou público e podem ser monólogos, diálogos ou conversações. Uma apresentação deste *corpus* pode ser vista a seguir.

O objetivo principal da arquitetura do *corpus* é representar a variação diafásica da fala brasileira, com especial atenção à diatopia mineira (em particular, a região metropolitana de Belo Horizonte). Portanto, as gravações procuram buscar a maior variação situacional possível. Secundariamente, busca-se também representar a variação diastrática. Os textos (em média de 1500 palavras) são segmentados em enunciados e unidades tonais, para permitir o estudo das ilocuições e da estrutura informacional com base na Language into Act Theory*, desenvolvida por Emanuela Cresti, diretora do laboratório LABLITA da Universidade de Florença (Itália). (<https://www.c-oral-brasil.org/>, 2022.)

Assim sendo, esse domínio nos pareceu muito interessante e passamos a procurar pelas realizações do *uai* em todas as gravações disponibilizadas no site do projeto C-Oral Brasil (<https://www.c-oral-brasil.org/>). Entretanto, não contávamos que encontraríamos pouquíssimas realizações de *uai*, e suas variantes *uê* e *ué*. Em um dos diálogos analisados encontramos apenas uma ocorrência de *uai*, e após audição de vários diálogos do *corpus* tínhamos encontrado apenas 46 ocorrências desses termos, então resolvemos explorar nosso segundo domínio pretendido, já que as gravações disponíveis pelo domínio discursivo (i) poderiam ser insuficientes para a nossa pesquisa.

Sobre o domínio (ii), optamos por realizar um levantamento de dados espontâneos de fala nos vídeos disponibilizados pelo *YouTube* (todos os vídeos utilizados estão abertos ao público na plataforma). Assim, após exploração de várias possibilidades, optamos por utilizar os vídeos das reuniões da Câmara Municipal de Ouro Preto – MG; esses foram disponibilizados

na plataforma pelo canal da própria Câmara e abertos ao público em geral. O canal conta, até o presente momento, com 2.500 inscritos, está inscrito na plataforma desde o ano de 2013 e conta com uma estimativa geral de 387.909 visualizações. Nesse canal, encontram-se disponibilizados aproximadamente 1600 vídeos, estando entre esses vídeos *lives*, sessões solenes, audiências públicas e reuniões ordinárias da câmara ocorridas entre 11 de setembro de 2014 a 13 de julho de 2023⁹, entretanto esses números podem ser atualizados a cada dia, visto que as transmissões ao vivo de cada reunião são publicadas no canal semanalmente.

Optamos por utilizar esse *corpus* tendo em vista minimizar o problema de que as pessoas, comumente, inclinam-se a fazer um maior monitoramento da fala quando estão em situações de gravação de voz, embora tenhamos a intenção de registrar a fala mais espontânea, o que é conhecido como paradoxo do observador: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (Labov, 2008, p. 244). Nas gravações deste *corpus*, o envolvimento com as narrativas, diálogos ou conversações permitiu que a fala, mesmo monitorada devido à gravação e à fala mais formalizada que se esperaria de reuniões de vereadores, apresentasse certa espontaneidade; percebemos que, no decorrer das reuniões e à medida em que as discussões se acaloravam, esse monitoramento se perdia ou diminuía, trazendo realizações expressivas do *uai* e de suas variantes. Outro fator importante que nos fez optar pela utilização desse domínio discursivo foi a grande quantidade de vídeos disponíveis para acesso, como exposto acima, cerca de 1600 vídeos, o que nos possibilitaria encontrar maiores realizações dos MDs aqui investigados e uma maior variação de sentidos em suas utilizações.

Como expõe Barbosa (2012), a espontaneidade do *corpus* está ligada ao tipo de situação de interação e, também, ao grau de controle que o experimentador tem sobre o que está sendo dito (é mais espontâneo que uma pessoa diga algo com dúvida porque tem dúvida naquela situação que se o experimentador pede que uma pessoa diga algo com dúvida). Como já exposto, acreditamos que as ocorrências do *uai* se deem na fala espontânea, por isso a importância desse *corpus* já que, do ponto de vista de controle por parte do experimentador, nenhuma expressão do *uai* no *corpus* foi pedida ou mesmo eliciada, mas surgiu espontaneamente de uma situação real de interação verbal. Partimos, pois, de uma escuta desse *corpus*, para verificar as ocorrências de *uai* e identificar quais ocorrências seriam suficientes

⁹ foi verificado até a última reunião tomada para análise nesta pesquisa – 13 de julho de 2023.

60ª Reunião Ordinária de 2022	22 de set. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=fgJ4F7L_YaM&t=38s
61ª Reunião Ordinária de 2022	28 de set. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=3-IkQEjNLW4
62ª Reunião Ordinária de 2022	29 de set. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=5HgLrlZ8dUo
63ª Reunião Ordinária de 2022	4 de out. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=ZcTuDmuTvmg
64ª Reunião Ordinária de 2022	6 de out. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=bmAvBEPiSGM
65ª Reunião Ordinária de 2022	11 de out. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=mVSI_z9OydA
66ª Reunião Ordinária de 2022	13 de out. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=Wz1-W1ZMtXA
72ª Reunião Ordinária de 2022	9 de nov. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=k0DT8GKXWeM&t=1615s
74ª Reunião Ordinária de 2022	17 de nov. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=HBEFVM9KQpo
76ª Reunião Ordinária de 2022	24 de nov. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=e3Huc0nHaIg
80ª Reunião Ordinária de 2022	13 de dez. de 2022	https://www.youtube.com/watch?v=OO42APO2f5Q

Fonte: dados da pesquisadora.

Fatores como gênero/sexo, idade, escolaridade e proveniência (zona rural / urbana) não foram controlados em nosso estudo, visto que acreditamos que eles não interfeririam na realização do *uai* quanto às características prosódico-discursivas que intencionamos investigar, entretanto, mesmo não controlando fatores como gênero/sexo, nossos dados foram todos de fala masculina. Embora Batista, Camargos (2013) tenham encontrado que homens fazem mais uso da variável *uai* e que mulheres fazem mais uso das suas variantes *uê/ué*, essa divergência não influencia na investigação que fizemos do uso prosódico desse marcador e de suas variantes. Tais fatores não foram controlados por nós, uma vez que fizemos uso de *corpora* já disponíveis e gravados anteriormente a este estudo, sem que houvesse possibilidade de fazer um balanceamento desses fatores ou tomá-los como variáveis de estudo, mas foram feitas observações para verificar se há mais ou menos frequência de uso desse marcador, bem como se há diferenças prosódicas e de sentido que estejam mais ligadas a certos falantes (por exemplo, se tende a ocorrer mais uso de *uai* na fala de jovens ou de pessoas de mais idade, na fala de homens ou mulheres, na fala de pessoas com mais ou menos escolaridade, na fala de pessoas de zona urbana ou rural).

3.1.1 Descrição dos dados gerados

Ao todo foram assistidos cerca de 70 vídeos para encontrar as ocorrências dos MDs. Para selecionar os vídeos dos quais foram retiradas as ocorrências de *uai* e suas variantes, estabelecemos o critério de seleção pelos vídeos disponíveis no canal da Câmara. Geralmente apareciam três tipos de vídeos: sessões solenes, reuniões ordinárias e reunião de audiência. Pensando na hipótese de que os MDs ocorressem com maior frequência em fala menos monitorada, entendemos que começar as análises pelos vídeos de reuniões ordinárias poderia ter mais sucesso. Como já dito, apesar de reuniões de vereadores ser um contexto que exija uma maior formalidade, entendemos que nas reuniões ordinárias poderia haver momentos que os vereadores perdessem esse monitoramento, em virtude de algum conflito de opiniões, uma discussão mais acalorada, e isso acarretaria uma maior ocorrência dos MDs.

Durante a análise, após assistir aos 70 vídeos em busca de ocorrências do MD – *uai*, *uê* e/ou *ué*, descobrimos que 24 desses vídeos continham essas expressões. No entanto, uma escolha foi feita para excluir um desses vídeos, a fim de evitar qualquer confusão nos resultados. Vale ressaltar que esse vídeo em particular apresentava uma fala realizada por uma pessoa do sexo feminino, enquanto todos os outros eram de indivíduos do sexo masculino. Além disso, é importante mencionar que a Câmara Municipal de Ouro Preto é composta por um corpo de 14 vereadores do sexo masculino e apenas uma vereadora do sexo feminino. Levando em consideração informações obtidas na literatura, que apontam diferenças de timbre de voz relacionadas ao sexo biológico (Barbosa, 2019), principalmente no que concerne às medidas de frequência fundamental (F0), optamos por remover esse dado específico da análise. É válido ressaltar que, perceptivamente, os dados de fala masculina apresentavam-se dentro da faixa de frequência fundamental esperada para o sexo masculino.

Essas escolhas foram baseadas estritamente na busca de resultados consistentes e representativos. É fundamental reconhecer que a diversidade de vozes e perspectivas é essencial para uma análise abrangente. Portanto, apesar dessa exclusão, continuamos cientes da importância de considerar a participação de pessoas de diferentes gêneros em futuras investigações.

Sendo assim, após encontrar os dados referentes à nossa pesquisa fizemos uma análise discursiva dos vídeos, da cena enunciativa, para uma primeira rotulação dos dados. Como já exposto anteriormente, foram analisados 23 vídeos totalizando aproximadamente 91 horas de gravação. Tal análise foi aplicada levando em consideração o contexto das reuniões e como os vereadores se portavam, baseados na percepção da pesquisadora. Assim, partindo das possíveis significações encontradas na literatura acerca do *uai*, a saber: adoção, afirmação, apreensão,

assentimento, censura, certificação, conclusão, confirmação, convicção, desagrado, espanto, incerteza, estranheza, pasmo, permissão, transigência, réplica, contestação, desculpa, reivindicação, anuência, restrição, impaciência, surpresa, susto, dúvida, questionamento e admiração, foi possível caracterizar os possíveis sentidos dos MDs ditos pelos vereadores.

No entanto, após fazer essa caracterização, percebemos certa proximidade de significação em alguns rótulos e entendemos que poderíamos agrupar esses rótulos quanto à proximidade de sentidos. Como exposto mais à frente neste capítulo, a partir das significações encontradas, estabelecemos quatro grupos de significações, quais sejam: i) obviedade, convicção, confirmação, afirmação, conclusão; ii) contestação, reivindicação; iii) dúvida, questionamento; iv) censura, desagrado, estranheza. Todos esses rótulos foram percebidos, pela pesquisadora, tendo como base as reações de cada vereador ao pronunciar as frases em que continham os MDs. Além do que foi dito, foram levados em consideração outros traços, como movimento das mãos, expressões faciais, entre outros. A seguir, apresentamos uma tabela com um panorama geral dos dados.

Tabela 4: Panorama geral com o número total de dados analisados, rótulos e falantes.

Número de ocorrências	Rótulos	Falantes
9	Dúvida	Sexo masculino
37	Afirmação	Sexo masculino
8	Contestação	Sexo masculino
15	Desagrado	Sexo masculino

Fonte: dados da pesquisadora.

Sobre o total dos dados analisados, encontramos 69 marcadores discursivos ao todo, sendo 50 *uai*, 16 *ué* e 3 *uê*. Desses dados encontramos 9 *uai* com sentido de dúvida, 21 de afirmação, 5 de contestação e 15 de desagrado. Para a variante *ué*, encontramos 13 de afirmação e 3 de contestação. Para a variante *uê*, encontramos 3 de afirmação. Tendo exposto esse panorama geral dos dados analisados, passemos à descrição de como foram feitas as análises enunciativa e acústica.

3.2. Análise dos dados

Como vimos, o *uai* pode apresentar muitos sentidos na enunciação, embora seja uma palavra curta, mas com sentidos muito variados. Fizemos, então, após a geração dos dados (transcrição e seleção do *corpus*), a categorização dos dados quanto aos sentidos do *uai* na enunciação. Na sequência, foi feita a análise acústica dos dados, segundo os parâmetros físicos de frequência fundamental – F0, duração e intensidade. Para finalizar a análise, foram feitas estatísticas descritivas e inferenciais de forma a auxiliar na interpretação dos dados.

3.2.1. Análise enunciativa dos MDs

De acordo com a literatura aqui apresentada, sabemos que *uai* e suas variantes *ué* e *uê* podem apresentar sentido de espanto, impaciência, surpresa, susto, dúvida, admiração, entre outros. Para caracterizar os sentidos desses marcadores discursivos, foi feita uma análise da cena enunciativa e do contexto de uso do marcador *uai* ou de suas variantes.

Ao realizar as análises das cenas enunciativas de cada realização, depois de ter anotado e determinado os variados significados que poderiam ser atribuídos, em virtude do contexto enunciativo, para cada MD, percebemos que muitas dessas significações encontradas apresentavam semelhanças e que elas poderiam ser agrupadas, ou seja, percebemos rótulos diferentes, mas com significados semelhantes. Um teste de percepção/julgamento utilizado em um trabalho final da disciplina Prosódia, do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto, intitulado “Função modal e atitudinal da prosódia: análise do marcador discursivo *uai* em asserções e questões”, de autoria da pesquisadora, também nos ajudou a chegar a essa conclusão. Tal teste foi feito com pessoas que ouviram alguns dos excertos de frases em que ocorriam os MDs aqui investigados e deveriam dizer se aquele sentido do *uai* poderia ser considerado como uma questão ou uma asserção. É válido ressaltar que o sentido do *uai* estava relacionado à modalidade neste teste. Se os julgamentos feitos indicassem o *uai* com a modalidade de questão, poderíamos associá-los aos sentidos de questionamento, dúvida. Se apresentassem sentido de conclusão, afirmação, estariam relacionados à modalidade de asserção. A partir dos resultados obtidos pelo teste foi possível estabelecer relação com parte dos nossos dados, já que nem todos estavam compreendidos entre

questões e asserções apenas. Então, percebendo as semelhanças desses rótulos e com a ajuda desse teste de percepção, decidimos, por bem, agrupar esses sentidos em rótulos semelhantes.

Assim sendo, baseados nos possíveis sentidos do *uai* encontrados no nosso referencial, estabelecemos os seguintes sentidos ao analisar os vídeos e considerando a construção de sentidos: obviedade, convicção, confirmação, afirmação, conclusão, contestação, reivindicação, dúvida, questionamento, censura, desagrado e estranheza. Então, com o auxílio do dicionário Aurélio (1995) e do dicionário de sinônimos “Sinônimos”, entendemos que poderíamos agrupar esses sentidos em quatro grupos diferentes, a saber: i) **afirmação**, obviedade, convicção, confirmação, conclusão; ii) **contestação**, reivindicação; iii) **dúvida**, questionamento; iv) **desagrado**, censura, estranheza (o primeiro rótulo em cada grupo, em negrito, é o que escolhemos para designar o grupo). A análise que procedemos foi feita para cada *uai* como pertencente a um desses quatro grupos e as comparações entre os sentidos também foram feitas obedecendo à divisão nestes quatro grupos.

3.2.2. Análise acústica dos dados

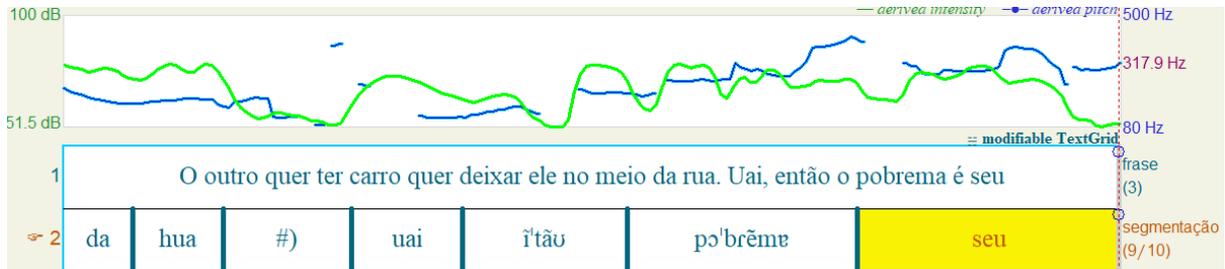
A partir dessa categorização foi feita uma análise prosódica instrumental e pluriparamétrica, utilizando o Software *Praat*¹⁰, a fim de caracterizar como se configuraram os parâmetros prosódicos do *uai* nas frases selecionadas; percebemos, também, se nas frases o *uai* apareceu seguindo um padrão prosódico ou se foi prosodicamente variável. Classicamente o estudo prosódico é feito por meio de uma análise acústica contemplando três parâmetros físicos do som: a frequência fundamental, a intensidade e a duração (Crystal, 1969). Neste estudo, fizemos medições referentes a esses três parâmetros, como descrito a seguir.

Para o parâmetro F0, usamos a opção *show pitch* no *Praat*; ao acionar essa opção, aparece na tela a curva de frequência fundamental e, clicando com o cursor em qualquer ponto dessa curva, o valor de F0 é mostrado na tela. Foram analisados os valores máximo, mínimo, inicial e final de F0 do marcador *uai* ou de suas variantes. Com a análise dos valores nesses pontos, foi possível ter uma ideia geral da tessitura e do registro da curva melódica no MD. Em seguida, foi aferida a média de frequência fundamental do enunciado e do marcador *uai*. Para finalizar, os movimentos melódicos ocorrentes sobre a sentença e sobre o marcador discursivo

¹⁰ O software *Praat*, criado por Paul Boersma e David Weenink, é de uso livre e está disponível na página <www.praat.org>.

foram quantificados e descritos. Na figura a seguir, podemos observar em azul a curva de F0 e em verde a curva de intensidade de um dos enunciados com MD *uai* analisados.

Figura 1: representação, conforme *Praat*, das curvas de intensidade e F0.



Fonte: dados da pesquisadora.

Para análise da duração, foi feita a segmentação do enunciado e a segmentação do marcador *uai*. Após essa segmentação, o software *Praat*, quando está selecionado certo segmento da sentença ou mesmo todo o marcador *uai*, fornece o valor da duração do trecho segmentado em segundos. A duração de pontos-chave da sentença e do marcador *uai* foram analisadas de modo a descrever suas características prosódicas. Também foram observadas pausas antecedendo ou seguindo o(s) MD(s) analisado(s) em cada sentença.

Para a intensidade, em que os valores são obtidos em Decibéis – dB, foi utilizada a opção *show intensity*, a fim de mostrar a variação da intensidade ao longo do enunciado ou do MD *uai*. Foi medida a intensidade média do enunciado e a intensidade média do MD *uai*. Cabe lembrar que, como no *corpus* utilizado, não houve controle de distância entre boca do locutor e microfone (ou outro equipamento de som que capte a voz), esse fato inviabiliza uma análise mais detalhada, por isso as medidas de intensidade foram utilizadas com cautela.

3.2.3. Análise estatística dos dados

A partir dos valores de F0, duração e intensidade obtidos na análise acústica, para auxiliar a interpretação dos dados, foram feitos cálculos estatísticos descritivos e inferenciais. Para fazê-los, foi instalado, no Excel, o suplemento Real Statistics¹¹. Esse suplemento possibilita fazer análises estatísticas descritivas e inferenciais.

¹¹ O suplemento Real Statistics é de uso livre e pode ser baixado a partir do site: <<https://real-statistics.com/free-download/>>.

O primeiro comando utilizado no Real Statistics foi “Estatística Descritiva e Normalidade”¹². Ao dar esse comando, o suplemento retorna uma tabela em que aparecem várias estatísticas descritivas, como média, mediana, moda, desvio padrão, erro padrão, além de fornecer dados a respeito da normalidade dos dados, como o teste de Shapiro-Wilk. Retorna ainda os valores de dados agrupados por quartis e um *box plot* com a distribuição dos dados e a indicação de pontos fora da curva ou valores atípicos (*outliers*).

O segundo comando utilizado no suplemento foi “Anova de um fator”, em que foi possível selecionar um teste não paramétrico para verificar se as diferenças apresentadas entre as médias ou medianas dos grupos eram significativas estatisticamente. Optamos pelo teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e o teste post hoc de Dunn. Para o teste de Kruskal Wallis, a hipótese nula é que os grupos dos quais calculamos as medianas são iguais, e a hipótese alternativa é de que pelo menos um dos grupos tem mediana diferente dos demais. Ao dar o comando para que esses testes fossem feitos no Real Statistics, obtivemos como retorno o valor de *p*, que consideramos significativo quando menor que 0,05, ou seja, valor de $p < 0,05$ indicava que ao menos duas das medianas dos grupos eram significativamente diferentes (rejeitando a hipótese nula e aceitando a hipótese alternativa). Para encontrar quais medianas eram significativamente distintas, foi feito o teste post hoc de Dunn, que retornou, comparando cada significação do *uai* com outra, quais medianas eram significativamente diferentes ou não (consideramos significativamente distintas aquelas que apresentaram valor de $p < 0,05$).

Por fim, dentro do próprio *software* Excel, foi feita a análise de correlação de dados, por meio da fórmula CORREL, a fim de verificar se havia correlação entre dois conjuntos de dados. Esse cálculo foi utilizado para verificar se estavam correlacionados os valores de duração e intensidade do marcador discursivo e do enunciado no qual ele se encontrava. Foi considerada como existente a correlação positiva para coeficientes maiores que 0,6 (60% dos dados) e a correlação negativa para coeficientes menores que -0,6 (60% dos dados). Foi feito ainda no Excel o gráfico de dispersão com linha de tendência para ilustrar essa correlação entre os dados de duração e intensidade dos marcadores discursivos e de seus respectivos enunciados.

¹² Os comandos do suplemento estão em inglês, mas optamos aqui por apresentar uma tradução livre desses comandos.

4. RESULTADOS

4.1. Análise enunciativa

Como nosso objetivo geral é analisar a construção de sentido do *uai* na enunciação e determinar como a prosódia participa na construção dos significados desse MD, tentaremos descrever, perceptivamente, os possíveis sentidos do *uai* e suas variantes, no falar mineiro, a partir dos trechos selecionados. Para tal, analisaremos cada ocorrência em seus respectivos contextos para tentarmos compreender e descrever seus significados, visto que, para isso, não poderemos desconsiderar o contexto ao qual os discursos se aplicam.

Os excertos foram retirados dos vídeos da 3^a, 4^a, 6^a, 17^a, 22^a, 25^a, 26^a Reunião Ordinária de 2023 e da 44^a, 47^a, 49^a, 55^a, 58^a, 60^a, 61^a, 62^a, 63^a, 64^a, 65^a, 66^a, 72^a, 74^a, 76^a, 80^a Reunião Ordinária de 2022. Todas as reuniões podem ser encontradas no canal do *YouTube* da Câmara Municipal de Ouro Preto (cf.: <https://www.youtube.com/@CamaraMunicipaldeOuroPretoCMOP/featured>) e para os que desejarem ter acesso aos recortes de trechos referentes às realizações de *uai*, *uê* e *ué* tomadas para análise, esses estão disponíveis através do link <https://drive.google.com/drive/folders/1qy0fldH1QFMxy3WUd3n3t8idvafchoss?usp=sharing>¹³ para uma pasta compartilhada pelo *Google Drive*. É importante mencionar que, para as análises enunciativas seguintes, pensamos em uma primeira palavra específica que concordasse com o contexto e após essa primeira significação passamos a compreender essas primeiras significações mais específicas com as mais gerais já citadas, a saber: afirmação, dúvida, contestação e desagrado.

Antes de nos referirmos ao contexto em que cada MD foi encontrado e como o interpretamos, vamos descrever a dinâmica das reuniões ordinárias da Câmara Municipal de Ouro Preto cujos vídeos foram aqui analisados. As reuniões ordinárias seguem a seguinte dinâmica: a reunião é iniciada com a chamada inicial para conferência de quórum, em seguida passa-se e leitura do expediente e matérias legislativas a serem distribuídas. Nesses momentos, qualquer vereador pode solicitar questão de ordem ao presidente, podendo assim usar a fala a qualquer momento, nesse ínterim. Na ordem do dia seguem para as questões de indicações, representações, moções de aplauso (quando há), requerimentos e projetos a serem votados em

¹³ Quem tiver interesse em acessar os dados precisará solicitar o acesso à pesquisadora, após concordância os dados poderão ser acessados.

única discussão, primeira discussão, segunda discussão e em redação final. Cada vereador pode pedir a palavra durante essas matérias e, sendo esse vereador o autor de um documento, ele pode comentar por mais tempo que os outros que não o são. Se outro vereador desejar comentar, ele deve pedir a palavra ao presidente e, se concedido, é dado um minuto para fazer uso da palavra e discutir a matéria publicada de outro vereador.

Após a discussão das matérias, havendo tempo regimental, há a fala de orador: os vereadores, em caso de tempo regimentar, têm fala livre de 7 minutos mais 3 para fazer exposições sobre aquilo que foi exposto na reunião ou outros comentários pertinentes sobre coisas de que a cidade necessita.

Para que o público tenha direito à fala nas reuniões, as pessoas se inscrevem para a tribuna e devem ser aprovadas pela comissão de fiscalização de tribuna, então os moradores vão expor suas reclamações, pedidos, entre outros. Assim, a reunião ordinária é transformada em reunião especial. O morador que fez a solicitação da tribuna tem cerca de 10 minutos para fazer a explanação, os vereadores têm de 3 a 5 minutos para fazerem perguntas, comentar sobre o assunto da tribuna e o morador responde. O presidente passa a palavra para a pessoa fazer as considerações finais e logo há o encerramento com a chamada intermediária voltando, desse modo, para a reunião ordinária e conseqüentemente para a ordem do dia.

As reuniões são abertas ao público, mas, como dito, somente o público que se inscreve e tem seu tema aprovado pela comissão de tribuna terá direito à fala. asno caso de reuniões itinerantes, como são realizadas nos distritos, as pessoas que desejarem ter direito à fala se inscrevem na hora.

A seguir, exporemos um quadro com as características gerais encontradas dos informantes e o número de realizações ditas por cada um deles.

Quadro 2: características gerais dos informantes e nº de realizações.

Sujeito	Idade	Escolaridade	Origem	Nº de realizações
Vereador 1	61 anos	Ens. Médio compl.	Piranga	18
Vereador 2	42 anos	Ens. Médio compl.	Belo Horizonte	13
Vereador 3	44 anos	Ens. Médio compl.	Ouro Preto	4

Vereador 4	47 anos	Ens. Médio compl.	Presidente Bernardes	3
Vereador 5	46 anos	Ens. Sup. Compl.	Ouro Preto	6
Vereador 6	27 anos	Ens. Sup. Compl.	Ouro Preto	6
Vereador 7	59 anos	Ens. Fund. Compl.	Ouro Preto	3
Vereador 8	50 anos	Ens. Fund. Incompl.	Ouro Preto	2
Vereador 9	42 anos	Ens. Médio compl.	Ouro Preto	1
Vereador 10	37 anos	Ens. Sup. Compl.	Jordânia	1
Morador 1	40+ (aparente)	Não informado	São Bartolomeu	1
Morador 2	40+ (aparente)	Não informado	Ouro Preto	1
Morador 3	40+ (aparente)	Não informado	Santo Antônio do Leite	10

Fonte: dados da pesquisadora e Diário Cidade <https://www.diariocidade.com/mg/ouro-preto/eleicoes/2020/candidatos/vereador/>.

No contexto do quadro 2, é essencial enfatizar que nossa pesquisa se concentra no falar mineiro com um enfoque específico na comunidade de fala de Ouro Preto. Isso se justifica pelo fato de que alguns vereadores não são naturais da cidade, mas sim de outras localidades em Minas Gerais. No entanto, eles residem na cidade em questão há bastante tempo.

Assim, iniciando nossa análise¹⁴, temos a primeira realização do MD que aparece na 3ª Reunião Ordinária de 2023. O vereador 1 faz uso do *uai* para expressar o sentimento de censura. Ele conta uma história que aconteceu e nessa história algumas mulheres o questionam sobre uma passarela que deveria ter sido feita e não foi, ele dá a entender que foi feita uma censura por parte das mulheres para com ele. Nesse enunciado, houve uma pausa antes e após o uso do *uai*. O perfil dessa realização concorda com uma de nossas hipóteses: a de que um MD geralmente ocorre em posição inicial de sentença e é seguido por uma pausa prosódica.

A próxima reunião analisada foi a 4ª Reunião Ordinária de 2023. Nela ocorre uma realização do *uai* também com o sentido de censura. O vereador 1 está em uma situação de monólogo, em que expõe seu ponto de vista e utiliza o *uai* para expressar uma situação de inconformidade; o vereador narra a situação de forma a censurar as pessoas que fazem aquilo

¹⁴ Todas as frases analisadas estão transcritas em anexo.

que ele está julgando. A pausa nessa realização foi percebida antes do MD, iniciando uma sentença, de acordo com as hipóteses.

Na 6ª Reunião Ordinária de 2023, mais uma vez, o vereador 1 está em situação de monólogo e agora usa o *uai* para expressar um questionamento que outras pessoas lhe fazem quando o encontram pelas ruas, ele está contando esse fato. Nessa situação a pausa aparece logo após a realização do MD, corroborando, novamente, com uma de nossas hipóteses. O *uai* aparece marcando o início de fala.

Na 17ª Reunião Ordinária de 2023 a palavra é concedida ao morador 1 e ele utiliza o *uai* para expressar um questionamento; ele também está em uma situação de monólogo em que expõe o que tem a dizer e os presentes o ouvem. Nessa ocasião, a pausa é empregada no início de seu questionamento e em seguida o MD é usado.

Na 22ª Reunião Ordinária de 2023, temos duas realizações do marcador *ué* e em ambas as situações expressando uma reivindicação. No excerto 1, percebemos que o vereador 2, que está em um momento de expor suas ideias, se dirige especificamente a uma pessoa e utiliza o MD *ué* para fazer uma reivindicação. Nessa ocorrência, a pausa é percebida ao final do enunciado.

No excerto 2 da 22ª Reunião Ordinária de 2023, o vereador 1 também está em um momento de monólogo e utiliza o *ué* para expressar uma reivindicação, a pausa é, também, percebida ao iniciar o turno, antes de usar o MD, concordando com a hipótese de que um MD é percebido em posição inicial de sentença.

Passando para a próxima reunião, na 25ª Reunião Ordinária de 2023 é possível perceber um certo tumulto: o morador 2 está pedindo o direito de fala e é perceptível que ele está nervoso, contrariado. Ele utiliza o *uai* para expressar uma contestação e o MD aparece entre duas pausas, uma inicial e uma final, indicando um final de turno.

Em seguida, na 26ª Reunião Ordinária de 2023 o vereador 3 fala em situação de monólogo utilizando o *ué* para manifestar uma reivindicação referente ao cumprimento de uma prestação de contas por parte de uma empresa. O MD é usado no final da sentença e indicando fim de turno.

No excerto 1 da 44ª Reunião Ordinária de 2022 percebemos um uso do *uai* com o sentido de afirmação daquilo que o vereador 2 disse anteriormente. Ele está com a palavra, então está em situação de monólogo, expondo seu ponto de vista, e usa o *uai* como forma de afirmar o que

ele acaba de dizer. Nesse sentido, é possível perceber a pausa ao final do enunciado, logo após a realização do MD, indicando fim de turno.

No excerto 2 da 44ª Reunião Ordinária de 2022 temos seis realizações dos MD objetos desta investigação. A primeira é um *uai* e seu sentido pode ser entendido como o de uma obviedade, já que, segundo o vereador 2 que tinha a palavra naquele momento, fica claro que “quem faz macumba é quem também tira”. Essa realização do *uai* apresenta uma pausa no início do enunciado, concordando com uma das nossas hipóteses. A segunda realização também é um *uai* dito pelo vereador 2, ele fez uso do *uai* para expressar uma conclusão de fala, concluindo o que havia sido dito no enunciado anterior e finalizando com uma pausa, indicativa de fim de turno. A próxima realização é um *uê* seguido por uma pausa. Ao utilizar a variante, o vereador 2 reafirma o que ele disse anteriormente, também é possível perceber uma certa exaltação por parte desse vereador. Em seguida, temos um *ué* sendo dito pelo vereador 2, essa realização também foi dita em fim de turno e indicando uma afirmação e seguido por uma pausa. Após essa realização, temos outro *ué*, seguido por uma pausa, que foi dito com o sentido de uma afirmação. Por último, temos um *uai* apresentando sentido de conclusão, ele é usado no final do enunciado e indica o fim daquele turno terminando precedido por uma pausa.

No excerto 1 da 47ª Reunião Ordinária de 2022, temos a primeira realização do *uai* que apresenta uma pausa antes e outra depois de sua realização. Ao ouvirmos o áudio e entendermos o contexto da fala do vereador 4, podemos estabelecer o sentido de questionamento, pois o locutor aparenta estar inconformado, já que ele acredita não fazer sentido a colocação de escória nos morros.

No excerto 2 da 47ª Reunião Ordinária de 2022, temos três realizações dos MD. A primeira é a variante *ué*; analisando o contexto em que foi dita, corrobora um sentido de obviedade. Para o vereador 2, o que está sendo dito é óbvio e, a fim de comprovar o que ele acredita ser verdade, fala sobre os ouvintes analisarem a foto e a patrol para terem essa confirmação. Ele afirma isso fazendo uso dessa variante e finaliza o turno com uma pausa. A segunda realização também é um *ué*: nessa parte, o locutor está exaltado, o que se torna perceptível no volume alto de voz utilizado, o que corresponde fisicamente a altos valores de intensidade. Percebemos que a realização do *ué* desempenha, no contexto, o sentido de afirmação, afirmando estar “ali” e lançando mão da variante como forma de afirmar sua ideia. Essa realização é seguida de uma pausa. A terceira realização desse excerto é de um *uai*, também foi feita pelo vereador 2, porém com um tom mais elevado de voz e foi dito com o

sentido de contestação por parte do informante. Nessa realização do *uai*, ele utilizou uma pausa antes e outra ao final do MD.

No excerto 3 da 47ª Reunião Ordinária de 2022, o *uai* é antecedido por uma pausa; essa realização é dita com o sentido de estranheza, mais próxima de uma dúvida, já que o vereador 1 se mostra confuso acerca de quem será o próximo a ter direito à fala.

Por fim, no excerto 4 da 47ª Reunião Ordinária de 2022, pelo contexto, podemos entender que o vereador 5 faz uso do *ué* com o sentido de confirmação. Ele confirma o motivo de estar ligando para o outro vereador e escolhe esse MD para fazer essa marcação. A pausa é percebida ao final da realização do MD.

Na 49ª Reunião Ordinária de 2022 temos, no excerto 1, a realização de um *uai* tendo sentido de conclusão; o vereador 1 está em seu momento de fala e usa o MD seguido por uma pausa para indicar o fim de um turno e a afirmação daquilo que foi dito por ele.

No excerto 2 da 49ª Reunião Ordinária de 2022 o vereador 6 faz uma pergunta à qual ele mesmo a responde, fazendo uso do *uai* para reafirmar sua ideia, o que ele já havia dito; esse MD é seguido por uma pausa, indicando o final de um turno.

No excerto 3 da 49ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 3, também com a palavra, faz uso do *ué* para indicar uma afirmação do que ele já havia dito e, também, um final de turno, pois o MD é seguido por uma pausa ao final.

Na 55ª Reunião Ordinária de 2022 temos dois excertos. No primeiro, o vereador 7 usa o MD *uai* para expressar seu sentimento de desagrado em relação ao fato que ele está cotando; percebemos uma pausa final logo após a realização do *uai* entendida como indicativa de final de turno.

No segundo trecho da 55ª Reunião Ordinária de 2022, destacam-se duas ocorrências notáveis: a primeira, na qual o vereador 8 utilizou o termo *uai* de forma conclusiva, encerrando suas declarações com uma pausa significativa. Na segunda instância, novamente protagonizada pelo vereador 8, o termo *uai* foi empregado como uma afirmação assertiva, igualmente seguida por uma pausa deliberada ao final do enunciado.

Na 58ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 1, que está com a fala, usa o *uai* para expressar uma estranheza em relação ao que ele está falando; essa realização é seguida por uma pausa final, indicando o fim daquele turno.

Para a 60ª Reunião Ordinária de 2022 temos dois excertos. No primeiro o vereador 5 faz uso da variante *ué* para expressar uma afirmação, ele está com a palavra, faz uma afirmação e usa essa variante para enfatizar sua afirmação. Logo após a realização do *ué* podemos perceber uma pausa final.

No excerto 2 da 60ª Reunião Ordinária de 2022, podemos perceber que o vereador 6, que está com a palavra: está contando um fato que acontece e utiliza o *uai* para demonstrar uma dúvida que as pessoas normalmente apresentam, no ponto de vista dele; essa realização é antecedida por uma pausa, mais uma vez, como apresentamos na nossa hipótese.

Na 61ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 1 está com a palavra: ele aparenta estar um pouco exaltado; utiliza o *uai* para concluir o que ele está dizendo, para reafirmar o que ele acredita; essa realização é seguida por uma pausa final.

Na 62ª Reunião Ordinária de 2022, temos 5 excertos. No primeiro excerto, temos a primeira realização do *uai* que é dita pelo vereador 7 com o sentido de estranheza; o vereador aparenta um certo descontentamento acerca do que alguns eleitores falam; o MD é realizado apresentando uma pausa antes e uma ao final. A próxima realização desse excerto também é feita pelo vereador 7; ele usa o *uai* apresentando um sentido de afirmação do que ele havia dito; percebemos também uma pausa muito breve após a realização do MD e em seguida ele já dá continuidade a outro enunciado.

No segundo exceto da 62ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 4 usa o *uai* com um sentido de afirmação, também para reafirmar o que ele já havia exposto; é possível perceber uma pausa logo após a realização do MD indicando, também, fim de turno.

No terceiro excerto da 62ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 5 utiliza o *ué* com o mesmo sentido de afirmação, para dar ênfase ao que ele está falando; nessa situação ele se encontra em um monólogo, tendo direito à palavra; a realização do MD foi produzida com uma pausa ao final, indicando fim do turno.

No quarto excerto da 62ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 5 usa o *uai* para confirmar o que ele disse, que “chegou a questionar” e utiliza o MD para fazer essa confirmação; sendo percebida uma pausa ao final da realização, finalizando o turno.

No quinto excerto da 62ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 1 usa o *uai*, também, para afirmar o que ele acaba de expor; essa realização também é seguida por uma pausa final.

Passando para a 63ª Reunião Ordinária de 2022, temos, no excerto 1, a realização da variante *uê* usada pelo vereador 9 com o sentido de uma confirmação daquilo que ele já disse, percebemos, também, uma alteração no humor do vereador e a utilização da pausa logo após a realização do MD, indicando o final do turno.

No excerto 2 da 63ª Reunião Ordinária de 2022, temos a realização do *ué* sendo feita pelo vereador 5 com um sentido de afirmação; esse é mais um exemplo de um desses MD sendo usado como uma forma de afirmar o que é dito anteriormente; percebemos uma pausa final após o uso do *ué* também.

No excerto 3 da 63ª Reunião Ordinária de 2022, temos duas realizações do *uai*, sendo ditas pelo vereador 1, ambas com o sentido de, novamente, afirmação, e sendo percebida uma pausa ao final de cada enunciado.

Por fim, no excerto 4 da 63ª Reunião Ordinária de 2022, temos outra realização do *uai* sendo feita pelo vereador 1 e, também, com o sentido de afirmação do que ele acaba de dizer e com uma pausa ao final, indicando fim de turno.

Na 64ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 6 usa o *uai* para expressar um questionamento referente a uma dúvida que os eleitores têm; ele está em um momento de direito à palavra e expõe algumas dúvidas dos eleitores, faz isso utilizando o MD e apresentando uma pausa antes e uma após a realização do *uai*.

Para a 65ª Reunião Ordinária de 2022, temos 6 excertos. No excerto 1, temos o *uai* sendo dito com sentido de questionamento, pois o vereador 3 usa esse MD para enfatizar o que ele está questionando. Essa realização apresenta uma pausa final.

No excerto 2 da 65ª Reunião Ordinária de 2022, temos outro *uai* dito pelo vereador 3, mas com sentidos diferentes: esse agora apresenta sentido de contestação, ele está se referindo a uma atitude que o prefeito deveria ter tomado e não tomou, por isso ele usa o *uai* com esse sentido; nesse caso a pausa está localizada na posição inicial do enunciado, antes do MD.

No excerto 3 da 65ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 1 usa o *uai* para marcar uma reivindicação para que o público presente deixe que ele conclua sua fala; também é perceptível uma alteração em seu humor e a pausa é tida no início da sentença, antes do MD.

No excerto 4 da 65ª Reunião Ordinária de 2022, o vereador 6 usa o *uai* com um sentido de confirmação do que acaba de dizer; o MD é usado no final da sentença e com uma pausa logo depois dele.

No excerto 5 da 65ª Reunião Ordinária de 2022, temos um *uai* dito para expressar um questionamento, o vereador 6 faz uma pergunta e ele mesmo a responde utilizando o MD, produzindo uma pausa antes e outra após a realização.

No último excerto da 65ª Reunião Ordinária de 2022, temos duas realizações do *uai*, a primeira indica uma estranheza, pois o vereador 1 acredita que “tem que ter” um relatório da prefeitura e então ele acha isso estranho; a pausa aparece ao final da realização do MD. A outra realização do *uai* é dita com um sentido de confirmação daquilo que foi dito pelo mesmo vereador; a pausa também aparece ao final.

Na 66ª Reunião Ordinária de 2022, temos, no excerto 1, um *ué* dito com um sentido de afirmação; o vereador 5 expõe um fato e afirma o que foi dito usando a variante; percebemos uma pausa final após a realização do MD.

No excerto 2 da 66ª Reunião Ordinária de 2022, temos um *ué* dito, agora, com sentido de conclusão; o vereador 2 está expondo sua opinião e ao concluir, usa o MD; percebemos uma pausa usada ao final da realização do *ué*.

Para a 72ª Reunião Ordinária de 2022, temos 8 excertos com as realizações, sendo que do primeiro ao sexto excerto, todos os trechos são proferidos pela mesma pessoa, o morador 3 de um distrito da cidade de Ouro Preto que obteve a palavra para falar dos problemas enfrentados em seu distrito. No primeiro excerto, ele usa o *uai* para expressar um desagrado, pois ele sabe que o secretário de obras atende a algumas pessoas e outras não; a pausa é usada ao final do enunciado.

No segundo excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, temos duas realizações, sendo a primeira um *uê* usado com o sentido de uma afirmação, quando ele expõe o que pensa e usa a variante como forma de reafirmar sua ideia; percebemos o uso de uma pausa ao final, após a realização do *uê*. Na segunda realização do segundo excerto temos um *uai* sendo usado com o sentido de conclusão, para finalizar o que ele disse anteriormente e concluir sua fala; ele usa uma pausa logo ao final da realização do MD e de seu turno.

No terceiro excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, o morador 3 usa o *uai* para expressar uma confirmação; ele expõe o problema que eles estão vivenciando e afirma que eles é que são os prejudicados; a pausa também aparece ao final, após a realização do MD.

No quarto excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, o morador 3 usa o *uai* para expressar seu desagrado com o descaso da equipe de obras para com o distrito; o *uai* também foi dito seguido de uma pausa em final de turno.

Para o quinto excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, temos duas realizações de *uai*; a primeira com sentido de questionamento, já que o morador 3 se questiona e traz aos presentes uma indagação sobre a prioridade das obras; a pausa aparece novamente ao final da realização do MD. Na segunda realização do quinto excerto, temos um *uai* com sentido de censura; o morador 3 reafirma o que foi dito anteriormente, mas com um tom de censura sobre o descaso que vem acontecendo com eles; mais uma vez uma pausa é realizada ao final da sentença, após o MD.

No sexto excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, temos três realizações do *uai*, sendo a primeira com sentido de afirmação, sendo que o morador 3 usa esse MD para enfatizar o que ele acaba de falar. Na segunda realização e na terceira, ambos os *uai* são usados com o mesmo sentido, o de desagrado, pois o morador 3 mostra-se insatisfeito por não achar uma enfermeira no posto médico; todas as três realizações do sexto excerto apresentam pausa final, após a realização do *uai*.

No sétimo excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, temos a realização de um *ué* com sentido de afirmação, o vereador 6 usa o *ué* como forma de reafirmar o que ele havia dito; a pausa também acontece ao final do enunciado após a realização do MD.

Por último, no oitavo excerto da 72ª Reunião Ordinária de 2022, temos outro *ué* sendo usado com o sentido de uma afirmação; o vereador 10 também usa a variante para enfatizar sua fala anterior com sentido de confirmá-la; nesse caso a pausa acontece depois da realização do MD, ao final do enunciado.

Na 74ª Reunião Ordinária de 2022 temos, no excerto 1, um *uai* sendo dito com o sentido de desagrado; o vereador 1 mostra-se insatisfeito com a questão de fazer indicações e ao realizar o MD deixa isso transparecer; nesse caso a pausa é anterior à realização do *uai*.

No excerto 2 da 74ª Reunião Ordinária de 2022, esse mesmo vereador 1 faz uso do *uai* para expressar uma forma de contestação, ele faz essa contestação para enfatizar que todos os vereadores precisam uns dos outros e que não podem fazer as coisas sozinhos; a pausa é realizada antes do MD.

Para a 76ª Reunião Ordinária de 2022, nos excertos 1 e 2, temos o *uai* sendo dito com sentido de desagrado e ambos com pausa em posição inicial, antes da realização do MD; no primeiro o vereador 4 aparenta certo descontentamento com a falta de diálogo antes de já quererem colocar um projeto em prática; e no segundo fica claro o desagrado do vereador 1 quanto à “água de barro” que muitas pessoas então bebendo.

Por fim, para finalizar nossa análise, passemos para a última reunião analisada, a 80ª Reunião Ordinária de 2022. Nessa reunião, encontramos uma realização do *uai* sendo dito com o sentido de um questionamento: o vereador 2 está com a palavra e faz um questionamento, que seria dos seus eleitores, destinado a ele; a pausa nesse caso é inicial, antes da realização do MD.

Apresentado os panoramas gerais de cada realização, traremos, agora, um resumo de todas as realizações em termos de cena enunciativa para cada grupo de significações dos MDs para saber, de modo geral, quando esses marcadores ocorrem na cena enunciativa.

Na maioria dos casos em que os MDs foram empregados com sentido afirmativo, notamos que essas expressões foram posicionadas no final das sentenças. Geralmente, os vereadores as direcionavam ao público presente, confirmando ou reafirmando pontos previamente discutidos durante a sessão.

Nas situações em que aparecem os MDs com sentido de dúvida, podemos perceber que, na maior parte dos casos, a fala é de um vereador que está narrando um fato e acontecem questionamentos que ele dirige ao público presente na reunião. Antes de darmos início às análises, tínhamos a intenção de encontrar muitos dados de MDs com sentido de dúvida, questionamento, no entanto, este foi o segundo rótulo com menos dados; percebemos, então, que, teoricamente, em uma reunião de vereadores seria "normal" que houvesse menos MDs de dúvida, já que eles deveriam ter certeza de tudo o que estão falando, e, quando apresentam alguma dúvida, pode parecer que não se prepararam para discutir tal assunto. Talvez esse seja o motivo pelo qual não encontramos tantos dados para esse rótulo e, também, que esses rótulos apareceram muito em situações de questionamento do outro, e não do vereador que estava falando.

Quando ocorreram as realizações dos MDs com sentido de contestação, todas as situações ocorreram com falas dos vereadores, geralmente direcionadas ao público presente na reunião, as falas, em sua maioria, eram ditas em situação de exaltação dos ânimos, quando os vereadores se mostravam indignados, revoltados com certa situação.

Na situação com sentido de desagrado, metade das realizações foram feitas por vereadores e a outra metade por um morador de um distrito da cidade de Ouro Preto. Em ambas as situações os discursos eram direcionados ao público e apareciam sempre que a situação parecia desfavorável ao locutor, esse que demonstrava, em sua maior parte, situação de descontentamento.

4.2. Análise acústica

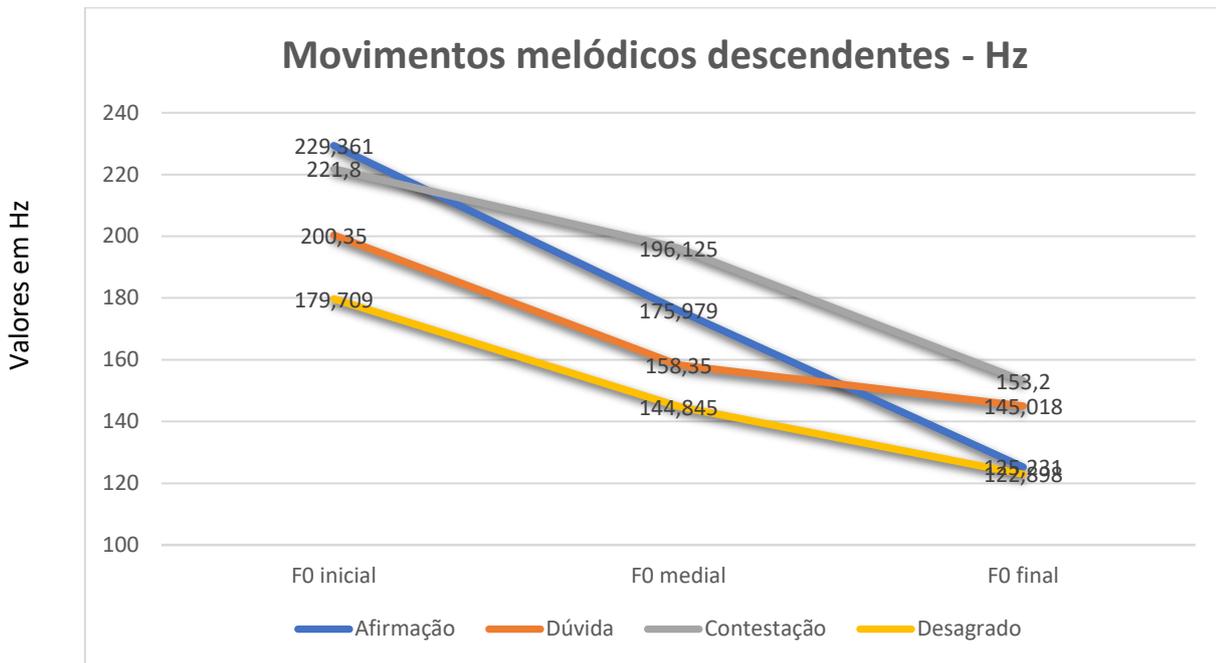
Como exposto na metodologia, fizemos uma análise prosódica instrumental e pluriparamétrica de cada realização do *uai/uê/ué* com a finalidade de caracterizar como se configuraram os parâmetros prosódicos dos MDs nas frases selecionadas; tínhamos como intuito percebemos, também, se nas frases o *uai* e suas variantes apareceram seguindo um padrão prosódico ou se foram prosodicamente variáveis. Para isso, separamos os valores de cada parâmetro de acordo com cada significado. É válido ressaltar que não encontramos diferenças perceptivas no que concerne ao uso do *uai* e suas variantes, por isso os agrupamos, separando-os apenas por significação; o uso das expressões *uai*, *uê* e *ué* parece ser determinado mais pela escolha de palavras feita de forma inconsciente do que por significados distintos associados a cada uma dessas expressões ou usos prosódicos particulares. Em outras palavras, as pessoas utilizam essas expressões de maneira automática, sem necessariamente atribuir significados específicos a cada uma delas. O uso das palavras parece ser mais uma questão de hábito linguístico ou regional, em vez de uma escolha deliberada baseada em significados particulares. A seguir apresentaremos os valores de F0, após, duração e, por fim, intensidade.

Para analisar a curva melódica dos MDs, nos baseamos nas medidas de F0 inicial, final e um ponto medial na realização do MD. Das 37 realizações com sentido de afirmação encontramos, 89% dos MD com curva melódica descendente e 11% com curva melódica circunflexa. Para as 9 realizações com sentido de dúvida, encontramos 67% apresentando curva descendente e 33% com curva circunflexa. Para as 8 realizações com sentido de contestação, encontramos 50% com curva descendente, 38% com curva circunflexa e 13% com curva ascendente; é importante salientar que essa foi a única curva ascendente que encontramos nos MD estudados em todos os dados analisados. Para as 15 realizações com sentido de desagrado encontramos 73% com curva descendente e 27% com curva circunflexa. Se comparamos as porcentagens encontradas para as curvas melódicas descendentes, podemos estabelecer uma relação com uma de nossas hipóteses a qual diz que na maioria das vezes o *uai* apresenta um

perfil melódico descendente; também em nossas hipóteses, sugerimos encontrar outros perfis melódicos variando de acordo com o significado a ser produzido, e isso pode ser atestado em nossos dados.

No gráfico a seguir, podemos identificar os desenhos das curvas descendentes seguindo a média de todos os valores de acordo com cada significação.

Gráfico 1: Curva melódica com a média de todos os dados descendentes.

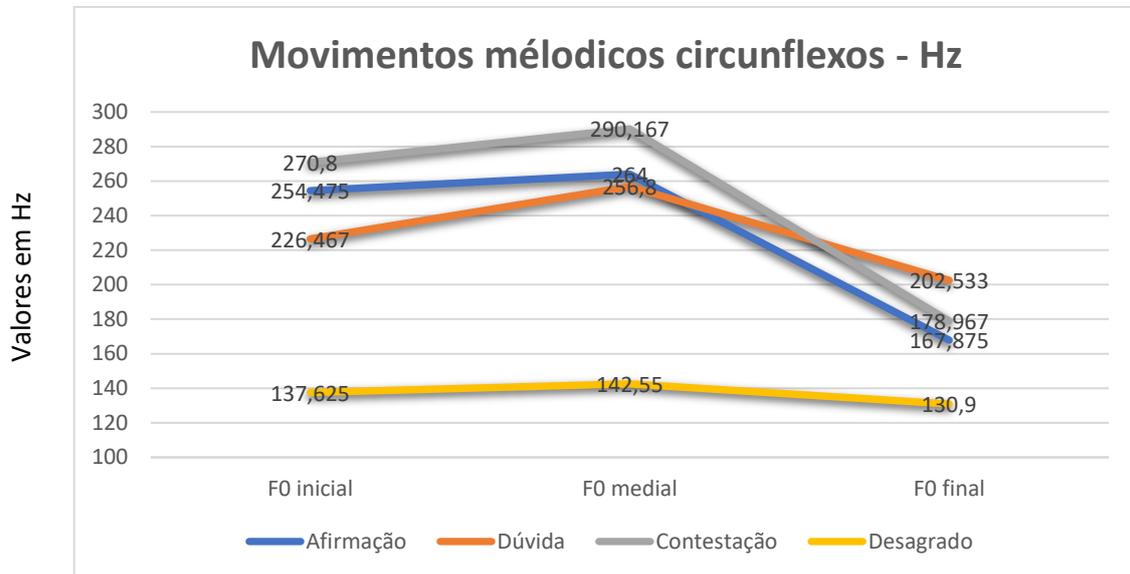


Fonte: dados da pesquisadora

Percebemos, assim, que, apesar de o gráfico apresentar as curvas com movimentos descendentes, todas as curvas para cada significação apresentaram uma configuração diferente. Em destaque, podemos identificar que a curva melódica descendente dos MDs com sentido de afirmação apresentou uma diferença maior, sendo uma linha reta que se inicia com um valor mais alto e vai caindo até o final. As curvas de desagrado e dúvida apresentaram configuração semelhante, iniciando em um nível alto, seguido por uma queda até o meio da curva e finalizando em um valor mais baixo. Já a curva de contestação apresentou um valor mais alto no ponto medial, diferindo, assim, das outras curvas.

Em seguida, no gráfico 2, é possível identificar os desenhos das curvas melódicas circunflexas para cada significação.

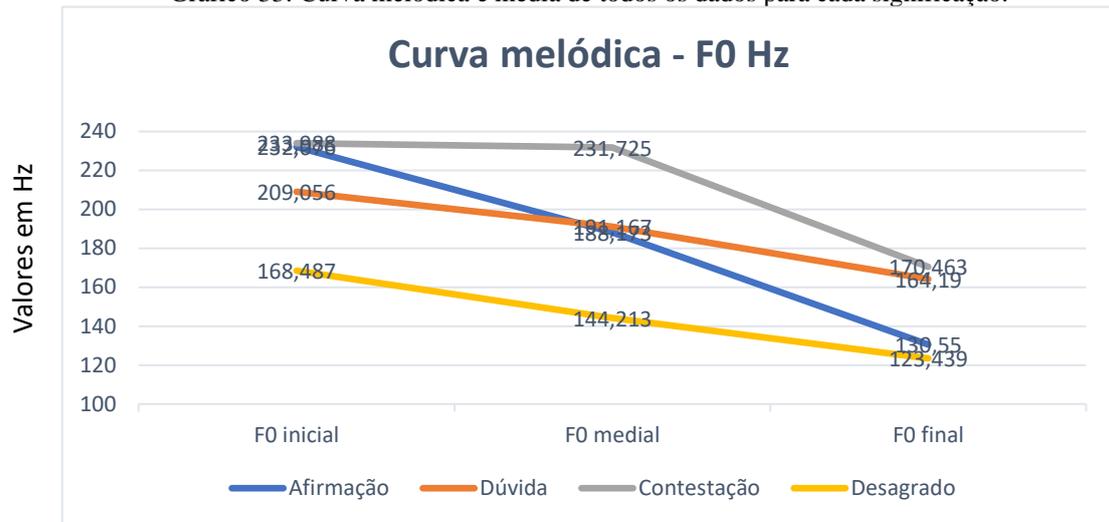
Gráfico 2: Curva melódica com a média de todos os dados circunflexos.



Fonte: dados da pesquisadora

Para as médias das realizações em curvas circunflexas, podemos perceber uma semelhança maior nas significações de afirmação, dúvida e contestação; essas significações exibiram uma curva melódica circunflexa bem marcada, ao contrário da curva de desagrado, que embora seja circunflexa, apresenta um nível bem próximo de valores inicial, medial e final, configurando-se praticamente como nivelada, isso pode ser explicado pelo fato de ao realizar um enunciado em que o locutor deseje expressar desagrado, ele tende a não fazer muitas mudanças no modo de dizer a frase, ficando os valores de FO inicial, medial e final bem próximos. No gráfico seguinte, apresentamos as representações das curvas melódicas com os valores médios para cada significação.

Gráfico 33: Curva melódica e média de todos os dados para cada significação.



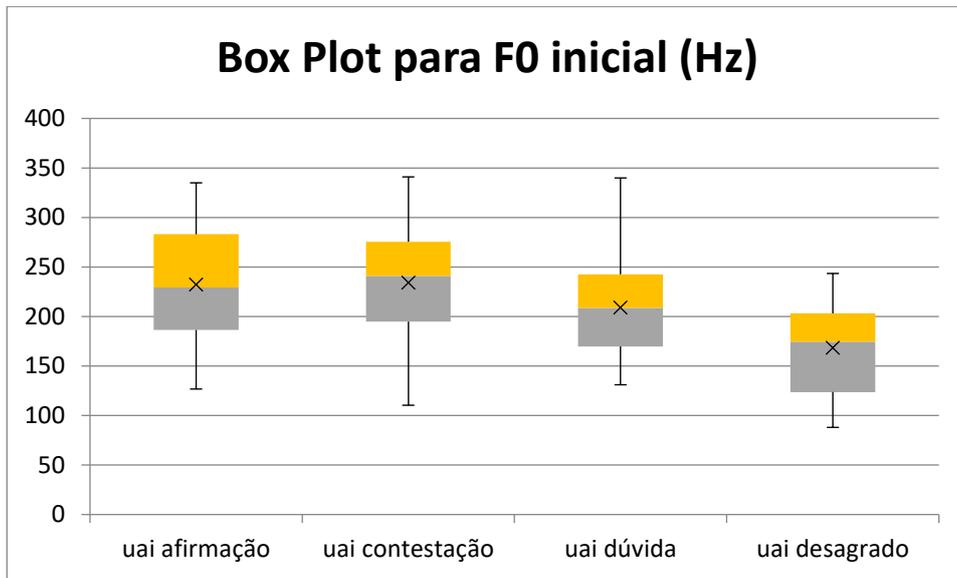
Fonte: dados da pesquisadora.

Podemos perceber uma maior semelhança entre as curvas de dúvida e desagrado, sendo que os dados de desagrado obtiveram valores mais baixos do que os de dúvida. Para a curva de contestação percebemos uma marcação de uma curva circunflexa bem estruturada e para a curva de afirmação percebemos uma constante queda até o final da realização do MD.

Além de calcular as médias, realizamos, também, uma estatística inferencial utilizando o Teste de Kruskal-Wallis no *Excel*, por meio da extensão Real Statistics.

Para F0 inicial aceitamos que há ao menos uma diferença significativa: o teste de Kruskal-Wallis mostrou que há diferença entre os grupos ($p = 0,008$). O post hoc de Dunn mostrou que há diferenças significativas entre os valores dos grupos afirmação e desagrado; e contestação e desagrado, mas não entre os demais grupos. No gráfico 4 podemos observar as tendências para cada sentido para os valores de F0 inicial.

Gráfico 4: Gráfico Box Plot para F0 inicial

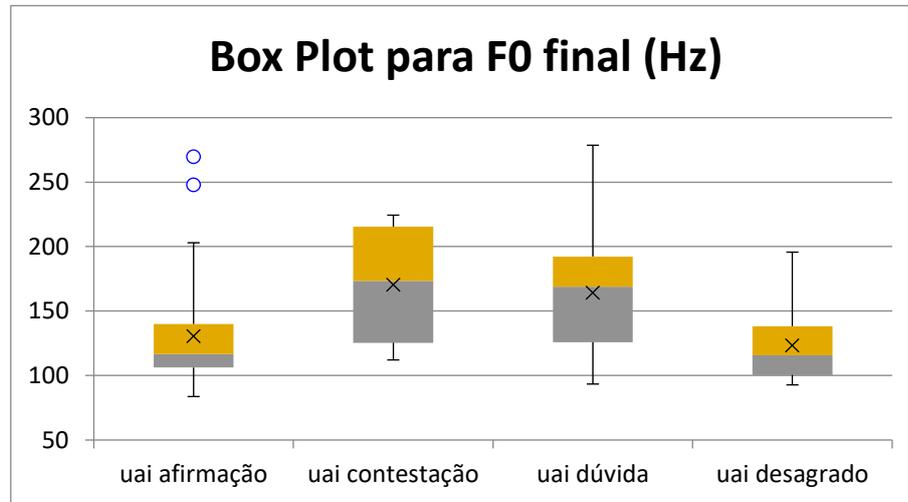


Fonte: dados da pesquisadora.

Como é possível observar, não foram encontrados outliers ou valores discrepantes para F0 inicial, percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de contestação e uma menor variabilidade para os de desagrado. Com relação à distribuição por quartis, podemos perceber que para os dados de afirmação eles apresentam uma assimetria positiva, ou seja, a mediana está mais próxima do primeiro quartil. Para os dados de contestação, dúvida e desagrado percebemos uma assimetria negativa, ou seja, a mediana encontra-se mais aproximada do terceiro quartil.

Para F0 final rejeitamos a hipótese nula e aceitamos que há ao menos uma diferença: o teste de Kruskal-Wallis mostrou que há diferença entre os grupos ($p = 0,03$). O post hoc de Dunn mostrou que há diferenças entre os valores dos grupos afirmação e contestação; e contestação e desagrado, mas não entre os demais grupos. A seguir podemos ver o gráfico Box Plot e os *outliers* encontrados para F0 final.

Gráfico 5: Gráfico Box Plot para F0 final



Fonte: dados da pesquisadora.

Como observado, foram encontrados dois *outliers* acima do limite superior em F0 final para os casos em que os MDs apareciam com sentido de afirmação. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de dúvida e uma menor variabilidade para os de contestação. Com relação à simetria, podemos perceber que para os dados de afirmação e desagrado apresentam uma assimetria positiva. Para os dados de dúvida e contestação é possível perceber uma assimetria negativa.

Acerca dos dados de F0 máximo, médio e mínimo, apresentamos a média de todos os dados separados por cada significação a seguir, na tabela 5.

Tabela 5: Valores em Hz referentes às médias de F0 máximo, médio e mínimo

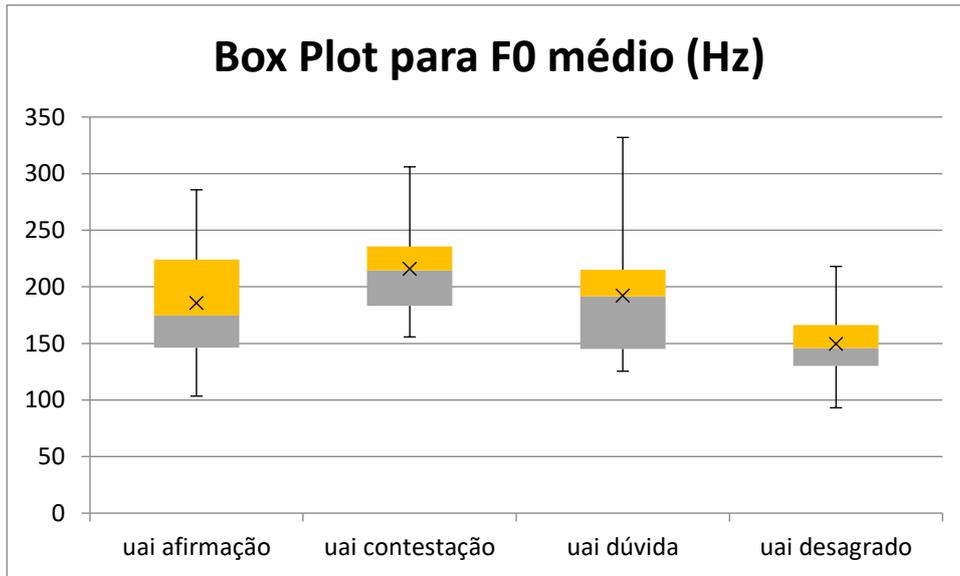
	Afirmação	Dúvida	Contestação	Desagrado
F0 mínimo	130,55	163,07	158,27	121,63
F0 médio	185,82	192,23	215,97	149,47
F0 máximo	233,89	219,98	258,3	172,47

Fonte: dados da pesquisadora.

Observamos que os valores associados à expressão de contestação se destacaram com valores mais elevados tanto no F0 máximo quanto no F0 médio. Em contraste, quando se tratava de expressões de desagrado, todos os valores obtidos foram inferiores em comparação com outras formas de significado. No caso das expressões de dúvida, os valores foram consistentemente superiores aos de afirmação, especialmente no F0 médio e mínimo.

Para os valores estatísticos desses parâmetros encontramos que, para F0 médio, devemos rejeitar a hipótese nula e aceitar que há ao menos uma diferença: O teste de Kruskal-Wallis mostrou que há diferença entre os grupos ($p = 0,01$). O post hoc de Dunn mostrou que há diferenças entre os grupos afirmação e desagrado; e contestação e desagrado, mas não entre os demais grupos. A seguir, podemos observar o gráfico Box Plot para esse parâmetro.

Gráfico 6: Gráfico Box Plot para F0 médio

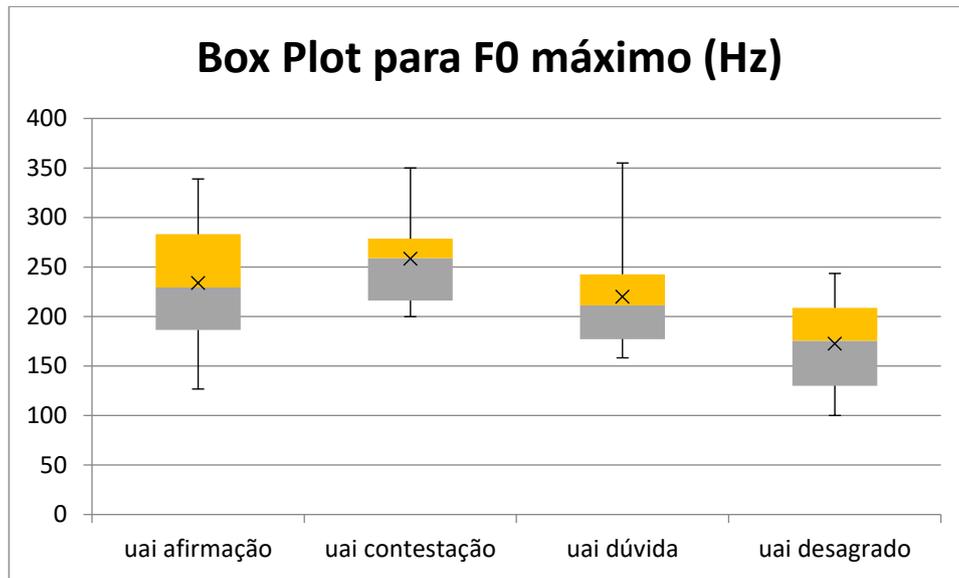


Fonte: dados da pesquisadora.

Como observado, não foram encontrados *outliers* ou valores discrepantes para F0 médio. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de dúvida e uma menor variabilidade para os de desagrado. Com relação à simetria, podemos perceber que os dados de afirmação e desagrado apresentam uma assimetria positiva. Para os dados de contestação e dúvida, é possível perceber uma assimetria negativa.

Para F0 máximo rejeitamos a hipótese nula e aceitamos que há ao menos uma diferença: o teste de Kruskal-Wallis mostrou que há diferença entre os grupos ($p = 0,002$). O post hoc de Dunn mostrou que há diferenças entre os valores dos grupos afirmação e desagrado; e contestação e desagrado, mas não entre os demais grupos. A seguir, podemos observar o gráfico Box Plot para esse parâmetro.

Gráfico 7: Gráfico Box Plot para F0 máximo.

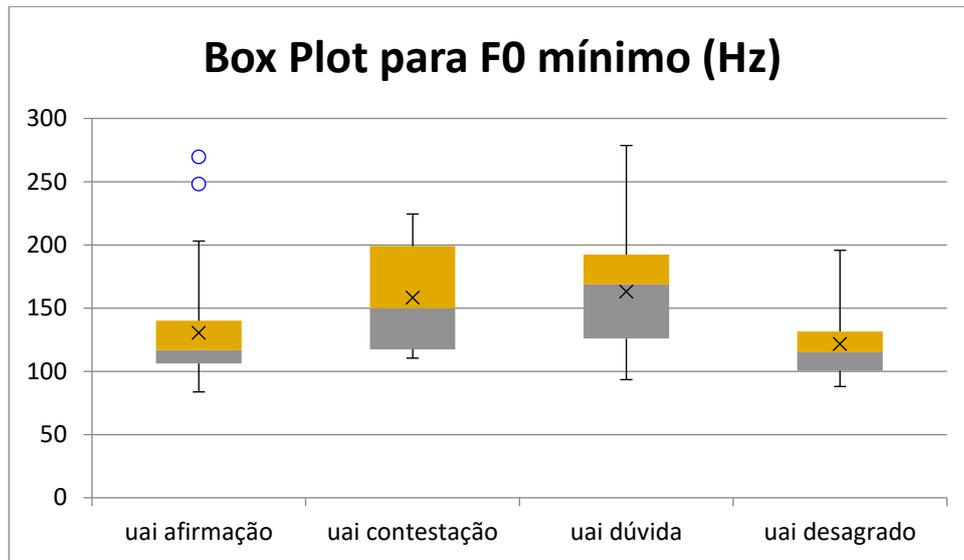


Fonte: dados da pesquisadora.

Como observado, não foram encontrados *outliers* para F0 máximo. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de dúvida e uma menor variabilidade para os de desagrado. Com relação à simetria, podemos perceber que os dados de afirmação apresentam uma assimetria positiva. Para os dados de contestação, dúvida e desagrado é possível perceber uma assimetria negativa.

Para F0 mínimo, aceitamos a hipótese nula e aceitamos, também, que as medianas dos grupos são iguais, já que o valor de p foi maior que 0,05; no entanto: o teste de Kruskal-Wallis mostrou que há diferença entre os grupos ($p = 0,08$). O post hoc de Dunn mostrou que há diferenças entre as pressões dos grupos contestação e desagrado, mas não entre os demais grupos. A seguir, podemos observar o gráfico Box Plot para esse parâmetro.

Gráfico 8: Gráfico Box Plot para F0 mínimo.

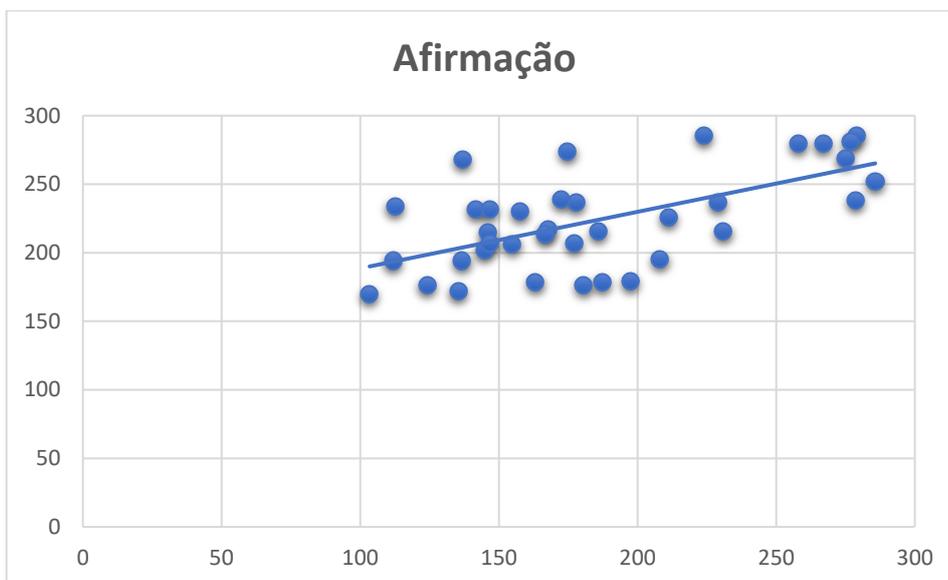


Fonte: dados da pesquisadora.

Como observado, para o parâmetro F0 mínimo, foram encontrados dois *outliers* acima do limite superior dos dados com significado de afirmação. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de dúvida e uma menor variabilidade para os de contestação. Com relação à simetria, podemos perceber que para os dados de afirmação, desagrado e contestação apresentam uma assimetria positiva e para os dados de dúvida é possível perceber uma assimetria negativa.

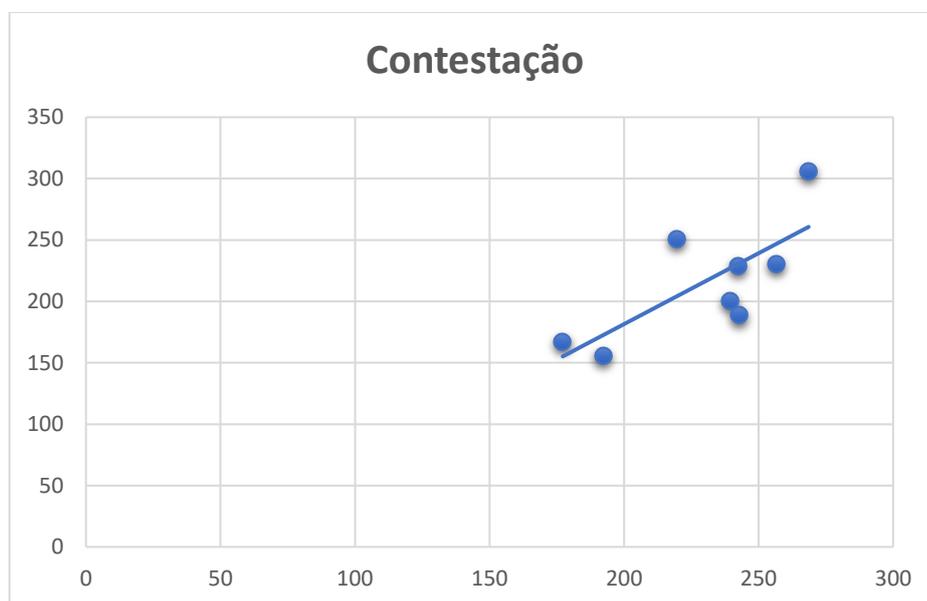
Ainda sobre os valores de F0 médio, decidimos testar a correlação entre os enunciados e seus respectivos MDs, fizemos um cálculo de correlação dos MDs para verificar se eles apresentam identificação com sua frase específica. Para os enunciados realizados com MDs com sentido de afirmação encontramos um coeficiente de correlação de 0,6169. Para os enunciados realizados com MDs com sentido de contestação, encontramos um coeficiente de 0,7434. Para os enunciados realizados com MDs com sentido de dúvida, encontramos um coeficiente de 0,7113. E para os enunciados realizados com MDs com sentido de desagrado, não consideramos que houve correlação, uma vez que encontramos um coeficiente de -0,2156. A seguir, apresentaremos os gráficos de dispersão com as tendências analisadas.

Gráfico 4: Gráfico de dispersão dos enunciados e respectivos MDs de afirmação.



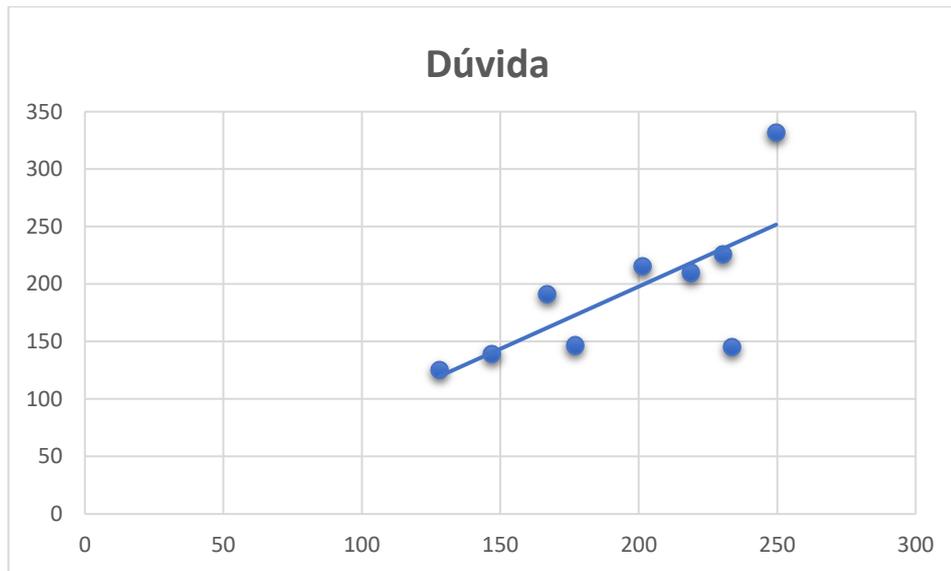
Fonte: dados da pesquisadora.

Gráfico 5: Gráfico de dispersão dos enunciados e respectivos MDs de contestação.



Fonte: dados da pesquisadora.

Gráfico 6: Gráfico de dispersão dos enunciados e respectivos MDs de dúvida.

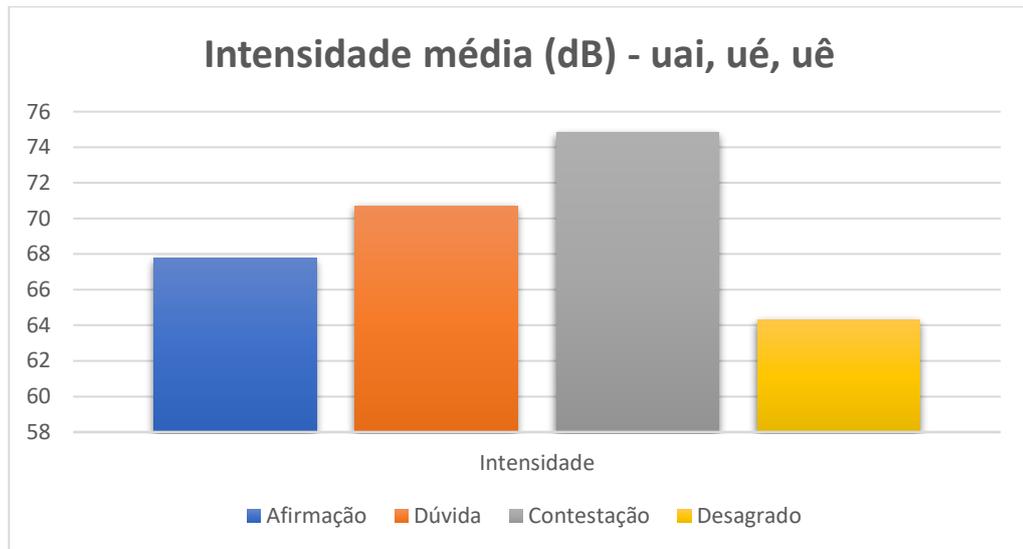


Fonte: dados da pesquisadora.

Assim, como pode ser observado nos gráficos 9 a 11 existe uma tendência de a média de F0 dos MDs se correlacionarem à média de F0 dos seus respectivos enunciados. Tal fato só não pode ser percebido para os MDs com sentido de desagrado, já que pelo baixo coeficiente não consideramos haver correlação entre a média de F0 do MD e a do enunciado, todos os outros apresentaram coeficiente positivo maior que 0,6 e apenas para os de desagrado apresentaram um valor menor (-0,2156), que não passa do limiar estabelecido (60% dos dados, ou 0,6). Então podemos afirmar, de acordo com esses dados, que a frequência fundamental dos MDs, específicos de cada frase, apresentam relação significativa com o que acontece nos enunciados colaborando com a expressividade, exceto, como já exposto, para aqueles com sentido de desagrado.

Sobre o parâmetro intensidade, na análise estatística, rejeitamos a hipótese nula e aceitamos que houve ao menos uma diferença: O teste de Kruskal-Wallis mostrou que houve diferença entre os grupos ($p = 0,01$). O post hoc de Dunn mostrou que houve diferenças entre os valores dos grupos afirmação e contestação; contestação e desagrado e dúvida e desagrado, mas não entre os demais grupos.

No gráfico abaixo podemos observar os valores obtidos para a intensidade média, referente a todos os valores para cada significação.

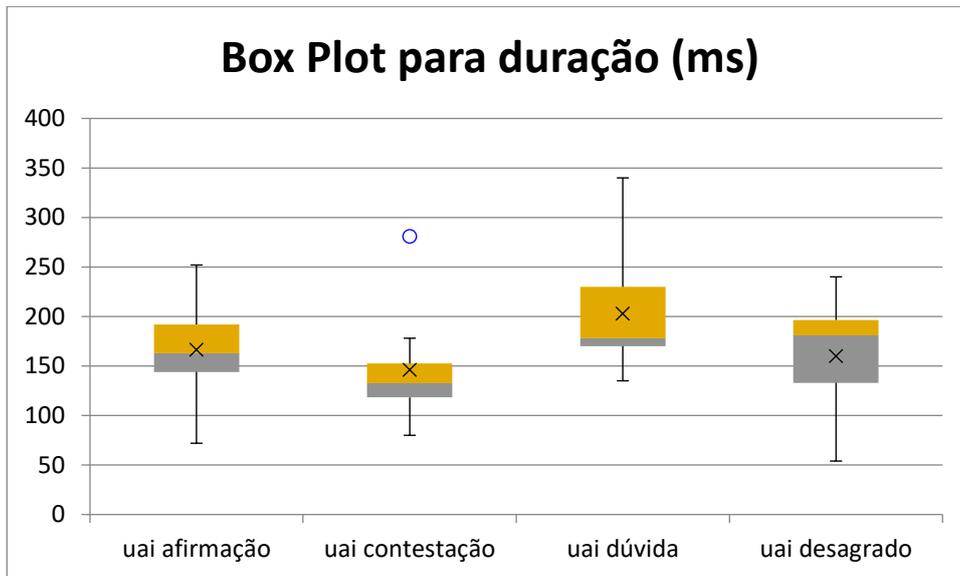
Gráfico 72: Valores de intensidade média

Fonte: dados da pesquisadora.

Obtiveram maiores resultados de intensidade as significações, em ordem decrescente, a saber: contestação, dúvida, afirmação e desagrado. Os valores mais altos de contestação e os mais baixos de desagrado talvez se devam ao fato de que, geralmente, quando se está em uma situação de desagrado, ocorra uma tendência a usar menos energia na fala, acontecendo o contrário quando se está em uma situação de contestação, sendo usada uma maior energia para expressar o que se sente.

Por fim, para duração, na análise estatística, aceitamos a hipótese nula de que as medianas dos grupos foram iguais, já que o valor de p foi maior que 0,05; no teste de Kruskal-Wallis ($p = 0,13$). No gráfico seguinte é possível ver os *outliers* encontrados para esse parâmetro.

Gráfico 13: Gráfico Box Plot para duração.

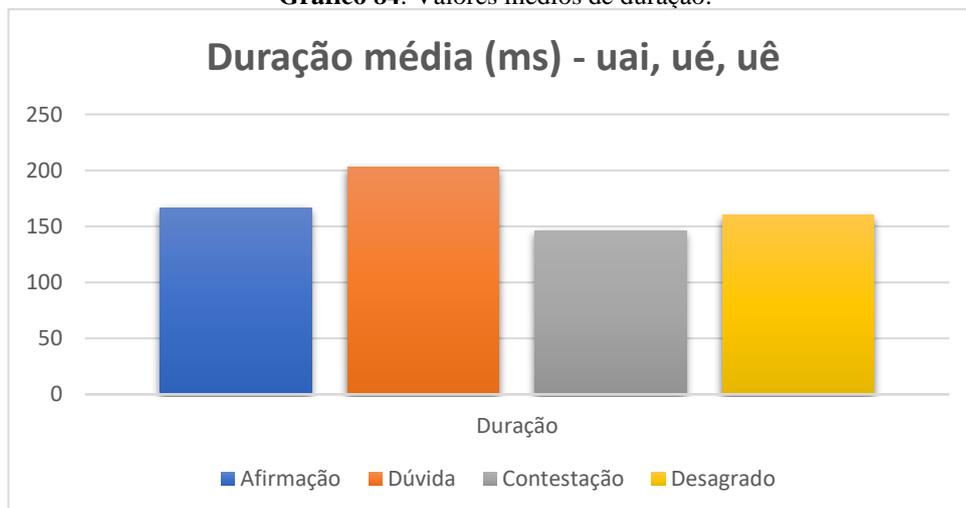


Fonte: dados da pesquisadora.

Como observado, para o parâmetro duração, encontramos um *outlier* acima do limite superior dos dados com significado de contestação. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de dúvida e uma menor variabilidade para os de contestação. Com relação à simetria, podemos perceber que os dados de afirmação, contestação e dúvida apresentam uma assimetria positiva. E para os dados de desagrado é possível perceber uma assimetria negativa.

Para os valores de duração média de cada realização dos MDs, podemos perceber os resultados no gráfico a seguir.

Gráfico 84: Valores médios de duração.



Fonte: dados da pesquisadora.

De acordo com nossas hipóteses, o *uai* é caracterizado, dentre outros fatores, por uma duração curta, conforme Gobbo (2019). De acordo com os dados obtidos percebemos que a duração de todos os MDs e todas as significações não passou dos 203ms, sendo que os dados de dúvida apresentaram uma duração maior e os de contestação apresentaram os menores valores, ainda sim afirmação, contestação e desagrado obtiveram valores próximos (cabe lembrar que as diferenças entre esses valores não foram significativas). Então, podemos entender que nossa hipótese acerca da duração se confirmou no que se refere aos que ficaram abaixo de 203ms, embora não tenha se confirmado nas diferenças entre os valores de duração dos MD de acordo com as diversas significações que pode assumir.

Acerca do uso dos MDs *uai*, *uê* e *ué* também percebemos o uso de pausas antes, após ou antes e após cada realização. De acordo com nossas hipóteses os MDs, normalmente, são seguidos por uma pausa prosódica. A seguir apresentamos um quadro geral com as informações referentes às realizações dessas pausas e poderemos confirmar ou não nossa hipótese.

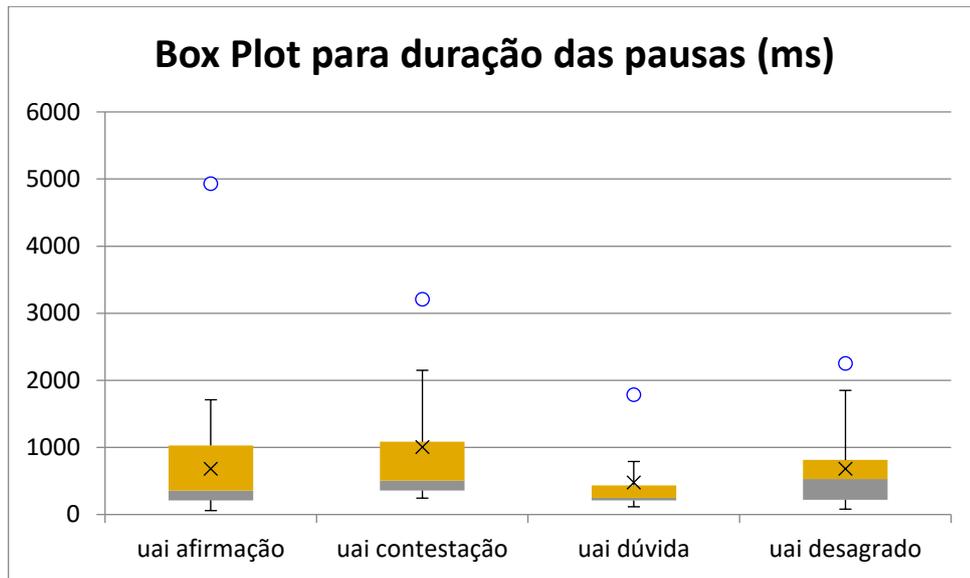
Tabela 6: Posição e porcentagem aproximada das pausas em relação aos MDs *uai*, *uê* e *ué*.

	Antes	Após	Antes e após	Total de ocorrências
Afirmação	3%	95%	3%	37
Dúvida	44%	22%	33%	9
Contestação	75%	13%	13%	8
Desagrado	33%	53%	13%	15

Fonte: dados da pesquisadora

Sendo assim, podemos perceber que apenas os MDs com sentido de afirmação apresentaram quase que todas as realizações seguidas pela pausa prosódica. Seguida pelas realizações com sentido de desagrado que apresentaram a maioria dos dados com o MD sendo seguido por pausa. Para as realizações com sentido de contestação, em quase todos os dados as pausas apareceram antes da realização do MD; e para os de dúvida também apresentaram mais pausas antes da realização dos MDs. Então, de acordo com nossa hipótese, apenas os MDs com sentido de afirmação e desagrado apresentaram maiores realizações de pausas após o uso dos MDs. No próximo tópico, voltaremos a abordar esse assunto mais especificamente. A seguir, podemos observar o gráfico Box Plot para a duração das pausas.

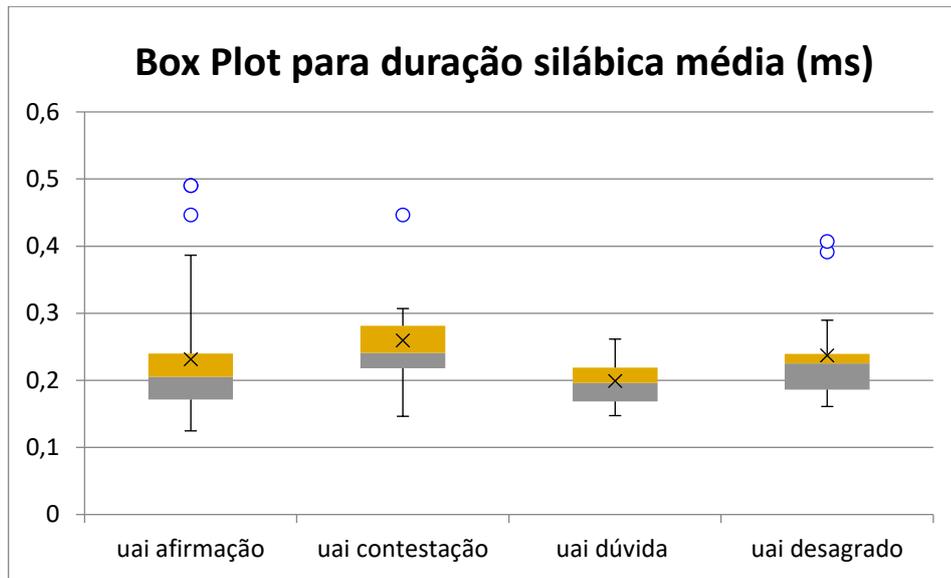
Gráfico 15: Gráfico Box Plot para duração das pausas antes ou após os MDs.



Fonte: dados da pesquisadora.

Ao analisarmos o gráfico 15, percebemos a presença de quatro *ouliers* acima do limite superior para cada significado encontrado para os MDs. Encontramos um *outlier* para os MDs com sentido de afirmação, um para os MDs com sentido de contestação, um para os MDs com sentido de dúvida e um para os MDs com sentido desagrado. Nesse caso, a grande quantidade de pontos fora da curva os torna bastante distintos, apresentando uma considerável variedade. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de contestação e uma menor variabilidade para os de dúvida. Com relação à simetria, podemos perceber que para os dados de afirmação, contestação e dúvida apresentam uma assimetria positiva. E para os dados de desagrado é possível perceber uma assimetria negativa.

Sendo assim, ao analisar nossos dados encontramos uma tendência, praticamente absoluta, de quando *uai*, *uê* ou *ué* são realizados com sentido de afirmação, as pausas tendem a aparecer após a realização do marcador; de acordo com nossos dados, isso ocorreu em 95% dos casos de afirmação. Para os casos de contestação, em 44% dos casos, as pausas apareceram antes da realização do MD. Para os casos de dúvida, em 75% dos casos, as pausas apareceram antes da realização do MD. E para os casos de desagrado, em 53% dos casos, as pausas ocorreram após a realização do MD. Temos, então, uma tendência nos casos de afirmação e desagrado de ocorrerem pausas após a realização dos marcadores e para os casos de contestação e dúvida, uma tendência para essas pausas ocorrerem antes de realização dos marcadores.

Gráfico 16: Gráfico Box Plot para duração silábica média dos enunciados.

Fonte: dados da pesquisadora.

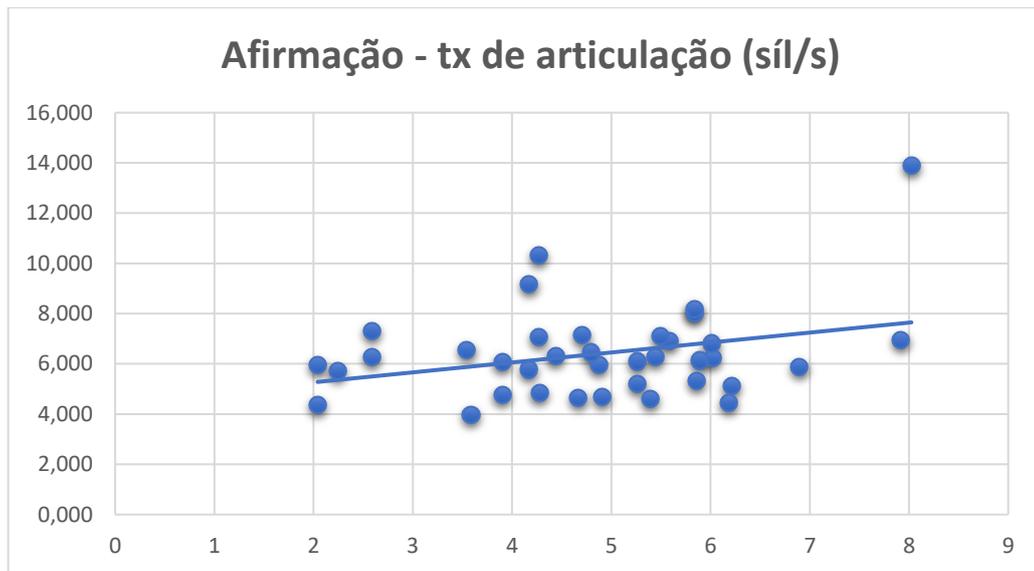
Ao analisarmos o gráfico 16, percebemos a presença de cinco *ouliers* acima do limite superior, sendo dois para os dados de afirmação, dois para os de desagrado e um para os de contestação. Nesse caso, como no do gráfico 16, a grande quantidade de pontos fora da curva também os torna muito distintos. Percebemos, ainda, que há uma maior variabilidade para os sentidos de afirmação e uma menor variabilidade para os de dúvida. Com relação à simetria, podemos perceber que para os dados de afirmação e contestação apresentam uma assimetria positiva. E para os dados de desagrado e dúvida é possível perceber uma assimetria negativa.

Sobre as taxas de articulação, que são o número de sílabas pronunciadas em um enunciado por segundo, realizamos um cálculo de média dos valores tanto para os enunciados quanto para os MDs. Para a taxa de articulação média dos MDs encontramos, para os com sentido de afirmação, uma taxa de 6,38 sílabas por segundo (síl/s); para os marcadores com sentido de contestação, 7,77 síl/s; para os marcadores com sentido de dúvida, 5,32 síl/s; para os marcadores com sentido de desagrado, 7,40 síl/s. Para as taxas de articulação dos enunciados, encontramos uma média de 4,84 síl/s para os enunciados em que os MDs com sentido de afirmação foram ditos; para os de contestação, encontramos uma taxa de 4,23 síl/s; para os de dúvida, 5,19 síl/s e para os de desagrado, 4,53 síl/s.

Após encontramos esses valores, testamos a correlação entre as taxas de articulação dos enunciados e as taxas de articulação dos MDs; o cálculo de correlação foi feito com a finalidade de verificar se existe uma relação entre eles. Para as taxas de articulação com sentido de

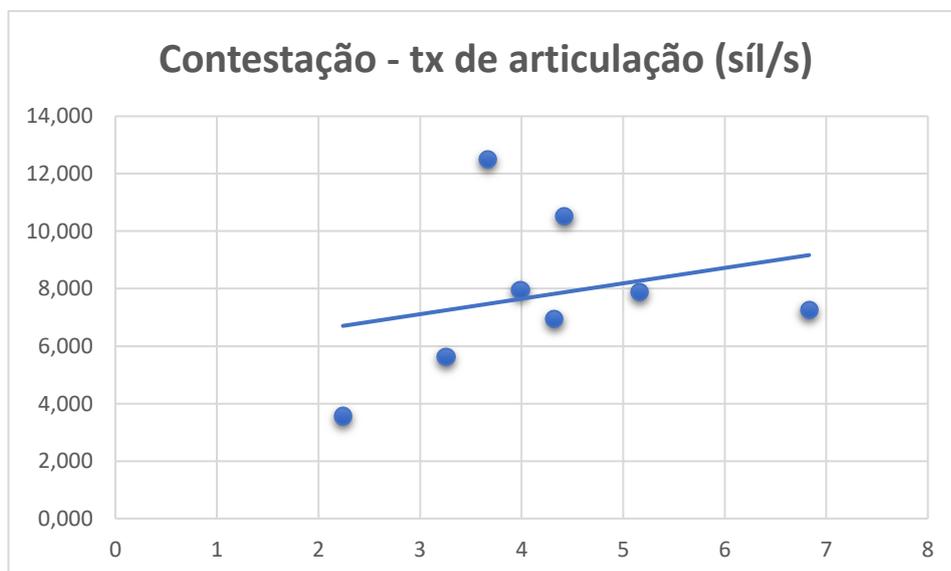
afirmação, encontramos um coeficiente de correlação de 0,312. Para as taxas com sentido de contestação, encontramos um coeficiente de 0,265. Para as taxas com sentido de desagrado, encontramos um coeficiente de -0,008; e para as taxas com sentido de dúvida, encontramos um coeficiente de 0,128. A seguir, apresentaremos os gráficos de dispersão com as tendências analisadas.

Gráfico 17: Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de afirmação.



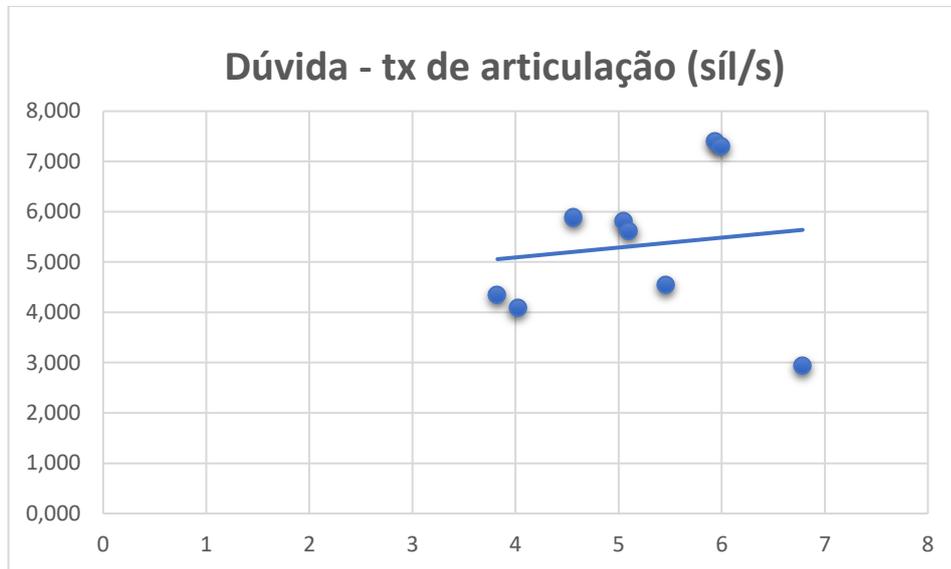
Fonte: dados da pesquisadora.

Gráfico 18: Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de contestação.



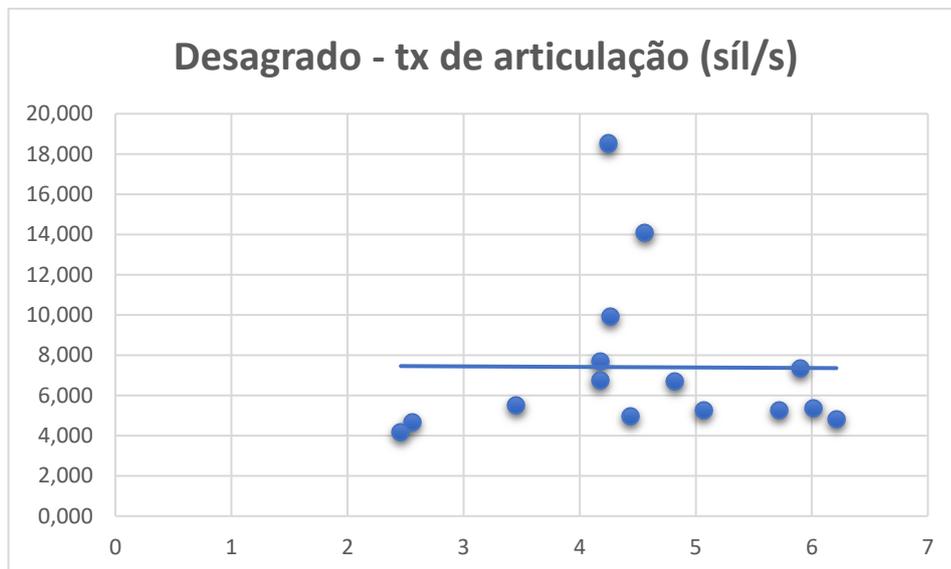
Fonte: dados da pesquisadora.

Gráfico 199:Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de dúvida.



Fonte: dados da pesquisadora.

Gráfico 20:Gráfico de dispersão das taxas de articulação dos enunciados e respectivos MDs de desagrado.



Fonte: dados da pesquisadora.

Assim, como pode ser observado nos gráficos 17 a 20, não parece existir uma tendência de as taxas de articulação dos enunciados e dos respectivos MDs se correlacionarem.

Para finalizar, ao comparar a duração de cada enunciado e o marcador utilizado, não encontramos, em nenhuma das situações analisadas, uma relação em que a realização do marcador se mostrasse mais longa quando o enunciado era mais longo, ou quando o enunciado era mais curto, a realização do marcador também era menor. Contudo, ao examinarmos as taxas de articulação em relação à afirmação e contestação, surgem algumas conclusões interessantes. Notavelmente, nos casos em que o sentido era de afirmação tanto para o enunciado quanto para o marcador, o enunciado mais rápido (8,02s) estava acompanhado do marcador mais rápido – taxa de articulação - (13,88s). Por outro lado, quando o marcador indicava contestação e era mais lento (tx art. 3,55s), ele estava associado a um enunciado mais lento (2,24s). Esses resultados corroboram com os dados do gráfico anterior, que demonstrou uma correlação mais forte com os sentidos de afirmação e contestação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a construção de sentido dos marcadores *uai*, *ué* e *uê* na enunciação, investigando suas características prosódicas com a finalidade de compreender como a prosódia contribui na construção de sentidos desses marcadores. Para alcançar esse objetivo, selecionamos trechos de interações verbais em que esses marcadores ocorreram de forma espontânea; caracterizamos prosodicamente e descrevemos os possíveis sentidos dos MDs, relacionando a prosódia aos múltiplos sentidos encontrados na interação verbal.

Para isso, selecionamos vídeos das Reuniões Ordinárias da Câmara Municipal de Ouro Preto, disponíveis no *YouTube*, nos quais ocorreram as realizações dos MDs em questão. Após a audição, seleção e transcrição do *corpus*, partimos para as análises enunciativa e prosódica.

Inicialmente, supúnhamos que, por meio das características prosódicas e da construção da cena enunciativa, seria possível identificar os significados associados ao uso de *uai* e *ué* e *uê* em uma determinada interação verbal. Os resultados deste estudo confirmaram essa suposição, evidenciando que a prosódia desempenha um papel significativo na construção de sentidos desses marcadores. Uma das hipóteses iniciais era de que a prosódia contribuiria para a construção de sentido ao utilizar *uai* e *ué* e *uê*.

Outra hipótese, baseada em estudos anteriores como os de Gobbo (2019), indicava que esses marcadores tendem a ocorrer no início de uma sentença, seguidos por uma pausa prosódica, apresentando também duração curta e contorno melódico descendente. Entretanto, verificamos que esses marcadores podem ser encontrados em diferentes posições sintáticas e com contornos melódicos variados, dependendo dos significados que se deseja transmitir. Para responder às questões propostas, realizamos uma análise de diversos parâmetros acústicos prosódicos, incluindo frequência fundamental (F0), intensidade e duração. O objetivo foi compreender como esses parâmetros se comportam nos diferentes sentidos atribuídos aos marcadores discursivos *uai* e *ué* e *uê*. Os resultados revelaram características específicas associadas a determinados sentidos, permitindo identificar parâmetros relevantes no estudo prosódico desses marcadores.

No que se refere à análise enunciativa, partimos dos principais significados descritos na literatura para *uai*, que incluem adoção, afirmação, apreensão, assentimento, censura, certificação, conclusão, confirmação, convicção, desagrado, espanto, incerteza, estranheza,

pasmo, permissão, transigência, réplica, contestação, desculpa, reivindicação, anuência, restrição, impaciência, surpresa, susto, dúvida, questionamento e admiração. Assim, após a caracterização perceptiva desses sentidos, encontramos, em um primeiro momento, 12 rótulos, os quais entendemos que poderiam ser agrupados de acordo com seu significado, já que eram rótulos muito semelhantes. Logo, agrupamos esses 12 rótulos em 4 grupos de significações/campos semânticos diferentes, a saber: afirmação, contestação, desagrado e dúvida. Ao todo, encontramos 69 ocorrências dos MDs, sendo 50 *uai*, 16 *ué* e 3 *uê*; desses foram 9 com sentido de dúvida, 37 com sentido de afirmação, 8 com sentido de contestação e 15 com sentido de desagrado. A respeito da diferenciação de uso entre as três variantes, *uai*, *ué* e *uê*, percebemos que seu uso foi feito de maneira espontânea, entendemos que o uso de quaisquer tipos dos marcadores em questão partiu de uma escolha lexical inconsciente, feita pelo falante, sem que esse uso interferisse no sentido da frase.

Sobre a análise acústica, em relação à frequência fundamental, encontramos alguns pontos importantes. Acerca da curva melódica, para as realizações com sentido de afirmação, encontramos uma porcentagem de 89% com perfil melódico descendente e 11% com curva melódica circunflexa. Para as realizações com sentido de dúvida, descobrimos 67% dos dados com curva melódica descendente e 33% com curva circunflexa. Sobre as realizações com sentido de desagrado, encontramos 73% apresentando curva melódica descendente e 27% com curva circunflexa. E para as realizações com sentido de contestação, encontramos em 50% dos dados uma curvatura descendente, 38% com curva circunflexa e 13% com curva ascendente. Esses resultados reforçam e afirmam nossa hipótese de que, na maior parte dos casos, o *uai* apresenta uma curva melódica descendente, podendo registrar outros contornos melódicos, como foi o caso, também, de termos encontrado perfis circunflexos e um ascendente.

Ainda sobre as medidas de F0, realizamos, também, um teste estatístico inferencial utilizando o teste de Kruskal-Wallis e o post hoc de Dunn. Esses testes mostraram, para o parâmetro F0 inicial, existir uma diferença entre os grupos de significações, apresentando essa diferença entre os grupos afirmação e desagrado; e contestação e desagrado. Também encontramos diferenças entre os grupos de F0 final para os grupos afirmação e contestação; e contestação e desagrado. Para F0 médio, encontramos diferenças entre os grupos afirmação e desagrado; e contestação e desagrado. Para F0 máximo, encontramos diferenças entre os grupos afirmação e desagrado; e contestação e desagrado. Por fim, para F0 mínimo, encontramos que as medianas são iguais, entretanto apresentaram diferenças entre os grupos contestação e desagrado. Para F0 inicial, médio e máximo não foram encontrados outliers ou valores

discrepantes. Percebemos uma maior variabilidade para os dados de dúvida e uma menor variabilidade para os dados de desagrado. Quanto à simetria, percebemos uma assimetria positiva com mais casos para os dados de afirmação e uma assimetria negativa para os dados de dúvida.

Após essas medidas, ainda realizamos um teste de correlação entre os enunciados e seus respectivos MDs, a fim de verificar se apresentavam identificação com cada frase específica. Assim, encontramos, para F0 médio, que existe uma tendência de a média de F0 dos MDs se correlacionarem à média de F0 dos seus respectivos enunciados. Só não pudemos perceber isso para os MDs com sentido de desagrado, todos os outros apresentaram coeficiente positivo maior que 0,5 e apenas para os de desagrado apresentaram um valor menor (-0,2156). Então pudemos afirmar, de acordo com esses dados, que a frequência dos MDs, específicos de cada frase, apresentaram relação significativa com o que acontece nos enunciados colaborando, assim, com a expressividade.

As medidas de intensidade também foram relevantes para a caracterização dos MDs, apesar de não termos tido controle da distância entre microfone e boca dos informantes, por isso utilizamos apenas as medidas de intensidade média. Pelos resultados encontrados, destacamos os dados de contestação e de desagrado, em que os MDs com sentido de contestação apresentaram uma média maior de intensidade (74,82dB) e os de desagrado apresentaram uma média mais baixa (64,32dB). Atribuímos tais resultados ao fato de tendermos a utilizar uma maior energia na fala quando estamos em situação de desagrado e mais energia em situação de contestação. Para o teste estatístico inferencial, encontramos diferenças entre os grupos afirmação e contestação; contestação e desagrado e dúvida e desagrado.

O estudo da duração (enunciado, *uai*, *uê*, *ué*, presença de pausas, e a velocidade de fala) também foi relevante para responder nossos objetivos. Na análise estatística, encontramos diferenças entre os grupos contestação e dúvida. Sobre a duração média das realizações dos MDs, encontramos uma maior duração para os MDs com sentido de dúvida. Sobre a hipótese dos MDs apresentarem duração curta, com nossos resultados pudemos afirmar essa hipótese, já que nenhum dado ultrapassou 200ms de duração.

Sobre as pausas, encontramos o uso após a realização do MD em 95% dos dados com sentido de afirmação. Para os dados referentes à contestação encontramos o uso de pausa antes da realização do MD em 44% dos casos. Para os dados de dúvida as pausas ocorreram antes da realização do MD em 75% dos casos; e para os dados de desagrado, as pausas ocorreram após

a realização do MD em 53% dos casos. Acerca de nossa hipótese sobre o uso de pausa após a realização de um MD, pudemos confirmá-la para os sentidos de afirmação e desagrado, os quais, em sua maioria, ocorreram pausas após a realização de *uai/ué/uê*.

Para as taxas de articulação, fizemos a testagem de correlação entre as taxas de articulação dos enunciados e as taxas de articulação dos marcadores para verificar a existência de relação entre eles. Encontramos que existe uma tendência das taxas de articulação não se correlacionarem, devido aos baixos coeficientes encontrados.

Comparamos, ainda, a duração de cada enunciado e de seu marcador utilizado e, também, não encontramos relação em que a realização do marcador se mostrasse mais longa quando o enunciado era mais longo, ou quando o enunciado era mais curto, a realização do marcador também era menor. Encontramos uma relação entre as taxas de articulação de cada enunciado e de seu marcador apenas entre os grupos afirmação e contestação, sendo que para o enunciado e o MD com sentido de afirmação, encontramos que o enunciado com maior duração também apresentou o MD com maior duração. E com o marcador com sentido de contestação mais breve, encontramos uma relação com o enunciado com menor duração.

Com base nos resultados obtidos, foi possível abordar as questões e hipóteses levantadas no início deste estudo. Assim, pudemos afirmar que a prosódia desempenha um papel crucial na construção de sentido do uso dos marcadores discursivos *uai* e suas variantes, permitindo a identificação dos significados subjacentes por meio da análise da prosódia empregada e da cena enunciativa. Essas descobertas corroboram as observações de Cabarrão e seus colegas (2016), que afirmam que os marcadores tendem a ocorrer no início de uma sentença, seguidos por uma pausa prosódica, também encontramos essas características em grande parte dos nossos dados, ocorrendo, ainda, em posição final de sentença e antecedido por uma pausa ou no meio de duas pausas.

De acordo com as observações de Gobbo (2019), nos casos em que o *uai* é utilizado, geralmente apresenta duração curta e um perfil melódico descendente. Essas características foram confirmadas pelos resultados desta pesquisa, que também identificaram perfis melódicos circunflexos e um ascendente em alguns casos.

Além disso, os resultados indicaram a inexistência de uma diferença semântica significativa entre o *uai* e suas variantes, o que sugere que qualquer um desses marcadores pode ser utilizado sem alterar o sentido da frase. É válido ressaltar que o marcador mais frequente foi o *uai*, presente em 72% dos dados analisados, seguido pelo *ué*, em 23% e, por último, com

menos realizações encontradas, o *uê*, em 4% dos dados. Cabe, aqui, enfatizar que esta pesquisa representa apenas um recorte limitado de um todo mais amplo. Portanto, não serão apresentadas generalizações baseadas unicamente nos resultados deste estudo. Para obter conclusões mais abrangentes e representativas, seria necessário realizar uma pesquisa mais abrangente, abarcando um conjunto substancialmente maior de dados.

Sugerimos, como direções para estudos futuros, a investigação de outros domínios discursivos de fala espontânea, tais como gravações de conversas informais, ou até mesmo a utilização de testes específicos para estímulo de produção desses MD em fala espontânea. Outra possibilidade de estudo seria realizar uma análise comparativa de outro domínio discursivo com os resultados do presente estudo, visto que este estudo não teve a pretensão de esgotar o tema, mas sim fornecer contribuições iniciais e exploratórias para a compreensão da construção de sentido dos marcadores discursivos aqui analisados.

Em conclusão, este trabalho de análise da construção de sentido dos marcadores discursivos *uai*, *ué* e *uê*, levando em consideração suas características prosódicas, oferece importantes contribuições para estudos e áreas afins. Os resultados obtidos permitiram compreender como a prosódia desempenha um papel fundamental na construção de sentidos desses marcadores, revelando a relação entre entonação, intensidade e duração com as múltiplas significações atribuídas a eles.

As descobertas deste estudo podem servir de base para pesquisas futuras que explorem a prosódia de outros marcadores discursivos ou mesmo em diferentes domínios de fala espontânea. Além disso, os resultados obtidos fornecem subsídios para a compreensão da interação entre prosódia e significado, permitindo a identificação de padrões e características específicas relacionadas aos diferentes sentidos atribuídos aos marcadores *uai*, *ué* e *uê*.

No âmbito da linguística, este trabalho contribui para o aprofundamento do conhecimento sobre a natureza e o funcionamento dos marcadores discursivos, destacando a importância da prosódia como elemento significativo na interação verbal. Além disso, as análises acústicas realizadas evidenciam a relevância de parâmetros como frequência fundamental, intensidade e duração na caracterização e distinção dos diferentes sentidos dos marcadores estudados.

Além da linguística, outras áreas podem se beneficiar dos resultados desta pesquisa. Estudos de comunicação, sociolinguística, psicolinguística e até mesmo áreas relacionadas à

tecnologia da fala e reconhecimento de voz podem utilizar essas descobertas como ponto de partida para investigações mais aprofundadas.

Em suma, este estudo oferece uma análise abrangente e detalhada da relação entre prosódia e construção de sentido dos marcadores discursivos *uai*, *ué* e *uê*, fornecendo *insights* valiosos para futuras pesquisas e áreas relacionadas. As descobertas aqui apresentadas contribuem para o avanço do conhecimento linguístico e abrem portas para uma melhor compreensão da interação verbal e da importância da prosódia na comunicação humana.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Iara. Hipóteses sobre a origem de uma interjeição. In: RAMOS, Jânia; COELHO, Sueli (Org). **Português brasileiro dialetal: temas gramaticais**. Campinas: Mercado de Letras, p. 11-19. 2013.
- ANTUNES, L. B. **Análise da entonação de enunciados declarativos e interrogativos na falade crianças**. 157f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte:UFMG, 2000.
- ANTUNES, Leandra. **O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões**. (tese de doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 261p. 2019.
- BATISTA, Hadinei Ribeiro. **Uai: estudo de uma interjeição do português brasileiro**. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- BATISTA, Hadinei Ribeiro; CAMARGOS, Marco Aurélio Cunha. **Origem de 'uai': uma hipótese caipira**. Linguagem. Estudos e Pesquisas (UFG), v. 17, p. 1, 2013.
- BATISTA, Hadinei Ribeiro; RAMOS, Jânia Martins. **Ensino de Interjeições na Educação Básica: Um Fenômeno Linguístico No Limbo**. Ecos De Linguagem, v. 1, p. 16-26, 2015.
- BARBOSA, Plínio A. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Revista de Estudos Linguísticos**, vol. 20, n.1, p.11-27, 2012.
- BARBOSA, Plínio A. [coordenação Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr.]. **Prosódia**. Linguística para o ensino superior; 2. São Paulo: Parábola, 136p. 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1928].
- BERGO, Vittorio. **Uma interjeição singular**. Colégio Pedro II. N.º 5 – Rio de Janeiro. p. 66-69. 1993.
- CABARRÃO, V., MONIZ, H., FERREIRA, J., BATISTA, F., TRANCOSO, I., MATA, A. I., & Curto, S. **Classificação prosódica de marcadores discursivos**. Revista da Associação Portuguesa de Linguística, 2, 69-95. 2016.
- CARVALHO, Leonora Guiné de Mello. **Estereótipo e identidade em piadas sobre o mineiro: uma perspectiva da análise do**. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 82f. 2011.
- COUPER-KUHLEN, E. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.

COUTINHO, M. A. **Marcadores discursivos e tipos de discurso**. Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 2, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, p. 193-210. 2008.

CRUTTENDEN, Alan. **Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRYSTAL, D. **Prosodic Systems and Intonation in English**. Cambridge: Cambridge University Press. 1969.

Dicionário de Sinônimos. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 15/05/2023.

DOSTIE, Gaétane. PUSCH, Claus D. Présentation. Les marqueurs discursifs. Sens et variation, **Langue Française**, (n° 154), p. 3-12. 2007. DOI: 10.3917/lf.154.0003.

FARACO, Carlos A. **O tratamento você em português: uma abordagem histórica**. 13ª ed. Curitiba: UFPR, p. 51-85. 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira S/A, 1995.

FERREIRA, Wisla Madaleni Alves Cabral. **Construção prosódica e discursiva da ironia em fala espontânea e fala atuada**. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

FÓNAGY, Ivan. **As funções modais da entoação**. Universidade de Paris III. In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: IEL- Unicamp, 1993; n° 25: 25-65, jul./dez. 1993.

FÓNAGY, Ivan. **Des fonctions de l'intonation: essay de synthèse**. trad. Waldemar Ferreira Netto. Flambeau, Tokyo, n. 29. p. 1-20, 2003.

FRASER, Bruce. **An account of discourse markers**. International Review of Pragmatics, 1, 293–320, 2009.

FRASER, Bruce. **Pragmatic markers**. Pragmatics 6: 167 – 190, 1996.

FRASER, Bruce. **The combining of Discourse Markers - A beginning**. Journal of Pragmatics, <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2015.06.007>. 2015.

FRASER, Bruce. **What are discourse markers?** Journal of Pragmatics, 31, 931-952, 1999.

GOBBO, O. R. **Marcadores discursivos em uma perspectiva informacional: análise prosódica e estatística**. 158 fls. (Dissertação de mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. USP, 349f. Tese de doutorado em linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa (São Paulo), v.39, p.13-21, 1995.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Pontes, 2005.

't HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. **A perceptual study of intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther e KUTEVA, Tania. **On the rise of discourse markers**. 2019.

HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert. **Intonation Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LATALIZA, Naaman Mendes. **Análise prosódico-discursiva das dimensões ética e patêmica na ancoragem de telejornais sensacionalistas**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

LIBERMAN, M. Y. **The Intonational System of English. Doctoral Dissertation**, Massachusetts: MIT, 1975.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: **Encontro sobre o Ensino das Línguas e a Linguística**, 2004.

MORAES, João Antônio de. **A entoação modal brasileira: fonética e fonologia**. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: IEL- Unicamp; nº 25, p. 25-66. 1993.

MORAES, João Antônio de. From a prosodic point of view: remarks on attitudinal meaning. In: MELLO, H., PANUNZI, A., RASO, T (eds.) **Pragmatics and Prosody: Illocution, modality, attitude, information patterning and speech annotation**. Firenze: Firenze University Press, 2011.

MORAES, João Antônio de. (1984). *Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984* *apud* ANTUNES, L. B. **Análise da entoação de enunciados declarativos e interrogativos na falade crianças**. 157f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MOURA, Leandro da Silva. **Papel da prosódia na expressão de atitudes de ataque ao ethos no discurso político**. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

NASCENTES, Antenor. **O tratamento de você no Brasil**. In: *Letras*. Curitiba: UFPR, v. 6, n. 05, p. 114-122, 1956.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos** (1a. edição: 1990, Ed. Pontes). 2. ed. Campinas: Pontes. v. 1. 100p. 2007.

REIS, César. A entonação no Ato de Fala. In: MENDES, E. A. M.; OLIVEIRA, M. P.; BENN-IBLER, V. (orgs) **O novo milênio**: interfaces linguísticas e literárias. Belo Horizonte, UFMG. p. 221-230. 2001.

SCHERER, K. Vocal Communication of emotion: a review of research paradigms. **Speech Communication**, v. 40, p. 227-256. 2003.

SILVA, Cristiane Conceição. **O ensino de prosódia nas aulas de espanhol como língua estrangeira**. In. FREITAG, Raquel Meister Ko. LUCENTE, Luciana (orgs.). Prosódia da fala: pesquisa e ensino [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, p.77-102. 2017.

SIMIÃO, Débora Priscila. **Estudo Comparativo das formas uai, uê e ué em Itaúna/MG e Piranga/MG**. 137f Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2016.

TENCH, Paul. **The roles of intonation in English Discourse**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 534p. 1990.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 7 ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

APÊNDICE

Valores para cada realização referentes ao gráfico 1 sobre os movimentos melódicos descendentes.

F0 inicial HZ				F0 meio HZ				F0 final HZ			
Afir.	Dúv.	Cont.	Des.	Afir.	Dúv.	Cont.	Des.	Afir.	Dúv.	Cont.	Des.
221	158,2	110,4	116	183,3	135,2	186,7	116	143	96,81	148,8	93,04
335	211,3	294,9	120,7	262,8	150,8	190,2	122	200	168,8	112,1	118,9
283	177,2	216,8	235,3	277,5	135,5	171,6	130,6	99	125,8	127,5	92,74
152	242,6	265,1	141,5	150	219,1	236	131,2	134	193	224,4	195,7
283	169,8		227	282,4	107,5		223,3	109	93,4		118,2
315	243		174,5	279,6	202		150,5	248	192,3		101,9
334			126,6	292,8			120,7	189			108,6
302			179,2	242			129,9	203			115,6
250			175,4	160,6			134,9	134			169,2
280			243,4	255,6			213,2	144			115,1
223,5			237,2	135,5			121	140			93,04
293,1				237,5				108,06			
186,3				103,7				113,8			
230				190,1				93,51			

220,2				193				110, 3			
185,2				11,8				112			
159				127				93,9 6			
252,5				229, 6				117, 8			
164,7				147, 7				134, 1			
286,9				204, 7				122, 9			
213,1				149, 8				116, 7			
142,9				95				106, 5			
229,8				178, 2				83,7 1			
229,4				147, 9				96,2 6			
247,6				156, 1				84,2			
254,3				118				100, 9			
250,5				176				94,9 5			
176,2				143, 6				114, 6			
177,6				144, 5				116, 6			
180,6				166, 1				120, 2			
126,7				116, 7				168, 3			
193,2				118, 6				106, 2			

190,6				129,6				97,2			
-------	--	--	--	-------	--	--	--	------	--	--	--

Fonte: dados da pesquisadora

Valores para cada realização referentes aos movimentos melódicos circunflexos.

F0 inicial				F0 medial				F0 final			
Afir.	Dúv.	Cont.	Des.	Afir.	Dúv.	Cont.	Des.	Afir.	Dúv.	Cont.	Des.
314,4	131	341	88	321,1	191	350	107,8	148,9	141	198	93,7
188,3	208,5	202,3	179	223,1	226,1	247,7	147,8	131,9	188	219,7	149,2
288,8	339,9	269,1	111,1	285,4	353,3	272,8	133,1	269,7	278,6	119,2	127,4
226,4			172,4	226,4			181,5	121			153,3

Fonte: dados da pesquisadora

ANEXO

Transcrição de conversações, conforme Marcuschi (2007), obtidas na coleta de dados e utilizadas como *corpus* deste trabalho.

3ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: L: ... quando me viru na entrada falo::u uai (+) a passarela nada né. Já xingaru...

4ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: L: ... o outo qué tê carro (+)', qué deixá ele no mei da rua', uai então probrema seu ...

6ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: L: ... as pessoas que mora notra, notra (= em outra) cidade fica falano pra gente uai (+)', por que que Mariana tem isso?" Por que Lafaié (= Lafaiete) te:m?" Por que Ouro Branco te:m?"...

17ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: M: ... funciona duas vez na semana (+) e por horários', assim (+)', incabíveis (+) e reclama que não dá (+) lucratividade (+) uai', a pessoa saí daqui sete e meia da manhã (+) vai em Cachoeira do Campo (+) resolve os seus poblemas e tem que esperar até duas e meia da tarde (+) para retornar?"...

22ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: J: ...cês conseguiram derrubá Margare:te (+) pra', pru', senhô entrá: (+) o senhor era direTOR (+) RESOLVE ISSO AQUI UÉ (+) mostra pra quê você veio a essa secretaria...

Excerto 2: L: ...o nobre colega vereador Kuruzu tá falano da Rota Real ali (+) UÉ se PEga o serVIço ele tem que cumPRI com o serviço (+) se não tá cumprindo tá erRA:do...

25ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: M: ... [a casa aqui é de vereador', num é do povo não (+) Uai (+)...]

26ª Reunião Ordinária de 2023:

Excerto 1: V: ...e se (+) ela num vim prestá conta tem que suspender o subsídio ué (+) Porque senão num faz sentido a câmara...

44ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: J: ...aí se fechá eu tiro o chapéu uai (+)...

Excerto 2: J: ...o vereadô num pode pedi pra tirá secretário (+) MAS É É É VEREADOR (+) QUE COLOCA SECRETÁRIO?" (+) COMO QUE NUM NUM PODE?" (+)

L: [eu não]

J: ...UAI, QUEM FAZ MACUMBA QUE TIRA MACUMBA

L: [[eu não, eu num coloco secretário não]]

J: ... É UAI (+) É:: A VERDADE É ESSA. AQUI TEM UÊ,'(+)' É UÉ,' (+) É ASSIM QUE FUNCIONA (+) SE A SECRETÁRIA QUE COLOCOU,' (+) PEDIU?" (+) tem que ir lá e despedir também ué,' (+) desfaZÊ uai (+)...

47ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: L: ...ua::i (+) se num fô pra colocá pra quê que tá levano a escória lá né infelizmen... (=infelizmente)

Excerto 2: J: ...aí cês vão juntar foto com patrol e cês vão ver quê que tá acontecendo ué,' (+) e a BASE TÁ EMPUTEADA gente,' (+) só que o microfone num pode ser aberto,' aí (+) NÓS TAMO AQUI UÉ (+) UAI (+) e nós vamo investigar (+) essa patrol...

Excerto 3: L: ...eu volto pra você (+) uai porque aí (+) eu passo a palavra para ele...

Excerto 4: R: ...tá ligando pra chamá pra sai::r,' pra jantá::,' (+) pra ir pro pago::de,' (+) não é ué (+) quem tá ligano...

49ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: L: ...as vez um sangue jove (=jovem) tá com mais força do que e::u,' uai...

Excerto 2: M: ...e a culpa é minha que sô Vereador?" (+) não, uai (+)...

Excerto 3: V: ...uma vez votado,' perdeu?" (+) cabô a discussão ué (+)...

55ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: JG: ...quando chegô em Iguarapé falou assim desmarcou a consulta (+) Ô gente,' é doído uai(+)...

Excerto 2: RG: ...votá na casa de lei uma lei pra num valê é mió (= melhor) num votá uai,' (+) é é que a lei num vai valê uai (+) aí é mió num votá na lei...

58ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: L: ...mas por que pegou quarenta e cinco milhões?" (+) por que pegou?" uai (+) cada um vem com a sua ideia...

60ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: R: ...PORQUE O SECRETÁRIO DE O::BRAS (+) ATENDE QUEM ELE QUÉ UÉ (+) ele só atende quem ele qué...

Excerto 2: M: ...as pessoas hoje pra deputado federal e estadual perguntam (+) se é eleitor do Lula (+) pergunta (+) uai,' esses candidato seu aí...

61ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: L: ...É ISSO QUE TEM QUE FAZÊ UAI (+)...

62ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: JG: ...que a estrada tá ruim,' nego ficá gravano vídeo que o prefeito num faz nada,' (+) uai (+) troca quem tá fazeno então,' uai (+) aí...

Excerto 2: LB: ...agora a frente do departamento importante da da das encomendas da estrada num POde ficar uai (+) já tá provado...

Excerto 3: R: ...o quê que o pessoal qué? (+) do do do Salto? (+) eles querem a estrada pronta,' MAS eles querem um parecer, ué (+)...

Excerto 4: R: ...só consegui falá no final que meu meu equipamento tava com defeito (+) eu cheguei a questioná uai (+)...

Excerto 5: L: ...a incompetência foi do grupo (+) aí eu num vô aceitá isso não uai (+) eu num vô aceitá isso não,' é difícil para mim...

63ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: A: ...pérai (= espera aí) eu quero saber do problema (= problema) da SA::NEOURO se vai sair uê (+)...

Excerto 2: R: ...esse é um questionamento que a gente tem que fazê ué (+)...

Excerto 3: L: ...o POVO também tem que pensar ele é dono do voto dele,' uai (+) eu conheço um cidadão (+) lá no meu grupo partidário uai (+)...

Excerto 4: L: ...se você errá (+) erra por quatro ano (+) que sirva de recado também uai (+) ...

64ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: M: ...eu vou pagar (+) essa conta de água?" (+) eu tô sem água há vinte dias (+) como assim?" (+) ua::i (+) tem muita coisa acontecendo...

65ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: V: ...o prefeito (+) não (+) mostrou condições de assumir o (+) o serviço (+) uai,' mas se tem irregularidade então...

Excerto 2: V: ...agora (+) arquivo (+) porque o Prefeito num se posicionô?" (+) uai,' gente (+) a gente tá falano dum (= de um) BEM comum que é a ÁGUA...

Excerto 3: L: ...vereador não faz licitação (+) quem faz (+) ou vocês (+) uai,' eu eu escutei vocês (+) eu escutei vocês...

Excerto 4: M: ...ah mas é um mês (+) é um mês uai (+) pra conta de quem veio oitocentos reais...

Excerto 5: M: ...dia um,' dia dois,' dia dez,' (+) tinha os noventa por cento certificado?" (+) uai (+) não tava certificado...

Excerto 6: L: ...ainda num tem (+) um relatório pra falar se saiu ou num saiu uai (+) tem que TÊ:: uai (+) tem que tê a responsabilidade né...

66ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: R: ...tá descumprino uma lei municipal então ué (+) e lá estava Escola Doutor Pedrosa...

Excerto 2: J: ...que cê sabe quem que é e quem que num é ué (+) hoje é FÁCIL...

72ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: MS: ...a gente sabe (+) que ele atende alguns sim (+) tá atendendo (+) então fica diFÍcil uai (+)...

Excerto 2: MS: ...todos vereadores (+) deveriam reuNI: (+) pra tomar uma providência contra o secretário uê (+) num tem como,' uai (+)...

Excerto 3: MS: ...e quem fica prejudicado somos nó::s uai (+)...

Excerto 4: MS: ...vocês podem passar pra vocês verem (+) CEM metros,' (+) cem metros,' é brincadeira isso uai (+)...

Excerto 5: MS: ...trazendo lá o Eriberto Leão lá (+) uai,' (+)qual que é a prioridade?" É uma obra (+) ou prioriDAde é um trazer um um um (+) ator pra receber uma for uma fortuna em dinheiro aí (+) é brincadeira isso uai (+)...

Excerto 6: MS: ...não TINha enfermeira no posto médico uai (+) aí fica diFÍcil uai (+) fica diFÍcil uai (+)...

Excerto 7: M: ...já abriu,' já quebrou a escola inteira agora tem que fazer,' ué (+)...

Excerto 8: N: ...se ês (=eles) fizerem tudo eu vou aplaudir, mas não é assim que acontece ué (+) a realidade é outra...

74ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: L: ...FAZÊ?" (+) indicação pra mandar (+) uai então eu vou mandar o prefeito fazer o que eu quero...

Excerto 2: L: ...e:: medir as palavras também,' o Naércio,' porque fica ruim me::sno (+) uai,' se nós somo do onze ou doze porque...

76ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: LB:gente (+) pra quê a pressa (+) num projeto desse?" (+) ua::i,' mas é isso que tô falano, a gente tem de discutir mais...

Excerto 2: L: ...eu já vi o (+) próprio Tavico reclamando a água de BArro que tá lá (+) uai se o povo quiser continuar bebendo...

80ª Reunião Ordinária de 2022:

Excerto 1: J: ... (+) UAI JÚLIO GORI,' O QUÊ QUE CÊ TÁ FAZENO AQUI? (+)...